BERTRAND RUSSELL — 97 ANOS (ARTIGO DE JOSÉ CUTILEIRO EM MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 772 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

Três americanos prisioneiros da Coreia do Norte

JOAN KENNEDY, esposa do senador que vai testemunhar em breve no caso da morte da secretária Mary Jo Kopechne, perdeu o quarto filho, cujo nascimento era esperado para Fevereiro. (Ler notícia na ultima página)

PANMUNJON (Coreia), 29 — (A. N. I.) — Estão vivos os três tripulantes do helicóptero norte-americano abatido no passado dia 17 sobre o território da Coreia do Norte — anunciou um informador daquele país. Dois deles encontram-se gravemente feridos — acrescentou o informador.

O general norte-coreano Ri Choon Sun declarou em Panmunjon que o capitão David Crawford e Herman Hoffstater sofreram ferimentos graves, mas que não é grave o estado do aspirante Malcolm Loepke.

Estas informações foram prestadas em resposta a um pedido do general norte-americano Arthur Adams, que já por duas vezes tentara, em vão, saber notícias dos tripulantes do helicóptero.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

«ACTO CRIMINOSO»

O general Sun declarou que a Coreia do Norte só estudaria o problema da libertação dos prisioneiros depois de os Estados Unidos terem reconhecido o «acto criminoso» de enviar o helicóptero sobre a Coreia do Norte e de prometerem que tal não voltará a acontecer.

O comando das Nações Unidas, em declaração publicada no passado dia 18, afirmou que as conclusões do inquérito efectuado levaram á conclusão de que o helicóptero desarmado «O. H. 23» «perdeu o rumo e sobrevoou acidentalmente território norte-coreano, quando voava a sul da zona desmilitarizada, em missão de treino».

O piloto transmitiu pela rádio que estava a ser alvejado, que desconhecia a sua posição e que o aparelho estava a cair. No dia seguinte, a Rádio de Pyongyang anunciou ter sido abatido um helicóptero que violara o espaço aéreo norte-coreano.

JORGE AMADO PASSOU POR LISBOA

Jorge Amado esteve hoje algumas horas em Lisboa em escala de uma viagem de quatro meses pela Europa. Mas, no regresso ao Brasil, o famoso escritor demorar-se-á alguns dias no nosso País. Hoje, ele conversou, almoçou e passeou com seus amigos portugueses; e conversou também, simpàticamente, com jornalistas. (Ler na página central)

Quarenta jovens portuguesas a um passo (dois dias) de entrar na sociedade

Estas jovens, de famílias conhecidas, vão ser apresentadas à sociedade durante uma festa de caridade marcada para depois de amanhã no Casino Estoril. Nesta foto, obtida durante o ensaio do desfile das debutantes, pode o leitor vê-las. Na página central divulgamos os seus nomes

ora diga-nos...

Alguma vez usou botas cardadas?

As botas cardadas passaram de moda, pelo menos em certos meios sociais. Mas há ainda quem as use — com toda a incomodidade que elas dão...

● *Manuel da Silva Condinho, electricista, diz:*

— Tive botas cardadas até aos 18 anos. Tenho 39, já lá vão 21... Vivia e trabalhava no campo, e no campo toda a gente usa botas dessas...

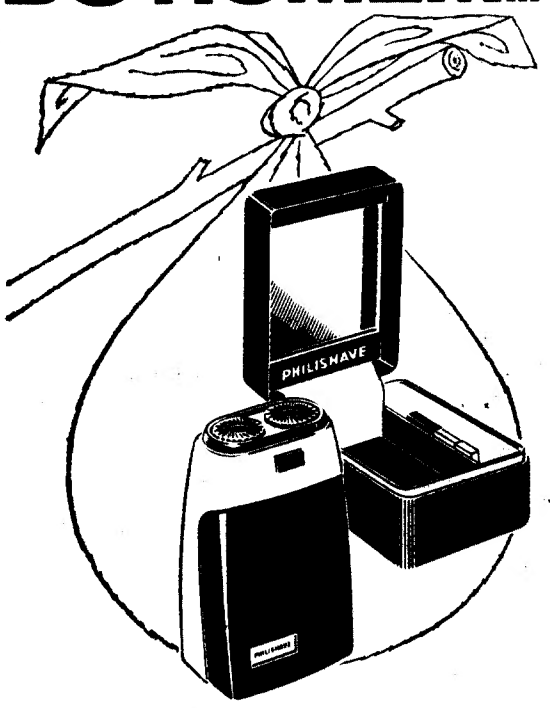
● *Quanto a António José da Silva (não tem nada a ver com o «Judeu»), vendedor de jornais, declara:*

— Já usei botas cardadas quando era pequeno. Lembro-me que escorregava e caía muitas vezes, o que me aborrecia imenso, principalmente quando jogava á bola...

● *José Albertino Pinhais Serrano, de 12 anos, paquete, diz:*

— Sempre usei botas cardadas até há coisa de um ano. Escorregava um bocado, mas já estava habituado. Poupava sapatos e isso é que interessava.

TER BARBA É PRÓPRIO DO HOMEM...



...ASSIM COMO É PRÓPRIO DO HOMEM VIAJAR COM A

PHILISHAVE

DE PILHAS

A MÁQUINA DE BARBEAR AUTÓNOMA QUE O HOMEM MODERNO NÃO DISPENSA

Criada uma Associação de Nadadores-Salvadores Voluntários

O aumento dos banhistas nas praias portuguesas e a criação de um numero cada vez maior de praias de banho, muitas delas apoiando ou suscitando novas zonas de turismo, obriga o Instituto de Socorros a Náufragos, instituição benemérita e humanitária e por lei responsável pela segurança dos banhistas, a reorganizar os seus serviços, por forma a poder continuar a desempenhar com eficiência as tarefas que lhe incumbem.

Dentro desse espírito está em curso a 1.ª Campanha de Segurança nas Praias que, além de uma ampla divulgação das regras de segurança da utilização das praias, compreende o reforço das medidas de segurança nas praias portuguesas

A condução desta campanha, a que o publico tem aderido com muito entusiasmo e carinho, revelou que se torna necessário instituir uma Associação de Nadadores-Salvadores Voluntários, como órgão de apoio e coordenação esquema de segurança que julga dever proteger os banhistas das nossas praias.

As tarefas que hão-de caber a esta associação podem resumir-se, esquemáticamente, da forma seguinte:

Reforço dos nadadores-salvadores dos concessionários na época balnear; guarnecer as embarcações de salvamento; explorar o sistema de vigilancia e comunicações a instalar nas principais praias; assistir os postos de primeiros socorros; tripular as viaturas de assistência a banhistas que apoiarão as praias que não disponham de assistência privativa; ministrar o ensino da natação ás crianças em veraneio nas praias; assistir os turistas com as informações e esclarecimentos que necessitem.

Como forma de recrutamento pensa-se, principalmente, interessar os jovens estudantes, de ambos os sexos e maiores de 16 anos, que saibam nadar bem. A circunstancia de as férias grandes escolares coincidirem com a época balnear oferece-lhes uma boa possibilidade de colaboração.

Aos concorrentes que mereçam aprovação nas provas de admissão, será ministrado um curso de salvamento, socorrismo e patrão de embarcação.

Estes cursos funcionarão em diversos locais do País.

Para concorrer á associação bastará enviar um postal, com o nome, idade, morada e profissão, endereçado á Campanha de Segurança nas Praias — Ministério da Marinha — Praça do Comércio, Lisboa.

DE ONTEM PARA HOJE

A EMIGRAÇÃO CLANDESTINA

A emigração clandestina está a ser autêntico problema nacional, despovoando-se muitas aldeias e lugares de todo o Portugal. Os braços válidos têm saído para França e Aragança, que é como quem diz para a Alemanha, Bélgica, França, Asturias, para esse mundo de Cristo. E ainda recentemente a Imprensa se referiu ás bem precárias condições de vida num bairro dos arrabaldes de Oviedo, onde moravam centenas de portugueses. Quer isto dizer que nem sempre as condições em terra estranha são melhores do que as verificadas na terra portuguesa. Mas a miragem do El Dorado, a que outros chamam a miragem do oiro, e antigamente se classificava de árvore das patacas, exerce fortemente sua atracção sobre milhares de indivíduos, em busca de uma vida melhor. Agora foi na área de Braga que, numa operação «stop», das que a P.S.P. efectua de vez em quando, se tornaram suspeitos os viajantes em três automóveis. Pretendiam eles sair indocumentados do País. Eram os três carros conduzidos pelos motoristas srs. Hernâni Ferreira Alves Pinto, de 32 anos, de Margaride, Ilídio Loureiro, de 30 anos, de Soutelo, perto de Paredes, e Joaquim Carneiro da Silva, de 40 anos, de Rebordosa, Santo Tirso. Transportavam 11 emigrantes, com diversas quantias. Os carros foram apreendidos e os detidos confessaram depois ser sua intenção emigrar clandestinamente.

NEM AS GALINHAS RESISTEM

Tem estado realmente de ananases! Aperta o calor e então lá nesse Reino dos Algarves, o calor é como na mourama. Não poupa, nem cristãos, nem bichos. Ora imaginem que nessa Olhão da Restauração foram recebidos 300 galináceos de um aviário das proximidades de Évora. Foram recebidos, mas mortos por asfixia. O calor apertara no vagão em que as aves seguiam e das grades não se aproveitou um só galinha para as mesas algarvias.

AGRESSÃO DE MORTE

Saíra de casa para apascentar o rebanho. A casa era em S. Bartolomeu do Outeiro e o rebanho achava-se na Fazenda das Vinhas. Chamava-se o maioral Joaquim António Cai Neça, de 78 anos. Saíra de casa, logo de manhã. Mais tarde apareceu morto ali bem perto. A autópsia revelou que fora morto e foram presas duas mulheres que estiveram perto da vítima. Embora neguem, há indícios que as comprometem. Por isso vão ser enviadas a tribunal.

DOIS MORTOS E UM FERIDO

Foi de madrugada, na Ribeira Grande, ilha de S. Miguel. Um automóvel, conduzido pelo sr. Jaime Sampaio, foi chocar violentamente com um camião estacionado. Iam no carro duas pessoas que morreram. Eram os srs. Hermínio da Silva Carreiro, de 24 anos, e Gilberto Carvalho Teixeira Gaipo, de 36 anos, este ultimo casado e pai de quatro filhos. Ferido ficou o condutor do automóvel.

A TIRO

Há dias e dias que o quintal do professor, em Casal Novo, perto de S. João da Madeira, era assaltado. A fruta ia-se embora. Ontem também houve rumor no quintal. Um tiro certeiro, porém, imobilizou o assaltante que ficou com a artéria femural a sangrar, tendo de ir para o Hospital de S. João, no Porto. O agressor desapareceu, enquanto o ferido era identificado, no hospital, como sendo o vizinho Carlos de Almeida, de 28 anos.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

CONCELHO DE LISBOA — 3.º Sector — Calçada dos Sete Moinhos, Calçada da Quintinha (parte) e imediações (das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua dos Douradores de 1 a 41 (das 8 ás 12 horas); Rua da Conceição, de 32 a 50 (das 8 ás 12 horas); Rua 1.º de Dezembro, de 60 a 98 (das 8 ás 12 horas; Rua da Assunção, de 52 a 60 (das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Rua Latino Coelho, Avenida Luís Bivar e imediações (das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Beco dos Toucinheiros, Vila Dias e imediações (das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Praça de Santo Eugénio, Alameda da Encarnação, Rua 17 e Ruas 3, 5, 7, 11, Rua dos Eucaliptos e imediações (das 8 ás 12 horas).

CONCELHO DE CASCAIS — 1.º Zona — S. Pedro do Estoril, Rua João António Gaspar, Quinta da Carreira (norte), Bairro Valongo e Bairro Oliveira do Conde (das 8 ás 15 horas).

CONCELHO DE SINTRA — 2.º Zona — AGUALVA, MOINHOS DA BARROCA (das 8 ás 15 horas).

CONCELHO DE AZAMBUJA — 3.º Zona — VILA NOVA DA RAINHA, AZAMBUJA e linhas de A. T. (norte-sul) entre Espadanal e Cruz do Campo (das 7 ás 14 horas).

CONCELHO DE LOURES — 4.º Zona — Toda a zona industrial e camarária entre S. João da Talha e Verdelha (zonas norte e sul), das 0 ás 12 horas.

CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA — 5.º Zona — VIALONGA, VERDELHA DO RUIVO, BOCA DA LAPA, MORGADOS, SANTA EULÁLIA, SANTA CRUZ, MOGOS, ALPRIATE, QUINTANILHO, GRANJA DO ALPRIATE e PÓVOA (parte), das 0 ás 12 horas.

6.º Zona — ALHANDRA (parte), das 7 ás 14 horas.

CONCELHO DE ALENQUER — 7.º Zona — ALDEIA GALEGA, ALDEIA GAVINHA, MERCEANA, CORTEGANA, PENUZINHOS, ATALAIA, LABRUGEIRA, OLHALVO, POCARIÇA, OTA (vila), OTA (base), ABRIGADA e linha de A. T. entre S. Sebastião e Labrugeira e linha A. T. entre Alenquer e Abrigada.

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

A exploração do espaço pode ser retardada por dificuldades orçamentais

por VICTOR COHN

Exclusivo «The Washington Post» - «Diário de Lisboa»

WASHINGTON (Agosto) — O argumento decisivo — o do dinheiro — no que diz respeito ao futuro do programa espacial começou agora a ser falado.

Um negro de Chicago afirmou: «Fomos á Lua dentro do prazo previsto, com Vietnam ou sem Vietnam, mas quando chegará o dinheiro para nós?»

Os responsáveis pelo programa espacial, e os dirigentes das industrias com ele directamente relaiconadas, replicam: «Explorar o espaço é aceitarmos os desafios do nosso tempo... Construir a Tecnologia e a Economia.

O senador Edward Kennedy, disse em tempos ácerca da corrida para a Lua: «Logo que a alunagem e a exploração estiverem efectivadas, uma parte substancial do orçamento destinado ao espaço deve ser canalizada para a solução dos problemas resultantes da pobreza, poluição da atmosfera e habitação».

Por seu turno, Olin Tcaque, um congressista democrático do Texas, diz que o programa espacial (dispondo de 3,8 biliões de dólares este ano) continua a sofrer de uma anemia perniciosa.

Os sonhadores do espaço e os responsáveis pelos programas em curso querem obter ainda maior expansão. «Construiremos colónias na Lua e estações espaciais no Céu»— afirmam os sonhadores. Por isso: «Para Marte!» Um comboio de naves espaciais levando a bordo médicos, cozinheiros e exploradores, pode desembarcar homens em Marte entre 1982 e 1985» — assevera o dr. Werner von Braun.

O programa oficial da NASA parece-se com o sonho: exploração lunar e estações espaciais, com verdadeiras viagens interplanetárias. Nos meios da NASA, 1985 é a data apontada, embora ainda não oficialmente, para a expedição a Marte.

BILIÕES E MAIS BILIÕES

O custo disto tudo? Mais biliões, certamente muitos mais do que os despendidos para colocar o homem no espaço. E, consequentemente, o «argumento» começou a ser debatido.

A NASA pretende:

1. Dez alunagens, pelo menos, até 1972. Tentativas em cada 4 meses se a Apolo II for bem sucedida.

Sómente em Março, a NASA teve aprovação presidencial para apenas mais 3 alunagens, depois da última tentativa. Com foguetões Saturno, as alunagens adicionais custariam, pelo menos, 2 biliões de dólares, dos 23 ou 24 biliões destinados oficialmente ao programa lunar.

2. Faltam alguns estádios para se pensar, numa base lunar permanente. «É demasiado cedo — segundo afirma, prudentemente, O. Paine, o administrador da NASA —, para decidir quando será necessário. exactamente, a instalação de um complexo desses.» O seu pessoal, no entanto, levou a efeito esutdos no sentido de se determinar como poderá o homem fabricar estranhos e valiosos novos materiais e objectos, no grande vácuo, quase na auência de gravidade.

Por último:

3. Três dos já aprovados voos do primeiro protótipo da estação espacial. Usando a aparelhagem do projecto Apolo II, no que diz respeito a foguetões e pessoal especializado. Este «Programa de Aplicações Apolo» porá três equipas na nossa órbita em 1971-72. Um voo com a duração de 28 dias colocará em órbita uma oficina, num invólucro vazio de um foguetão Saturno. Será visitado, em mais 28 dias, para estudos biomédicos.

Haverá então uma viagem de retorno, com a duração de 56 dias, a este «material enlatado», para instalação de um telescópio. Todas as visitas mencionadas incluem estudos médicos intensos.

4. Departamentos permanentes no espaço, onde seja possível viver-se e trabalhar-se, e dispondo inicialmente de 10 homens, talvez, mas planeados em moldes de poderem acomodar 100 técnicos ao mesmo tempo.

A estação, para dar rendimento, teria de requerer:

5. Uma nave espacial, lançada por um foguetão, mas capaz de voltar à Terra pelos seus próprios meios.

A data não oficial para lançar a estação espacial é 1975 Os planos estão em apreciação. Os testes de voo do protótipo dos veículos mencionados (capazes de voltar á Terra por seus próprios meios), e as experiências de aterragem dos mesmos estão a decorrer.

6. Se todas as experiências forem coroadas de êxito, e o homem puder realmente viver no espaço mês após mês, virá a possibilidade de ser encarada, a longo prazo, a viagem a Marte.

Financiar uma viagem a essse planeta, pode ser empreendimento para *40 ou 100 biliões de dólares*. Financiar apenas a exploração humana. a estação espacial e a nave a que fizemos referência é projecto que dentro de pouco tempo carecerá de um subsídio de 1 ou 2 biliões de dólares, por ano, para além do orçamento normal da NASA.

O conselheiro científico do presidente, dr. Lee Dubridge, já esclareceu duas coisas:

Os fundos da NASA terão de permanecer «estacionários» enquanto prevalecerem as restrições orçamentais. E haverá um programa que se traduzirá em mais alguns dólares para os cientistas, que não estão a pedir estes programas, mas sim, mais alguns satélites não tripulados.

O grupo de trabalhos do presidente Nixon, no que diz respeito ao espaço, chefiado pelo vice-presidente Agnew, está a considerar a hipótese de deixar a NASA fazer sómente duas das três alunagens por ano, o que libertaria pelo menos, 250 milhões de dólares, anualmente, possíveis de destinar a outros objectivos. E não se fala em fazer quaisquer cometimentos com vista á grande viagem a Marte. O grupo pode aprovar alguns modestos planos relacionados com a grande estação espacial e a nave recuperável, se os seus componentes e o presidente ficarem convencidos de que a estação espacial tem importantes actividades a desempenhar, em fins civis e militares, aqui, na Terra. Por outras palavras: «montes de relevancia».

Os sonhadores do espaço, por seu turno, não podem, presumívelmente, escapar ao orçamento fiscal de 1970.

Mas os sonhos sobre o espaço vão permanecer, e tornar-se-ão um dia realidade.

Nota do dia

NAO HA QUE FUGIR

O QUE É O ESSENCIAL? A pergunta salta naturalmente como conclusão do remate que ontem aqui se fazia ao dizer-se que as realidades maiores apagam a mancha cinzenta de tudo quanto é acessório. E aí temos o que nos parece indispensável que cada um seja capaz de diferenciar; o acessório e o principal, que é o que havemos de considerar essencial. Em política, que era do que se tratava e que é, pelos vistos, o que o leitor mais vem espreitar a este canto, o essencial é, talvez o que couber nestes limites: o que possa valer como detonador do progresso desta gente que nós todos somos e a seriedade na aplicação dos métodos escolhidos para desencadear esse ímpeto.

Não é preciso citar números nem consultar cartapácios de qualquer inspiração para sabermos em que altura vamos nós no cortejo da Europa Todos os que nos sentimos com alguma parcela de responsabilidade na condução de qualquer dos aspectos da nossa vida temos bem funda a consciência do ponto onde estamos e da necessidade, primeiro, de ver onde é que se pode e vale a pena tentar o grande esforço susceptível de pronta repercussão, segundo, de arregaçar as mangas com coragem para ver até onde é que pode ir o ímpeto das mãos à obra.

Gostaríamos que o Governo dissesse ao País o que é que, em tal sentido, tem na conta de essencial, nos dissesse quais são os pontos que tem escolhidos para esse tentame que se tenha na conta de decisivo. Gostaríamos ao mesmo tempo que, na hora eleitoral que se avizinha, os que aparecerem a oferecer-se em público como candidatos à deputação viessem igualmente habilitados com a sua escolha para a mesma finalidade. Temos para nós que isto vai ser, tem de ser a pedra de toque para o primeiro julgamento que a opinião vai fazer.

Só as grandes palavras, só por isso, desculpem os portadores delas, não é por aí que se vai às filhós. Queremos receitas de trabalho, regras para as executar. E mal irá àqueles que disso não se tivessem apercebido a tempo para vir à praça oferecer os seus préstimos sem trazer consigo a sacola das ideias bem fornida. «Que traz aí consigo para oferecer?» «Trago aqui uns palavrões bem sonoros para salvar a Pátria.» «Não serve, tiozinho, é andar, tenha paciência.» Só a cor da sacola em que trazem a bagagem não chega Queremos ver por dentro.

A distância que vai das palavras aos actos é uma extensão que nem todos têm alento para correr. Até agora, claro, porque da campanha eleitoral estamos quase a um mês, ainda ninguém disse a sua. Queremos dizer com isto que o que se deixa dito não se aplica a quem quer que seja em particular, mas se enuncia como princípio geral e sistema de crivo por onde hão-de passar todos quantos vierem à baila. Até agora, de eleições, só sabemos o que tem dito quem tem de as promover e acompanhar, isto é, o Governo.

Do Governo reclama-se, naturalmente, muito mais que tudo quanto se requere de um candidato a deputado ou mesmo de um deputado feito. Do Governo reclamam-se um corpo de ideias assente e uma metodologia adequada. Do Governo reclama-se, em resumo, que governe. Mas a quem se pede o máximo não vai, claro, dispensar-se o mínimo. Os atributos acima expressos como essenciais para a participação na vida pública, a tal capacidade de detonação do progresso e a seriedade nos actos, por mais forte razão têm de exornar os governantes.

A seriedade do Governo virá a ser correntemente avaliada pelo rigor com que se der às suas tarefas, pela coincidência que for capaz de exibir entre a palavra e a acção. Não se pode chegar muito longe? Pois o voo das promessas não há-de ir além do que se julgue possível. O Governo, pela detenção dos selos do Estado, carece naturalmente da confiança dos governantes, sem a qual dificilmente escapará à sensação frígida do isolamento. Mas ninguém se iluda, nem nós próprios nem os governantes: a cada instante estamos a ser julgados por aqueles a quem de qualquer modo temos a ambição de nos dirigir: o País inteiro.

Companhias Reunidas Gás e Electricidade

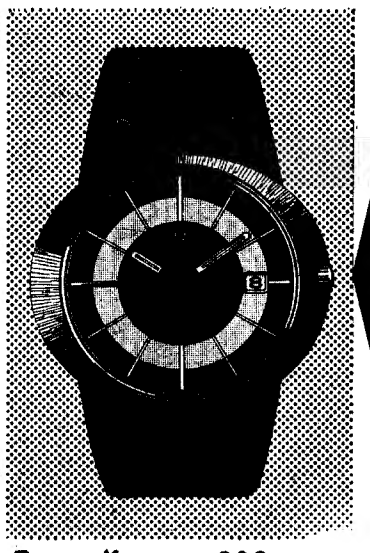
AVISO

Durante o mês de Setembro as nossas Delegações:

de Alvalade — Largo Frei Heitor Pinto, 2 D
de Benfica — Rua General Morais Sarmento, 12 A
da Boavista — Rua da Boavista, 39
de Cabo Ruivo — Av. Marechal Gomes da Costa
do Caramão — Bairro do Caramão, Rua 12, n.º 14
e do Chiado — Rua do Carmo, 15 s/loja

estarão encerradas, por motivo de férias do pessoal.

Entretanto, todos os assuntos podem ser tratados nos nossos escritórios da Rua Camilo Castelo Branco, 43, telefone 53 70 21.



DYNAMIC
Ω
OMEGA
Apresentado na
AGÊNCIA OFICIAL
Relojoaria MAURY
Rua Áurea, 202 LISBOA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

TORRALTA

Club Internacional de Férias SARL

tem o prazer de comunicar

a todos os seus accionistas que

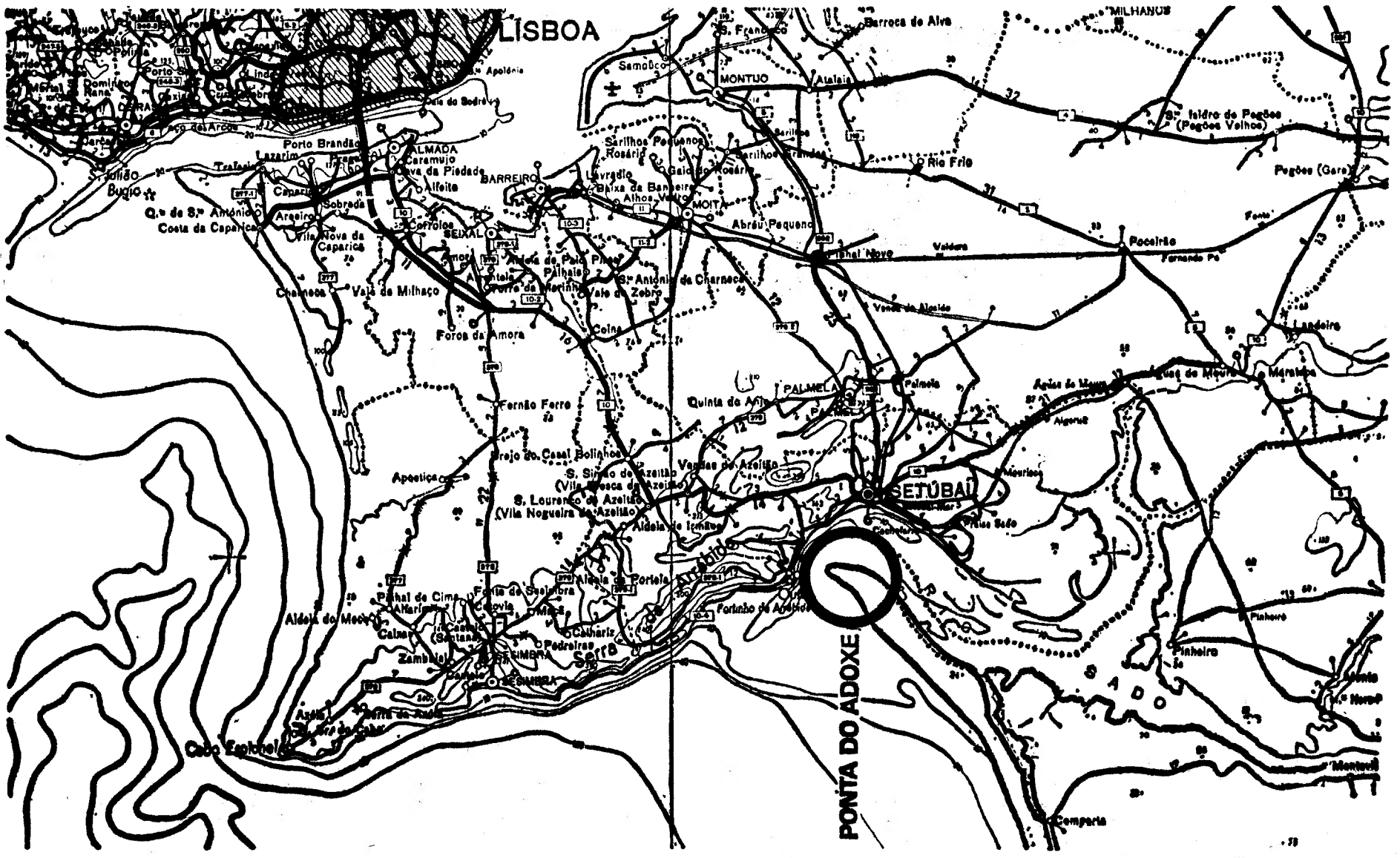
associada à

Sociedade Turística da Ponta do Adoxe SARL

(em constituição)

vai iniciar o empreendimento turístico

da Ponta do Adoxe na Península de Troia



arp

SOCIEDADE TURISTICA DA PONTA DO ADOXE SARL

(em constituição)

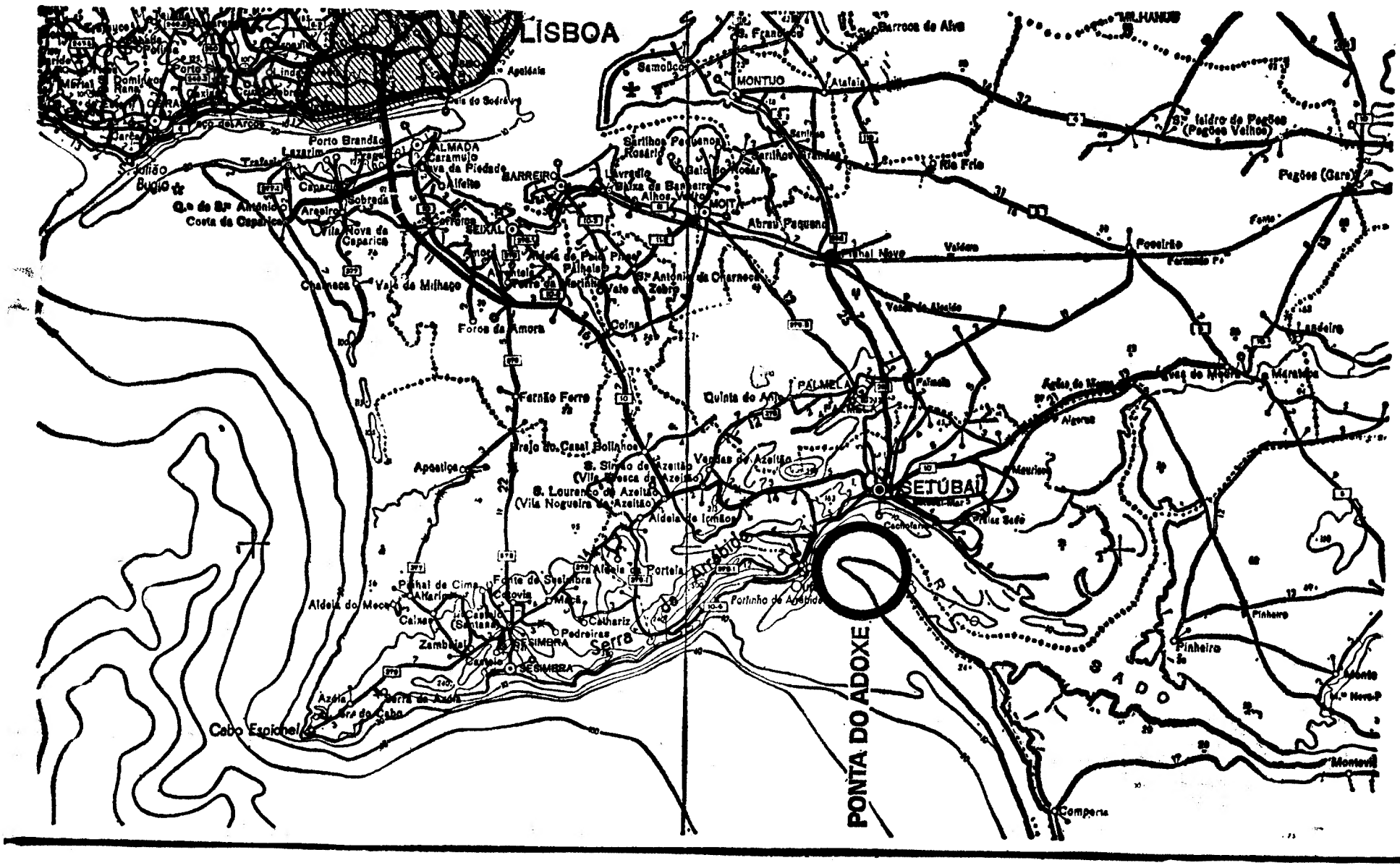
de que é associada

TORRALTA Club Internacional de Férias SARL

anuncia o breve início

do empreendimento turístico da **Ponta do Adoxe**

na Península de Troia



UM CLÁSSICO QUE DESAFIA O TEMPO!

O ANJO AZUL

Der Blaue Engel

UMA OBRA-PRIMA DE JOSEPH VON STERNBERG

com

MARLENE DIETRICH
Emil Jannings
Hans Albers
Kurt Gerron
Wilhelm Diegelmann

HOJE no estúdio 444 às 21.45

M/ 17 anos — Filmes Lusomundo

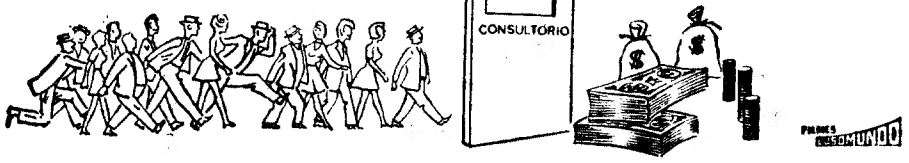
Estes são os 10 MANDAMENTOS dos Médicos da CAIXA... em Itália:

1º — A caixa é uma instituição social plenamente eficiente.
2º — Os doentes devem ser tratados com cortesia e humanidade.
3º — Para fazer carreira, só as capacidades profissionais contam.
4º — O doente tem sempre razão.
5º — Manter com os colegas relações de calorosa lealdade.
6º — Receitar apenas o estritamente necessário.
7º — Comportar-se sempre com destacado cavalheirismo.
8º — As consultas devem ser dadas com a máxima escrupulosidade.
9º — As representantes do sexo fraco devem ser tratadas com seriedade.
10º — Poucas consultas... Muito poucas... Mas bem feitas.

...Mas será isto que executa à risca o famoso Dr. Guido Tersilli

?

ALBERTO SORDI



UMA CARREIRA SENSACIONAL

IL DIÉDICO DELLA MUTUA

com BICE VALORI - SARA FRANCHETTI - EVELYN STEWART - SANDRO MERLI - LEOPOLDO TRIESTE - PUPELLA MAGGIO

realização de Luigi Zampa

M/17 anos

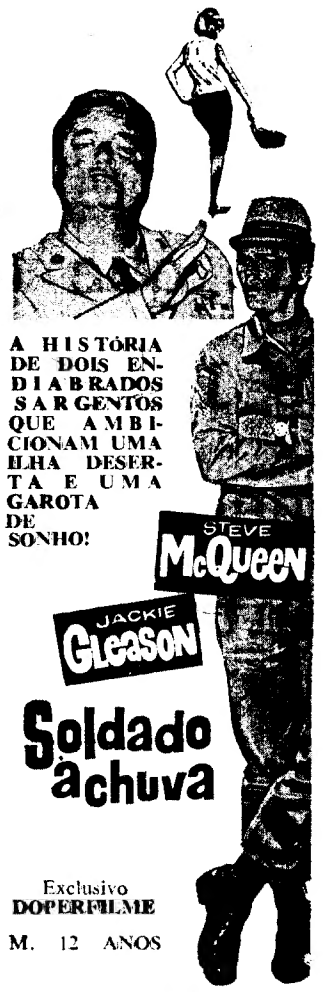
2ª Semana de ÊXITO no MUNDIAL

IMAGEM DO DIA

Reexibe-se esta noite no TIVOLI uma superprodução que merece, como nenhuma outra, a classificação de um espectáculo feliz. Numa atmosfera de sonho, assiste-se ás espantosas aventuras de um automóvel mágico, interpretado por DICK VAN DYKE e Sally Anne Howes.

Como se sabe é uma produção em 70mm, projectada, portanto, no «écran» gigante do TIVOLI.

ESTREIA
HOJE ÀS 21,45
ROMA



A HISTÓRIA DE DOIS ENDIABRADOS SARGENTOS QUE AMBICIONAM UMA ILHA DESERTA E UMA GAROTA DE SONHO!

STEVE McQUEEN
JACKIE GLEASON

Soldado à chuva

Exclusivo DOPERFILME

M. 12 ANOS

Tuesday Weld

POSA FILMS, S.A. apresenta o seu artista exclusivo

MARIO MORENO
CANTINFLAS

UM DOS MAIORES SUCESSOS DO GENIAL ACTOR QUE O PÚBLICO VAI RECORDAR, RIR E APLAUDIR!

Um filme

M/17 anos

O BOLERO DE RAQUEL

em EASTMANCOLOR Realização MIGUEL M. DELGADO

HOJE às 21.45 no EDEN

O QUE É O

SATÉ?

BREVEMENTE O SABERÁ EM CASCAIS

Um êxito clamoroso!

12.ª SEMANA DE ENCHENTES

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA — um espectáculo de VASCO MORGADO com CAMILO, FLORBELA, PAULA RIBAS e RUI DE MASCARENHAS na sala fresquinha do

MONUMENTAL

em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

UMA COMÉDIA FORA DE SÉRIE

O TEATRO VARIEDADES 6.ª semana

VASCO MORGADO apresenta

OS DIREITOS DA MULHER

2 HORAS A RIR

com

UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA

C.ª TEATRO ALEGRE

HENRIQUE SANTANA
IRENE ISIDRO — COSTINHA
LIA GAMA
MARIA HELENA — HENRIQUE SANTOS
LUISA DURÃO
HELENA ISABEL — BENJAMIM FALCÃO

HOJE, ÀS 21.45 H. — (Adultos)

Todas as noites são alegres e de bom convívio na

FEIRA POPULAR de LISBOA

Organizada a favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

UM MUNDO DE DISTRACÇÕES, DAS MAIS VARIADAS E CURIOSAS, PARA QUALQUER QUE SEJA A IDADE E A POSIÇÃO DE QUEM A VISITA

BONS RESTAURANTES! LINDOS STANDS! ÓPTIMOS PRÉMIOS!

HOJE — NOITE CROLLS

A MARCA QUE EM TODO O MUNDO É SÍMBOLO DE QUALIDADE, COM UM VALIOSO SORTEIO DE

UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA DESTA FAMOSA MARCA «CROLLS»

A VOLTA VISTA DA FEIRA TAMBÉM CONTINUA A DAR PRÉMIOS. OS PROGNÓSTICOS DE HOJE VÃO PARA A ETAPA SEIA-AVELAR

SENDO A OFERTA DA FRIPOLO, LDA., UMA CAFETEIRA PARA CAFÉ TODOS OS DIAS: FICA HABILITADO À OFERTA MENSAL DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO, UMA MAGNÍFICA MOTORIZADA CASAL

APENAS 1$50 DE ENTRADA — ABRE ÀS 19 HORAS

No TORTOSENDO o «DIÁRIO DE LISBOA vende-se na LIVRARIA E PAPELARIA CENTRAL — Praça Almeida Garrett.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

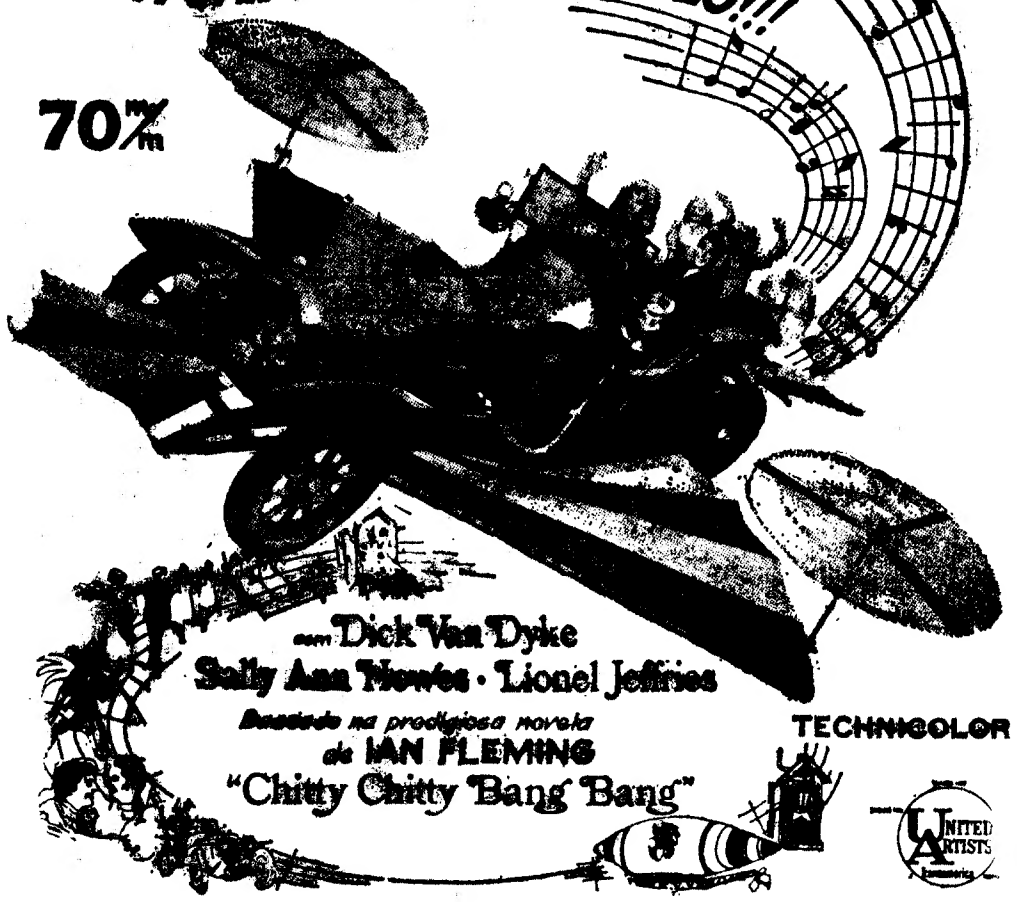
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PARA 4.ª SEMANA DE EXIBIÇÃO
VOLTA AO TIVOLI HOJE ÀS 21,30

"Chitty Chitty Bang Bang"

A MAIS ALUCINANTE FANTASIA NA HISTÓRIA DO ESPECTÁCULO!!!

70mm



com Dick Van Dyke
Sally Ann Howes · Lionel Jeffries
Baseado na prodigiosa novela de IAN FLEMING
"Chitty Chitty Bang Bang"

TECHNICOLOR

Gert Frobe · Anna Quayle · Benny Hill · James Robertson Justice · Robert Helpmann

Maiores de 12 anos

SUPER-PANAVISION TECHNICOLOR

Uma obra de excepção de OTTO PREMINGER

COM TOM TRYON, ROMY SCHNEIDER, CAROL LYNLEY, JILL HAWORTH, RAF VALLONE, JOHN SAXON, JOSEF MEINRAD, BURGESS MEREDITH, OSSIE DAVIS, DOROTHY GISH, TULLIO CARMINATI, MAGGIE McNAMARA, BILL HAYES, CECIL KELLAWAY JOHN HUSTON AS GLENNON Also: Bobby (Morse) and his Adora-Belles
ARGUMENTO DE ROBERT DOZIER, BASEADO NO BEST SELLER INTERNACIONAL DE HENRY MORTON ROBINSON. MÚSICA DE JEROME MOROSS. DESENHOS DE LYLE WHEELER, FOTOGRAFIA DE LEON SHAMROY EM TECHNICOLOR® PANAVISION®. PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE OTTO PREMINGER.

UM ELENCO DE EXCEPÇÃO

SÃO LUIZ Às 21.30 ALVALADE Às 21.45

BICO DOURADO
ESTREIA SEGUNDA-FEIRA O FAMOSO
TONY AMARAL
R. DA MISERICÓRDIA TEL. 368649

AS ESTREIAS DE HOJE

No Eden

Título em português — «O Bolero de Raquel»
Produção — Mexicana
Realização — Miguel M. Delgado
Intérpretes — Mário Moreno, Manola Saavedra, Flor Silvestre e Paquito Fernandez
Género — Comédia
Distribuição — Columbia
Processo — Eastmancolor
Classificação — (17 anos)

No «Estúdio 444»

Título em português — «O anjo azul»
Título original — «Der Blaue Engel»
Produção — Alemã
Realização — Joseph Von, Sternberg
Intérpretes — Marlene Dietrich, Emil Jannings, Hans Albers, Kurt Gerron, e Wilhelm Diegelmann
Género — Aventura
Distribuição — Filmes Lusomundo
Processo — Preto e branco
Classificação — (17 anos)

No Roma

Título em português — «Soldado á chuva»
Produção — Americana
Realização — Ralph Nelson
Intérpretes—Steve McQueen, Jack e Gleason, Fuesday Weid, Tony Bill, Tom Poston e Ed Nelson
Género — Comédia
Distribuição — Doperfilme
Processo — Preto e branco
Classificação — (12 anos)

No Condes

Título em português — «A' margem da lei»
Produção — Italo-alemã
Realização — Giorgio Stegani
Intérpretes — Lee Van Cleef, Graziella Granata, António Sabàoo.
Género — Aventura
Distribuição — Filmes Castelo Lopes
Processo — Technicolor Techniscope
Classificação — (12 anos).

XIII FESTIVAL DE SINTRA
HOJE, 29 DE AGOSTO 18,30 HORAS
CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA
QUINTA DA PIEDADE
(ESTRADA VELHA DE COLARES)
SOLISTAS DE CÂMARA DE PRAGA
Maestro director: EDUARD FISCHER
Solista: IMOGÉNE COOPER (piano)

À SENHORA MARQUESA DO CADAVAL, por amável aquiescência, fica a dever-se a cedência da sua maravilhosa Quinta.

PROGRAMA

1.ª PARTE
Divertimento em lá maior, K318 — Mozart Orquestra
Concerto em lá maior, K414 — Mozart Piano e Orquestra

2.ª PARTE
Serenata em mi maior, op 22 — Mozart
Concerto Brandeburguês n.º 3, em sol maior Bach — Orquestra

Amanhã, 30 de Agosto, ás 21 e 30 horas
RECITAL
TEATRO CARLOS MANUEL
pelo pianista GLEB AKSSELROD
Piano STEINWAY da Casa VALENTIM DE CARVALHO

Os bilhetes para os espectáculos estão à venda: Agência do S.E.I.T., Praça dos Restauradores, Lisboa; Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra. No próprio dia poderão ser adquiridos, desde as 20 horas, no local onde se realiza o espectáculo. Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Queluz ou Sintra.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta
O GRANDE ÍDOLO
LEE VAN CLEEF
INDOMÁVEL! BRUTAL! FULMINANTE!

À MARGEM DA LEI
com
Graziella Granata Antonio Sabàto
TECHNICOLOR Maiores de 12 anos TECHNISCOPE
HOJE ESTREIA
CONDES

Abre no domingo a 17.ª Exposição de Avencas e Begónias no Jardim Zoológico

É aberta ao público no domingo, no Salão da Festas do Jardim Zoológico, a 17.ª Exposição de Avencas e Begónias e outras plantas ornamentais.

Entretanto, amanhã, a direcção do Zoo oferece uma recepção, ás 17 horas, aos directores dos jornais e jornalistas, bem como a outras individualidades, que visitarão igualmente aquele certame.

Concertos públicos

Amanhã efectuam-se, ás 21 e 30, mais dois concertos públicos de iniciativa municipal. Tocam as bandas do Pessoal da Carris, na Alameda D. Afonso Henriques, e a da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Fanhões, na Alameda do Beato.

UM ESCLARECIMENTO DA CARRIS

Da Companhia Carris de Ferro de Lisboa recebemos a seguinte nota:

A Administração da Carris — que tem demonstrado paciência infinita perante os desmandos oratórios de alguns vereadores que se têm apenas evidenciado pelos ataques que dirigem à Companhia — propõe-se, pela consideração que lhe merece o sr. presidente da Câmara, aditar um simples esclarecimento às declarações, feitas na sessão pública de 21 do corrente, que certamente resultaram de insuficiente informação prestada sobre o assunto.

Respondendo a um dos vereadores, o sr. general França Borges esclareceu que as obras do Metropolitano, a partir dos Anjos e a iniciar com o desvio das linhas dos eléctricos, não podiam começar porque a Carris, embora solicitada por ofícios, não havia retirado as referidas linhas para as laterais da Avenida Almirante Reis.

Na realidade, os factos são os seguintes:

A Companhia recebeu três ofícios da Câmara Municipal acerca das obras do Metropolitano. O primeiro, N.º 3787/2.ª/0 de 18.10.67, que não teve seguimento, a pedido dos competentes serviços da mesma Câmara. O segundo, N.º 1729/3.ª/0 de 1.4.69, mantendo-se a Companhia, depois de recebido, em constante contacto com os serviços municipais para definição dos traçados e perfis, ao longo da zona em causa. O terceiro, N.º 2974/2.ª/T de 21.7.69, acompanhado dos desenhos que definiam os referidos traçados e perfis, com a indicação de que já estavam aprovados pela D. G. T. T. Neste último ofício solicitavam-se «as providências necessárias para que, oportunamente, seja possível começar a executar e ir posteriormente executando, de forma progressiva, essa deslocação de maneira que os trabalhos de construção da galeria e estações possam prosseguir normalmente».

Pois bem: na zona em que existia projecto já aprovado — Rua Frei Francisco Foreiro/Praça do Chile — deu-se início imediato aos trabalhos de deslocação da rede aérea e, verificada a impossibilidade de colocar os postes nas cotas previstas, foi pedida autorização aos proprietários para colocar «olhais» — o que tudo se comunicou à 2.ª Repartição de Trânsito da Câmara Municipal, por carta de 1.8.69, a fim de esta poder reforçar, como prèviamente fora acordado, o pedido àqueles proprietários.

Na mesma data, foi remetido às entidades oficiais, por intermédio da Câmara Municipal, o projecto relativo à zona Praça do Chile/Areeiro.

Entretanto, foi já possível colocar alguns «olhais», em virtude de se haverem recebido directamente dos proprietários as autorizações pedidas pela Companhia, mas, por intermédio da Câmara, nenhuma autorização foi ainda transmitida à Carris.

Supõe-se que será possível transferir a linha aérea descendente, entre a Praça do Chile e a Rua Frei Francisco Foreiro, no fim do corrente mês, procedendo-se à deslocação da via, logo que os competentes serviços da Câmara Municipal executem os indispensáveis trabalhos preparatórios.

Lisboa, 28 de Agosto de 1969.

VIDA SOCIAL

D. MADALENA LOBO PIMENTEL PAIVA

A sr.ª D. Mafalda Lobo Pimentel Paiva, casada com o sr. Octávio Paiva e filha do nosso camarada de trabalho Julio Lobo Pimentel deu á luz, na sua residência, uma robusta menina. Mãe e filha encontram-se bem.

DR. SOBRAL BLANCO

Regressou de férias no estrangeiro, acompanhado de sua esposa, e retomou a clínica o conhecido médico sr. dr. Sobral Blanco, chefe dos serviços de saude da Casa da Imprensa.

Dos oito feridos da explosão de Corroios só um está internado

• Os três mortos talvez sejam autopsiados hoje

Dos oito feridos que a explosão de ontem, em Corroios, ocasionou, só um se encontra internado, na Clínica Dr. António Resende Elvas, na Cova da Piedade: João António Barroco, de 26 anos, solteiro, de Veiros (Estremoz).

Os restantes operários feridos — Almerinda da Encarnação Ildefonso, Joaquim Moita, Ercília Chaveiro, Manuel Moreira Cordeiro e Carlos Alberto Teixeira Dias (Hospital de Almada) e Ana Bernardino Remexido e Judite da Silva Gomes (Clínica Dr. António Elvas) — tiveram alta ainda ontem.

A explosão na fábrica de explosivos, cujas causas, segundo um director em exercício, ainda não estão completamente averiguadas, deu morte, como se sabe, a três homens: António Maria Varela, José Manuel Martins e Aurélio Francisco Viegas, cujos corpos devem ser hoje autopsiados.

Estes três operários encontravam-se numa instalação que ficou completamente destruida pela explosão. Parece estar provado que existiam na fábrica as mais rigorosas condições de segurança: as oficinas (inclusive a destruída) estão dentro de covas, e á volta de cada uma existem taludes de areia. Além disso, há um serviço privativo de incêndios, com um comandante da especialidade.

A Comissão de Explosivos ordenou já um inquérito ás causas do acidente.

TAUROMAQUIA

A NOITE DOS CABRESTOS LOUCOS

A favor do Fundo de Assistência aos Toureiros lidaram-se, no Campo Pequeno, ontem, á noite, touros da senhora de Salgueiro e do sr. José Lico, respectivamente, para cavaleiros e «espadas». O 1.º saiu desembolado, e Manuel Conde houve de recolher para ser substituído pelo cavaleiro mexicano Gaston Santos, que em Portugal tomou alternativa e, como os cavaleiros portugueses, veste casaca e toureia. Cravou boas farpas, de frente, e boas das curtas e deu volta á arena com um pegador do Barrete Verde de Alcochete. Demorou o touro meia hora a recolher, por culpa dos cabrestros loucos, que chegaram á porta e de ali ninguém os movia. Manuel Conde toureou muito bem o 2.º, cravando boas farpas, ao som de música e entre ovações e terminando com uma curta a sesgo, porque o touro se refugiava nas tábuas, e difícil foi, até, para ser pegado pelos do Montijo, recolhendo um á enfermaria e acabando por uma cernelha, com mais um para a enfermaria. Manuel Conde deu volta ao redondel, após nova demora de meia hora, ainda por culpa dos cabrestos parvos. José Simões lanceou o 3.º com aplausos e pelejou bem com a muleta, com ambas as mãos, e os absurdos cabrestos voltaram a dar que fazer. Amadeu dos Anjos, após demora para sair o 4.º, foi aplaudido com a capa, e, brindando ao público, aguentou, sem se mover, bons passes por alto e logo preciosos circulares, ao som da música, com volta á arena e ida ao centro.

Intervalo, e outro touro listão, «bragado y meano», pelagem de que ontem saíram quatro, assistimos a uma lide clássica de David Teles, com excelentes e difíceis ferros, porque o touro, como os manos, se refugiava nas tábuas. Muito aplaudido, ao som da música, deu o excelente cavaleiro volta á arena com um do Barrete Verde e depois com todo o grupo. No 6.º cravou boas farpas o cavaleiro Fernando Andrade Salgueiro, um dos que mais tem agora toureado em Espanha no actual intercâmbio. O touro dificultou até as pegas, indo um dos do Montijo para a enfermaria e tendo de se tentar uma cernelha tão impossível que houve de se desistir, com os anteriores problemas dos cabrestos loucos. Para José Simões saiu um novilho que foi protestado e substituído por outro, que não aceitou a capa nem a muleta. E Amadeu não foi mais feliz com o último, e só por sua habilidade justificou o brinde que fez ao sr. dr. Paulo Rodrigues.

E não vão aqueles cabrestos para o matadouro, como os touros. E deixámos nós o convívio amigo da castiça Hermínia Silva, e não pudémos ouvir a genial Amália. Aqueles cabrestos que estiveram para ser laçados como os touros, estragaram-nos a corrida e a noite.

«EL T. PÉREZ»

José Maldonado Cortes

O cavaleiro José Maldonado Cortes, «record» de actuações em Espanha, foi contratado para ali tourear mais cinco corridas: nos dias 7 de Setembro, em Huelva; 11, em Gijon; 14, em Murcia; 15, em Albacete; e, ainda, em Madrid.

José Falcão: quatro orelhas

TORO (Espanha), 29 — (A. N. I.) — José Falcão foi o grande triunfador da corrida ontem realizad em Toro, a Espaha, com toiros do conde de Mayalde. José Falcão cortou duas orelhas no primeiro, e no último, numa «faena» superior e emocionante, cortou, também, duas orelhas.

Alteraram com o «espada» português, Manuel Blazquez (orelha — silêncio) e Gabriel de la Casa (duas orelhas).

O ENSINO RURAL EM MIRANDELA

MIRANDELA, 29 — Com a entrada em funcionamento das magníficas instalações do internato da Escola Prática de Agricultura, na bucólica Quinta dos Carvalhais, veio aumentar em toda a região o interesse da juventude rural por aquele estabelecimento de ensino.

De 1 a 10 do próximo mês, estão abertas, na referida escola, as inscrições para alunos que pretendam frequentar em regime de internato, o curso de agente rural ali ministrado.

Embora lentamente, esta província vai-se habituando a um certo progresso no sector do ensino oficial.

Com as modernas instalações já em funcionamento e com as que agora são ser iniciadas, teremos a Escola Prática de Agricultura ao nível das maiores realizações no género no nosso País. E, sendo assim, daqui lembramos, mais uma vez, a conveniência de que tal escola pudesse ministrar também o curso de regentes agrícolas.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ENGENHEIRO

JOÃO NUNES CORREIA

MISSA DE 4.º ANIVERSÁRIO

Mais uma vez sua mulher pede um simples pensamento ou uma oração a todas as pessoas que o conheceram e estimaram. Uma missa mandada rezar em sua memória pela Administração de Industrias Térmicas Nunes Correia, S.A.R.L., amanhã, às 12 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Encarnação.

Actualidade internacional

INTENSIFICA-SE A CAMPANHA CONTRA A OPUS DEI

MADRID, 29 — (F. P.) — A campanha falangista desencadeada contra a Opus Dei, em seguida ao escândalo financeiro Matesa, atingiu novo grau de virulência. Trata-se da mais dura campanha de Imprensa jamais conhecida pelo regime franquista, sendo neste momento os falangistas apoiados por diversas tendências.

O caso Matesa é o maior escândalo e a maior fraude financeira da História espanhola. Mais de 10 biliões de pesetas foram concedidas pelo banco oficial a uma empresa que acabou por se revelar insolvente.

No seu editorial de ontem, o jornal dos sindicatos (falangista) «Pueblo» exige a revogação ou a demissão dos responsáveis oficiais, atingindo desta forma os titulares das pastas económicas, membros da Opus Dei, e declara-se «perplexo» diante da «incrível fraqueza dos meios de «controle» das questões económicas do país».

O «Pueblo» vem desta forma apoiar os pontos de vista do habdamadário «SP» e do quotidiano homónimo (falangista de esquerda) que já tinham pedido a demissão dos mesmos ministros. Mas aquilo que aos olhos dos observadores, parece mais grave para os membros do Opus Dei, é a ligação de elementos extra-falangistas a esta ofensiva.

Assim, o quotidiano monárquico de Barcelona «La Vanguardia» exige um inquérito total. Por seu turno, o «Ya», ligado á democracia-cristã, interveio também na polémica.

No seu editorial, o «Ya» pede que a questão seja debatida nos Cortes, nos seus mais ínfimos pormenores. «Acreditamos, escreve o jornal, que todos aqueles que tentam minimizar este caso, reduzindo-o apenas ao mau funcionamento de um banco oficial e manter o silêncio, cometem um grave erro. Qualquer coisa mais importante do que isso funcionou mal, a um nível mais elevado que o de um banco, e, quando estas coisas acontecem, a responsabilidade atinge inevitávelmente os postos mais altos».

A tolerância manifestada pelo ministro da Informação, diante de toda esta campanha da Imprensa, espanta os observadores, os quais sublinham que, noutras ocasiões menos importantes, nouve jornalistas vítimas de sanções.

Numerosos observadores pensam que esta estranha tolerância tem por fim diminuir a enorme influência e força dos membros da Opus Dei, que ocupam funções muito elevadas nos sectores das finanças, do Giverno e da Igreja. A habilidade demonstrada por Franco para manter um equilíbrio entre os diversos sectores participantes do Governo, seria assim mais uma vez demonstrada.

Reduzir-se-iam desta forma, segundo os peritos, as possibilidades de formação de um Governo homogéneo, nas mãos da Opus Dei, facto que — segundo algumas opiniões — estava prestes a suceder.

Delírio em Havana

Os cubanos comemoraram uma vitória desportiva sobre os Estados Unidos

HAVANA, 29 — (R.) — Cubanos, em delírio, festejaram a noite passada a sua vitória sobre os Estados Unidos em S. Domingos, no campeonato mundial de beisebol (amadores).

Grupos excitados de «furiosos» andaram nas ruas a lutar pela posse de todas as bolas que foram utilizadas durante o desafio que se realizou na terça-feira. á noite. Havana acendeu todas as suas luzes para festejar, a noite passada, a vitória. Até mesmo os entusiastas mais moderados comemoraram a vitória por 2 a 1 como se se tratasse de um feito militar.

A vitória sobre os seus arqui-rivais, os Estados Unidos, chegou mesmo a atirar para as páginas interiores o tema principal da Imprensa de Cuba — a promessa do primeiro-ministro Fidel Castro de que o país produzirá uma colheita de 10 milhões de toneladas de açucar em Julho de 1970.

«QUALIDADES HUMANAS»

O primeiro-ministro Fidel Castro declarou na Televisão: «Foi uma tremenda vitória — uma grande vitória moral — e, embora não deseje meter a política no campo desportivo, regista-se a possibilidade de que o nosso país subdesenvolvido possua qualidades humanas para competir com êxito com uma nação que conseguiu tão grandes aperfeiçoamentos técnicos.

«Os Estados Unidos conquistaram a Lua, mas não puderam vencer o campeonato mundial de beisebol de amadores» — concluiu Fidel Castro, gracejando.

Bandeira inglesa queimada após um comício de Bernadette Devlin

BERKELEY (Califórnia), 29 — (R.) — Estudantes queimaram uma bandeira britânica minutos depois de Bernadette Devlin empenhada numa cruzada a favor dos direitos civis no Ulster, discursar a noite passada perante duas mil pessoas no auditório da Universidade da Califórnia.

Quando a mais jovem deputada britânica abandonou a sala por uma porta das traseiras, um grupo de 100 jovens saiu pela porta principal, encharcou em gasolina uma bandeira britânica e largou-lhe fogo.

PUNHO FECHADO

Bernadette, que se encontra nos Estados Unidos para angariar fundos a fim de socorrer as pessoas que ficaram sem lar na Irlanda do Norte devido ás desordens religiosas e civis, não viu ou participou na manifestação.

Pediu á audiência, constituída principalmente por estudantes, para exercer pressão sobre o Governo de Nixon a fim de que reconheça a gravidade da situação no Ulster.

«As vossas fábricas encontram-se no nosso país e as vossas bombas equipam os nossos policias» — afirmou.

A deputada católica, que comparou a exploração na Irlanda do Norte á dos negros e brancos pobres na América, retribuiu a saudação revolucionária de punho fechado que a multidão lhe fez no final do seu discurso de 15 minutos.

Bernadette Devlin chegou a Berkeley, vinda de São Francisco, onde garantiu aos americanos que nem um só dólar dos fundos que angariasse nos Estados Unidos seria utilizado para comprar armas.

DESAFIO

«Se desejasse armas do povo da América, afirmaria especificamente que pretendia dinheiro para armas» — declarou a jovem deputada, numa conferência destinada a angariar fundos em São Francisco.

Ao ser-lhe perguntado como o milhão de dólares que projecta angariar será gasto, Bernadette respondeu: «O dinheiro não será empregado em violência. Destinar-se-á ao fundo de auxílio de emergência.

«Não participarei, em nome de alguém, num levantamento em armas feito por irlandeses contra irlandeses... será dada conta de todo o dólar angariado».

A fogosa deputada, de 22 anos, repetiu o seu desafio para um debate público com o «Grupo da Verdade», formado por três membros, que será enviado aos Estados Unidos pelo Governo unionista do Ulster.

«IRLANDA UNIDA»

DUBLIN, 29 — (F. P.) — «A divisão contra a natureza e a partilha da Irlanda» estão na origem das perturbações que se verificaram recentemente no Ulster, declarou o primeiro-ministro da Irlanda, Jack Lynch, num comunicado ontem publicado nesta cidade.

Lynch é de opinião que a presença de tropas britânicas e o facto da Polícia do Ulster estar sob «controle» das autoridades militares trouxeram «alterações fundamentais» ao estatuto constitucional da Irlanda do Norte. Para o primeiro-ministro da Irlanda, já não é posível agora voltar atrás.

O comunicado indica que Lynch não deseja que a questão seja resolvida pela força, mas sim por vias pacíficas. O Governo da República da Irlanda está pronto a entabular negociações com o de Londres, com vista a encontrar uma «solução federal», com a finalidade de erguer uma «Irlanda unida, vivendo na paz e na harmonia».

NOVA CRÍTICA CHINESA AOS DIRIGENTES DA UNIÃO SOVIÉTICA

PEQUIM, 29 — (F. P.) — «A corja de renegados soviéticos continua a atiçar frenéticamente o chauvinismo russo e intensifica a opressão das minorias nacionais da Ásia Central e do Kazakhstan», escreve no seu ultimo numero a revista «Pekyn Information».

«Simultaneamente», acrescenta a revista, «organizou-se uma furiosa corrida aos armamentos e aos preparativos bélicos naquelas regiões, com vista a oporem-se á China».

Esta região, puramente colonial sob o domínio dos czares, mas que conquistou alguns direitos elementares após a Revolução de Outubro «conhece de novo o sofrimento, desde que a corja dos renegados usurpou a direcção do Partido e do Estado, na União Soviética. Os direitos de autonomia nacional das diversas nacionalidades são grosseiramente calcados e numerosos quadros, acusados de «nacionalismo», foram depurados».

«Ultrapassando assim todos os «records» da opressão», declara a revista, «a seita revisionista procede em grande escala á corrida aos armamentos e aos preparativos de guerra, nesta região. Instala rampas de lançamento de foguetões, terrenos de ensaio de armas nucleares e bases militares. Construiu estradas estratégicas e colocou na região importantes efectivos militares. Divulgou a educação militarista entre a juventude e forçou os habitantes da região a alistarem-se em organizações paramilitares antichinesas».

«A seita revisionista», conclui a revista», leva a loucura ao ponto de efectuar manobras militares e paramilitares antichinesas nas regiões fronteiriças e a lançar sistemáticamente provocações armadas».

EM POUCAS LINHAS

● REUNIÃO ÁRABE DE ALTO NÍVEL

CAIRO, 29. — (F. P.) — Os chefes de Estado da R. A. U., da Jordania, da Síria e do Iraque vão reunir-se em breve na capital egípcia, para estudar um certo numero de questões militares da «mais alta importancia», anunciou hoje o jornal «Al Ahram».

● PALESTIANOS MORTOS NO LÍBANO

BEIRUTE, 29. — (F. P.) — O numero de vítimas de um recontro registado em Tripoli, entre as forças de segurança e refugiados palestinianos, seria de dois mortos e de quatro feridos entre os refugiados—escreve esta manhã a Imprensa libanesi.

● LUTA NO VIETNAM

SAIGÃO, 29 — (R.) — Guerrilheiros comunistas mataram 14 soldados norte-americanos e feriram mais 45 durante duas violentas batalhas que se travaram em terras cobertas de erva, a 53 quilómetros ao sul de Da Nang.

BISPOS CATÓLICOS CRITICAM VON THADDEN

BONN, 29 — (F. P.) — Os bispos católicos alemães criticam vivamente o presidente do partido da extrema direita N. P. D., Adolf von Thadden, cujas declarações políticas se aproximam muito, no entender dos bispos, da doutrina nacional-socialista.

Os prelados aludiam, numa declaração ontem publicada, ás palavras que von Thadden pronunciou no passado domingo, numa tempestuosa reunião do seu partido em Bielefeld. O chefe do N. P. D. comentara então que os assistentes deviam ter todos saído dos manicómios da cidade.

Os bispos acham que estas opiniões recordam estranhamente as ideias nazis acerca da eutanásia e dos sub-homens.

Prisões no Rio

RIO DE JANEIRO, 29 — (F. P.) — A Polícia prendeu recentemente no Rio de Janeiro seis pessoas, acusadas de pertencerem a uma organização da extrema esquerda dirigida pelo antigo deputado comunista Carlos Marighela.

Outras pessoas, em numero ignorado, foram igualmente presas em Brasília, pelo mesmo motivo. A Polícia brasileira recusou-se a revelar as respectivas identidades.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TORRALTA
A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL
participe em todos os empreendimentos da Torralta tenha a certeza do seu dinheiro ser mais rentável
conheça a Torralta e decida depois
TORRALTA
CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS S.A.R.L.
LISBOA - Av. Duque de Loulé, 66-A - Telefs. 51746, 54479 e 5[illegible]
LAGOS - Hotel Golfinho - Telefs. 302 - 481/2
PRAIA DE ALVOR - Telefs. 3128, 3211, 3212, 3251, 8252 - PORTIMÃO

MAIS UNS METROS PARA O «METRO»

ALTERAÇÕES DE TRÂNSITO NA ZONA DO CHILE

Grupos de trabalhadores da Carrie começaram, esta manhã, a proceder aos trabalhos prévios necessários ao prolongamento do Metropolitano, na Avenida Almirante Reis. Os trabalhos — nomeadamente os de deslocação das vias dos eléctricos e as mudanças de placas devidas ás alterações introduzidas no trânsito — têm por objectivo permitir que se iniciem amanhã as obras de construção da estação de Arroios, localizada a sul da Praça do Chile.

Por motivo das obras, um troço da Avenida Almirante Reis ficará aberto ao trânsito apenas numa faixa central de seis metros e meio. Por outro lado, e devido ás consequências desta medida, foram alteradas as condições do tráfego na zona, de modo a permitir que haja o mínimo de inconvenientes.

Assim, a RUA JOSÉ FALCÃO passa a ter sentido único (poente - nascente) entre as Ruas Alves Torgo e Francisco Sanches, e sentido único (nascente-poente) entre as ruas Cavaleiro de Oliveira e Francisco Sanches; a RUA FRANCISCO SANCHES terá o actual sentido único invertido, passando a norte-sul, entre as ruas José Falcão e Cavaleiro de Oliveira; a RUA CAVALEIRO DE OLIVEIRA passa a ser de sentido único (sul-norte) entre as ruas Francisco Sanches e José Falcão; a RUA HERÓIS DE QUIONGA ficará com sentido único (norte-sul); á RUA MARQUES DA SILVA é atribuido o sentido único (nascente-poente) no troço entre a Rua Francisco Sanches e Avenida Almirante Reis; á RUA ALVES TORGO é atribuido sentido único (norte-sul) em toda a sua extensão, assim como no lado nascente do Largo de Arroios; a RUA FERREIRA DA SILVA passa a ter sentido único (nascente-poente), o mesmo sucedendo em relação ás ruas EDUARDO BRASÃO (poente-nascente) e ROSA DAMASCENO (norte-sul), entre a Alameda D. Afonso Henriques e a Rua Angela Pinto.

O estacionamento em espinha que se tem verificado na Rua António Pedro não poderá continuar a ser tolerado.

Quanto aos transportes públicos no término das carreiras de carros eléctricos que percorrem a Avenida Almirante Reis e o tinham junto á Praça do Chile, passam, provisòriamente, para as placas junto á Rua Pascoal de Melo, não sofrendo, de momento, alterações as restantes carreiras.

As carreiras de autocarros mantêm as suas actuais paragens, com as seguintes excepções:

CARREIRA 6 — A paragem da Rua Morais Soares junto á Praça do Chile (sentido nascente - poente) é deslocada para a Rua José Falcão, entre as Ruas Cavaleiro de Oliveira e Francisco Sanches; CARREIRA 7—A paragem existente no passeio norte da Rua José Falcão é transferida para o passeio sul; CARREIRA 10 — As paragens zona da Avenida Almirante Reis são transferidas para as placas imediatamente a norte da Praça do Chile.

Operários começam os trabalhos preparatórios do prolongamento do «Metro», na Avenida Almirante Reis

PROCESSO RELATIVO AO DESABAMENTO DE TERRAS NO BARREIRO

BARREIRO, 29 — O Tribunal Judicial desta comarca vai abrir um processo, para apuramento de factos e imputação de enventuais responsabilidades criminais, sobre o desabamento de terras ocorrido na Rua Brás, nesta localidade, em que perdeu a vida João Caeiro Capucho, de 18 anos, servente de pedreiro.

Quando as terras desabaram, deu-se o rebentamento do cano de abastecimento publico de água, colocado sob o passeio da rua. Enquanto o empreiteiro afirma ter sido este facto a origem do desabamento, consta, por outro lado, que não foram cumpridas as normas de segurança dos trabalhadores, havendo falta de escoramento do talude que estava a ser aberto. Este destinava-se a servir de cave do edifício de cinco pisos, que ali ia ser construido.

O funeral do inditoso João Capucho efectuou-se, depois da autópsia, do hospital desta vila para o cemitério do Pinhal Novo.

Algumas das debutantes do próximo domingo durante o ensaio para o desfile

Quarenta belas jovens portuguesas vão ser apresentadas numa festa de caridade no Casino E

Quarenta jovens portuguesas(de idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, pertencentes a famílias das mais conhecidas de Lisboa, estão a dois dias de serem apresentadas á sociedade. Para tal, aproveitam a oportunidade do anunciado jantar de gala marcado para depois de amanhã no Casino Estoril, promovido a favor da Assistência à Maternidade e à Infância D. Sofia Abecassis.

As debutantes, para que tudo saia muito certinho, estiveram no Casino a ensaiar e o «Diário de Lisboa» aproveitou o ensejo para, antes da sua apresentação à alta sociedade, as apresentar ao grande público. O leitor já as viu na foto da 1.ª página e, agora, aqui tem os seus nomes, quase todos eles com apelidos por demais conhecidos: Ana Catarina Carvalho e Silva, Ana O'Neill, Ana Margarida Mello de Castro, Ana Maria Posser de Andrade, Ana Maria Borges Coutinho, Assunção Infante da Câmara, Assunção Calem, Assunção Pinto Basto, Catarina Stilwell, Carolina Almeida Araújo, Fátima Avillez, Felipa d'Orey, Filipa Stilwell, ,Graça Schedell Isabel de Mello Breyner, Josefina Lacerda, Madalena Lima Mayer, Mafalda Vila Franca, Maria do Carmo Paço de Arcos, Maria Domingas Pepulim, Maria João Louro, Maria João Ortigão Ramos, Maria João Borges Coutinho, Maria José Avillez, Maria da Pureza Vaz Raposo, Mariana Bustorff, Mariana Borges Coutinho, Marina Wolfensperger, Margarida Menezes Ferreira, Piedade Seizal, Rita Vinhas. Rita Costa Duarte, Rosarinho Horta e Costa, Teresa Bustorff, Teresa Prego, Teresa Almeida Garrett, Teresa Schmidt, Teresa Telles da Silva, Te
ra Riccia

Durant
rá antec
das debu
-ureiro
main ap
seus prop
sua colec
ra a próx
rá, igual
do «show
valorizado
actor Ra

A T. A
ta iniciat
viagens
Pierre Ba
de vieram
so costur
como se
ma, viaj
para Lisb
tália.

Terminou a reunião de vendas da TAP

Terminou hoje, num hotel desta cidade, a reunião anual de vendas da TAP, em que participaram todos os representantes da Companhia nos territórios nacionais e no estrangeiro onde aquela companhia faz escala.

Usou da palavra o sr. eng. Mendes Barbosa, presidente do conselho de administração da TAP.

É preciso pisar bem, olhar em frente, e

Forças vivas de Queluz apresentaram cumprimentos ao vice-presidente da Câmara de Sintra

QUELUZ, 29 — A convite da Junta de Freguesia de Queluz reuniram-se, nos Paços do Concelho de Sintra, as representações das forças vivas daquela vila, que foram apresentar cumprimentos ao vice-presidente da edilidade sintrense, sr. António José Pereira Forjaz (que substituiu, no cargo de presidente, o sr. coronel Joaquim Duarte Pedro, exonerado, a seu pedido), e aos restantes membros da Câmara.

Assistiram ao acto representantes da Junta de Freguesia, da Liga dos Amigos, da Comissão de Melhoramentos, da Direcção e Comando dos Bombeiros Voluntários, da Comissão Concelhia da União Nacional, da Delegação da Liga dos Combatentes, do quinzenário local «A Voz Académica», das igrejas Católica e Evangelista, do Clube Atlético, da Casa de «Os Belenenses».

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO

Jorge Amado em escala rápida:

«CAETANO VELOSO É O CASTRO ALVES DO BRASIL DE HOJE»

Jorge Amado, o escritor de língua portuguesa de maior projecção em todo o Mundo esteve hoje em Lisboa dez hora, em trânsito numa viagem de quatro meses pela Europa, mas teve tempo para rever amigos, a cidade e conversar longamente com os jornalistas.

O autor falou a bordo do paquete francês «Pasteur» com um numeroso grupo de jornalistas da Imprensa e TV, fundamentalmente contando-lhes a história do seu novo romance, «A Tenda dos Milagres», que Publicações Europa-América vão editar no nosso País.

Segundo se diz nos círculos literários esta nova obra é um regresso ao conteudo politico dos famosos livros da década de trinta, embora em moldes diferentes.

«Trata-se efectivamente de um romance politico pelas suas implicações sociais», confirmou esta manhã o escritor ao redactor do «Diário de Lisboa».

«A Tenda dos Milagres» é um romance que conta a história em dois tempos diferentes de um pequeno homem do povo que a publicidade transforma numa proeminente figura publica, passando do artesanato do «riscador de milagres», profissão inicial e uma das mais pitorescas da Baia, a professor universitário via bedel de Faculdade. As duas partes do romance situam-se assim no tempo: a primeira a vida de homem simples desse riscador de milagres até á sua morte em 1943, passando pela fabricação da sua ascensão social pelo publicitário. A segunda parte do romance é situada 25 anos depois da morte do herói o que resulta desenrolar-se no ano passado, portanto no Brasil de hoje, focando as comemorações que lhe são dedicadas e o que redunda numa crítica social.

«O romance foca muito o problema social, o problema racial do Brasil e acho até que está na linha de «Jubiadá», disse o escritor. «O herói da Tenda dos Milagres» é um pardo que é uma mistura de mulato,» Acrescentou.

A perguntas sobre a moderna literatura brasileira, Amado esquivou-se a dar nomes que mais o tenham impressionado nos ultimos dez anos, mas mais adiante acabou por dizer que no panorama da jovem cultura brasileira há dois nomes que considera fabulosos: Glauber Rocha, o realizador de cinema, e Caetano Veloso.

«Esse menino Veloso é uma força da natureza. Eu acho que ele é o Castro Alves do Brasil de hoje.»

Caetano Veloso esteve recentemente em Lisboa e cantou na TV com seu cunhado e camarada do movimento tropicália Gylberto Gil, que o autor de «Gabriela Cravo e Canela» considera igualmente muito importante.

Amado revelou ainda que o seu livro mais recente, «Dona Flor e seus dois maridos», vendeu até agora cerca de 230 mil exemplares, estando a tratar-se em São Paulo de uma nova edição. Referiu que a literatura portuguesa não é conhecida no Brasil como seria de desejar e declarou que Fernando Pessoa, Ferreira de Castro, Fernando Namora e Miguel Torga são todavia os de maior projecção no imenso território americano de língua portuguesa.

O escritor que se demorará em França e na Grã-Bretanha até meados de Dezembro disse que no regresso ao Brasil estará em Portugal alguns dias por volta do dia 20, saindo para o Brasil a 23, segundo o seus projectos. O regresso será de barco igualmente.

Interrogado a propósito de andar de avião, Jorge Amado disse que passara sua vida voando, mas «gostava muito de ter os pés bem assentes na terra.» Quanto ao moderno movimento literário, Amado disse estar bem informado, acentuou que «a época em que vivemos já não admite nenhum dogma, tudo mudou e a literatura também» e afirmou estar no entanto «mais em fase de reler e de viver do que se embrenhar em novidades.»

Os escritores Ferreira de Castro e Assis Esperança, além de alguns amigos do ecritor estiveram a bordo cumprimentando-o e a sua esposa, que o acompanha nesta viagem que ele classificou «de trabalho.» Amado tratará em França e na Grã-Bretanha do movimento editorial das suas obras.

Jorge Amado falando ao redactor do «Diário de Lisboa». Na foto vêem-se D. Zélia, a esposa do escritor, e o editor Lyon de Castro

Versará os excessos de velocidade e de ruídos de buzina e escapes a campanha da P.V.T. em Setembro

No prosseguimento da Campanha de Segurança na Estrada que vem levando a efeito mês após mês, vai agora a Polícia de Viação e Trânsito fazer incidir a sua vigilância especial na estrada sobre tudo o que constitua *excessos* na condução e circulação, na base dos quais estão muitos e graves acidentes de viação.

De todos, o *excesso de velocidade* é sem dúvida o que constitui maior perigo para a circulação. Excesso de *velocidade relativa*, em que o condutor se ultrapassa a si próprio usando de velocidades que na emergência não pode dominar, especialmente em circunstâncias e locais de visibilidade deficiente em que a prudência e o código mandam que seja reduzida a velocidade. Velocidade que tantas vezes ilude o condutor menos experimentado, convidando o a usar de falsa celeridade que o conduz, muitas vezes, ao Hospital ou ao Necrotério.

Mas há outros excessos que, não sendo tão perigosos como o da velocidade, são, no entanto, motivo de incómodo para os utentes e prejudiciais à saúde pública, tais como os ruídos de buzina e de escapes expelindo fumos e gases tóxicos, o que convém evitar, por meio do uso de dispositivos apropriados e por meio de uma afinação permanente dos órgãos ou aparelhos geradores de energia.

Há ainda os excessos de peso e dimensões dos transportes, que embaraçam o trânsito e comprometem a sua segurança, e finalmente, os excessos de passageiros para além da lotação fixada, o que representa sempre um perigo para os transportes individuais e colectivos.

É, pois, sobre esta vasta matéria que a P. V. T. vai debruçar-se mais atentamente no próximo mês, prevenindo primeiro e autuando depois, procurando assim criar uma consciencialização necessária ao espontâneo cumprimento das normas em vigor.

Disposições legais em causa

Serão, pois, estes os pontos particularmente visados pela fiscalização: *Excesso de velocidade* — Nesta matéria há essencialmente a considerar as infracções aos artigos 7.º, 24.º e 26.º do C. E., abrangendo: *a*) excesso de velocidade com veículos automóveis; *b*) excesso de velocidade com velocípedes; *c*) excesso de velocidade com desrespeito á sinalização. *Excesso de ruídos — a)* Artigo 29.º do C. E. e 16.º do R. C. E., no que respeita a excessos de ruídos de escape nos automóveis: *b*) Artigo 38.º do C. E. e 33.º do R. C. E., no que respeita a ruídos de escape em excesso nos velocípedes; *c*) Artigo 6.º do C. E., no que se refere aos sons estridentes de buzina dentro das localidades; *Excesso de Fumos — a*) A transgressão do artigo 29.º do C. E., para automóveis; *b*) A transgressão do artigo 38º n.º 14 para velocípedes. *Excesso de peso e dimensões legais — a*) Artigo 232.º do R. T. A., no que respeita a excesso de peso; *b*) Artigo 19.º do C. E., no que respeita a excesso de dimensões. *Excesso de passageiros — a*) Artigos 4.º, 5.º, 28.º, e 230.º do R. T. A., e artigo 17.º do C. E., no que se refere a automóveis; *b*) Artigo 38.º n.º 5 do C. E., no que respeita a velocípedes

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

O CAMPISMO NA ORDEM DO DIA

ACAMPAMENTO INTERSÓCIOS DO CLUBE ESTRELA

O Clube Estrela Campismo e Caravanismo vai realizar no sábado e domingo o seu 2.º Acampamento Intersócios, no Paul de Magos, Salvaterra de Magos

Foi escolhido este belo local para mais uma jornada de pura fraternidade e para, em plena actividade de campo, o Clube Estrela poder prestar uma justa homenagem aos dedicados campistas do Clube que, em 17 dias sòmente, fizeram um autêntico «rallye» internacional de campismo, escrevendo uma página de ouro para a vida do Estrela com a sua participação oficial no XXX «Rallye» Internacional da F. I. C. C., que se realizou de 2 a 11 deste mês, em Woburn Abbey, Inglaterra

Foi, sem dúvida, uma jornada inesquecível e todos foram cumulados de gentilezas e contagiando os demais com a sua alegria latina. Estes 45 campistas que se deslocaram em autocarro dignificaram o nome de Portugal, cuja bandeira ondulou na mastro de honra, quando do convite que lhes dirigiram para actuar em seu fogo de campo.

Foi tal o êxito que no dia da saída, quando o autocarro já se preparava para partir, os «Cabindas» tiveram de se apear e, mais uma vez, se exibiram cantando e tocando os nossos «Malhões» «Viras» e «Chulas» que frenèticamente eram aplaudidos, gravados e filmados por dezenas de campistas estrangeiros. Assim, o clube neste seu Intersócios - 69, quer prestar-lhes a sua simples, mas justa homenagem e ouvir, em colóquio, o que foi esta viagem do XXX «Rallye» da F. I. C. C.

A artista junto de um dos seus quadros

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE A. SOUSA COSTA

A pintora Alice Branca de Sousa Costa realiza agora a sua primeira exposição individual. São dezassete os quadros a óleo que expõe, desde ontem, na galeria do Casino Estoril, todos eles prova sobeja de que a artista é estruturalmente e por vocação uma pintora de grande sensibilidade, interpretando a natureza, não só no ar livre como na figura, dentro da verdade — como afirma o professor Domingos Rebelo, no catálogo do certame.

A exposição, que ficará patente ao público durante oito dias, foi inaugurada pelo sr. dr. Manuel Teles, administrador da Sociedade Estoril-Sol.

NA MARAVILHOSA CASCAIS, TERRA DE REIS E PESCADORES DENTRO EM BREVE À APRESENTAÇÃO DO FABULOSO
SATÉ

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

...lesas

...o Estoril

...Silva, Teresa Mantero e Vera Ricciardi.

Durante o jantar, que será antecedido pelo desfile das debutantes, o célebre costureiro francês Pierre Balmain apresentará, com os seus proprios manequins, a sua colecção de modelos para a próxima estação. Haverá, igualmente, a exibição do «show» do Casino Estoril, valorizado com a presença do actor Raul Solnado.

A T. A. P. colaborou nesta iniciativa, oferecendo as viagens aos manequins de Pierre Balmain, que esta tarde vieram de Paris. O famoso costureiro, por sua vez, como se encontrava em Roma, viajou daquela cidade para Lisboa a bordo da Alitália.

...frente, erguer o busto...

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Fausta Augusta Cardoso de Gouveia Teixeira

Faleceu a sr.ª D. Fausta Augusta Cardoso de Gouveia Teixeira, realizando-se o funeral amanhã, pelas 10 horas, da igreja de S. João de Brito, para jazigo de família no cemitério de Arcozelos, no concelho de Moimenta da Beira.

Era irmã das sr.as D. Maria Augusta Cardoso de Gouveia Miranda, D Teresa Augusta Cardoso de Gouveia e D. Alice Augusta Cardoso de Gouveia Almeida, do sr. dr. Acácio de Gouveia e tia das sr.as D. Maria Aurora de Gouveia Miranda Xavier, D. Maria Alice Gouveia de Almeia e D. Maria Olinda de Gouveia Miranda.

A' família enlutada apresentamos condolências.

Eng.º Sebastião de Barros Abreu e Costa

Faleceu o sr. eng.º Sebastião de Barros Abreu e Costa, de 74 anos, viuvo, natural de Coimbra. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da sua residência, na Avenida António Augusto de Aguiar, 15, 5.º, direito, para jazigo de família, no cemitério de Benfica.

Manuel Félix dos Santos

Em Escalos de Baixo, onde nascera e onde era conceituado comerciante, faleceu o sr. Manuel Félix dos Santos, de 67 anos. O extinto, que era benquisto de quantos o conheciam e com ele contactavam, foi também correspondente de vários jornais naquela localidade, tendo o seu funeral constituído uma grande manifestação de pesar.

FUNERAIS

Dr. João António de Bianchi

Da igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério dos Prazeres realizou-se, esta manhã, o funeral do embaixador dr. João António de Bianchi, ontem falecido numa clínica de Lisboa, onde se achava internado há quase um mês.

O dr. João António de Bianchi contava 84 anos, pois nascera em 19 de Dezembro de 1884. Formara-se em Direito na Universidade de Coimbra e entrara para o quadro diplomático e consular em 11 de Junho de 1915, tendo em Setembro desse ano seguido para Londres, para prestar serviço na Embaixada de Portugal na capital britânica.

Em 1919 prestou serviço na delegação portuguesa á Conferência da Paz e de 3 de Julho de 1919 a Fevereiro de 1920 foi encarregado de Negócios em Londres. Foi depois nomeado para diversos postos, tanto na Secretaria de Estado como no estrangeiro. Esteve em Londres e Pequim, em Montreal, Washington e no Rio de Janeiro.

Nos Estados Unidos e no Brasil representou Portugal como embaixador, tendo passado á disponibilidade em 1948.

O embaixador João de Bianchi era casado com a sr.ª D. Claire de Bianchi e pai da sr.ª D. Maria João de Bianchi Nabuco de Gouveia, casada com o sr. Paulo Rio Branco Nabuco de Gouveia, cônsul do Brasil em Dusseldorf.

O funeral esteve a cargo da Agência Magno.

AS ESMOLAS TAMBÉM SE VENCEM NAS FÉRIAS

PORTO, 29 — Não resistimos á tentação de contar a história, por ser curiosa e verdadeira.

Pessoa amiga, á ida para o trabalho, dá a uma pobre velha que se encontra a uma esquina no percurso um escudo diáriamente.. No mês passado esteve em férias fora da cidade; e, no primeiro dia de regresso ao trabalho, ao passar pela velhota, deu-lhe, como de costume, a moeda e ao pegar-lhe, ela logo lhe disse:

— O senhor ainda me deve trinta escudos!

— Devo-lhe trinta escudos?

— Deve-me, sim senhor! Há trinta dias que o senhor não passa por aqui e deve-me o dinheiro desses dias!

— E não pode fazer um abatimentozinho, se eu pagar já? Não pode ficar pelos vinte escudos?

— Está bem, mas só se pagar já!

O nosso amigo deu-lhe os vinte escudos, imediatamente, para que a «dívida» fosse assim reduzida!

Classe especial para formação musical infantil

Continua aberta a inscrição para a classe de educação musical infantil, que funcionará regularmente durante o próximo ano escolar no Centro de Estudos Gregorianos.

Esta classe destina-se a crianças de seis e sete anos, sendo um curso completíssimo de solfejo, segundo os mais modernos princípios da pedagogia, pelo método americano Ward.

O referido curso funcionará de tarde, três vezes por semana, ás segundas, quartas e sextas-feiras.

Além deste curso, outro se efectuará aos sábados, ás 15 horas, para formação de futuros professores de classes infantis.

Na secretaria deste Centro de Estudos prestam-se todas as informações das 10 ás 12 e das 15 ás 19 h.

ATROPELAMENTO MORTAL

PONTE DE SOR, 29 — Um automóvel, conduzido pelo sr. eng.º Rafael Forjaz de Sampaio Guerra e Sá Pessoa de Amorim Mourão, viuvo, de 43 anos, natural de Paranhos (Porto) e residente na Covilhã, colheu o sr. João Cardoso Calafate, de 79 anos, casado, proprietário. O acidente ocorreu, esta manhã, cerca das 11 horas, na estrada Ponte de Sor-Gavião, no lugar de Rosmaninhal.

O condutor do automóvel conduziu o sr. João Calafate ao hospital desta vila, onde este faleceu pouco depois, devido a ter sofrido fractura de crânio.

A P V T tomou conta da ocorrência.

ALGÉS

JOÃO DAVID

FIEL TESOUREIRO DA ALFÂNDEGA DE LISBOA

FALECEU

Fernando Ferreira David, Maria Alda de Azevedo e seu marido e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoaos de suas relações que foi Deus servido chamar á sua divina presença a alma do seu querido e chorado marido, irmão, cunhado, tio e parente cujo funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da capela de Algés de Cima, em Algés para o cemitério de Carnaxide.

TRATA: AG. MACHADO DA COSTA

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 1/2%	640$	—	—
Centenários 4%	1.490$	1.485$	1.490$
Obrigs. Tesouro 5%	1.003$	1.002$	1.004$
Externo 1.ª Série	—	732$	770$
Externo 1.ª Série C.	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	730$	—
Externo 3.ª Série C.	—	—	900$
Cautelas 3.ª Série	—	175$	90$
OBRIGAÇÕES			
	—	—	490$
Águas Lisboa 5%	—	920$	—
A. P. T 5% 56	—	—	—
A. P. T 5% 58	—	890$	—
C. P 4 1/2 65	—	1.012$	—
C. P 5 1/2% 67	—	—	1.010$
C. U. F 6%	—	995$	1.010$
C. U. F 6% 68	—	800$	—
Gás Elect 4% 48	880$	875$	880$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	900$
Gás Elect 5% 52	—	—	895$
Gás Elect 5% 58	895$	890$	900$
Gás Elect 5% 59	—	930$	—
Gás Elect 5% 62	—	920$	926$
Gás Elect 5% 63	—	—	970$
Gás Elect 5% 65	1.022$	1.020$	—
Gás Elect 5% 67	820$	870$	825$
H. E. A. Alentejo 5%	—	—	830$
H. E. Cávado 5%	—	—	1.004$
H. E. Cávado 6%	—	—	820$
H. E. Douro 5%	908$	997$	1.000$
H. E. Douro 6%	—	830$	—
H. E. Norte Port 5%	—	—	999$
H. E. S. Estrela 6%	—	—	860$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	860$
H. E. Zêzere 5% 57	—	1.000$	1.004$
Lisnave 6%	—	—	894$
Metropolitano 4%	—	1.010$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	850$	865$
Nac. Electr. 5%	—	—	870$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	870$
Petroquímica 5%	—	950$	—
Port. Celul. 5%	—	—	950$
Sacor 5% 54	—	870$	—
Sacor 5% 60	—	870$	830$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	860$
Sonefe 5%	—	—	—
T. A. P. 4%	—	800$	810$
Termoelect. Port. 5%	810$	84$	—
U. E. P. 3 3/4%	—	83$	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	82$	84$
U. E. P. 5%	83$	830$	—
U. E. P. 5% 60	—	850$	860$
U. E. P. 5% 63	860$		
AACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1 570$	1.570$	1.580$
Alentejo	870$	860$	880$
Angolo	—	3.200$	3.400$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	3.400$	3.600$
E. Santo	—	19.000$	20 500$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	6.850$	6.850$	6.900$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	7.000$	7.000$	7.100$
Portugal n.	—	3.000$	—
Portugal p.	3.800$	3.750$	3.800$
Totta Aliança	—	6.100$	6.150$
Ultramarino n.	2.950$	2.920$	2.970$
Ultramarino p.	—	—	—
Seguros			
Alentejo	76$	75$	78$
Douro	—	—	—
Mundial	600$	600$	610$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	—
Ultramarino	—	15.000$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	860$
Ag. Cassequel	740$	740$	745$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	300$	375$
Boror	—	180$	190$
Buzi	76$	75$5	77$
Cabinda	—	205$	219$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.885$	1.850$	1.860$
H. E. Revué	610$	600$	620$
Ilha do Príncipe	—	850$	1.050$
Moçambique	—	121$	122$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	371$	380$
Zambézia	76$	73$5	76$
Angolana	—	—	—
C.as Diversas			
Cidla	7.530$	7.520$	7 600$
Cim. Leiria	—	—	4.350$
Cim. Tejo	6.000$	6.000$	6.050$
Col. Navegação	1.500$	1.510$	1.510$
C. U. F.	—	1.450$	1.500$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	3.730$	3.700$	3 800$
Petroquímica	2.380$	2.400$	2.500$
Port. e Colónias	1.680$	1.675$	1.680$
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	1.150$	—	—
Port. Tabacos	790$	786$	790$
Sacor	4 750$	—	—
Siderurgia Nac.	—	1 650$	1.700$
Socel	2.950$	2 930$	2.960$
Tabacos de Portugal	—	1.250$	1.450$
Tabaqueira	7 500$	7 500$	8 000$
U. F. Azoto	830$	827$	830$
Aguas, Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	405$	—
Aguas Lisboa 34	—	416$	—
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Eléct. Beiras	—	—	1.700$
Gás Electr.	427$	427$5	428$
H. E. Alto Alentejo	157$5	157$5	158$
H. E. Cávado	1 285$	1.280$	1.290$
H. E. Douro	1.260$	1.260$	1.265$
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.275$	1.270$	1.280$
Nac. Electricidade	1.300$	—	—
Termoeléctr. Port.	1.275$	1.275$	1.280$
U. E. P.	199$	199$	200$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	193$3	199$1
F. D. E. S.	—	120$2	123$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	22/8	28/8	29/8
GERAL	142,8	141,0	141,1
METRÓPOL	131,4	138,0	137,9
ULTRAM.	167,4	162,7	164,6

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$00	36$50
— Rands de 5 a 20	35$00	37$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,42	$04,62
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham		5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	312$00	327$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

«MULHER IDEAL»

A representante portuguesa em segundo lugar e primeiro prémio de elegância

TERMAS DE MONTECATINI (Itália), 29 — (A. N. I.) — Classificou-se em segundo lugar no concurso geral e conquistou o prémio especial da elegancia a concorrente portuguesa ao titulo de «Mulher Ideal Europeia de 1969», Georgina Ventura Henriques, de 26 anos, assistente de bordo da TAP.

Georgina Henriques, filha de um rico proprietário da região de Santarém, declarou que seu noivo, cujo nome não quis revelar, mas que afirmou ocupar um alto cargo publico, se recusara, inicialmente, a que ela participasse neste concurso, mas que acabara por dar o seu acordo.

A representante de Portugal afirmou-se católica fervorosa e totalmente contrária a qualquer forma artificial de limitação da natalidade, acrescentando: «Quero ter um rancho de filhos».

A «Mulher Ideal Portuguesa», que tem um metro e 78 de altura, revelou que os seus passatempos favoritos são a equitação, o «ballet» e os trabalhos em ceramica.

Afirmou-se também apaixonada pela leitura de boas obras e declarou que, de entre os autores italianos, é Dante o seu preferido.

É ITALIANA A «MULHER IDEAL EUROPEIA»

TERMAS DE MONTECATINI (Itália), 29 — (A. N. I.) — Irene Casiddu, de 29 anos, uma dona de casa da Sardenha, cujos passatempos preferidos são o judo, o mergulho e o teatro amador, foi eleita «Mulher Ideal Europeia de 1969».

A senhora Casiddu, que há dois dias fora eleita Mulher Ideal da Itália», é a primeira italiana a conquistar o título europeu.

APANHADA PELO COMBOIO

VIANA DO CASTELO, 29 — Esta manhã, o comboio que seguia daqui para Vilar Formoso e no qual seguiam emigrantes para França, apanhou, no viaduto de Durrens, entre o apeadeiro do mesmo nome e a estação de Tamel, a sr.ª D. Maria da Conceição Sousa Figueiras, de 46 anos, casada, do lugar da Feira (Barroselas). Deve ter-se precipitado, ao avistar o comboio, pois o viaduto é relativamente estreito.

Deu entrada no hospital, com fractura exposta do braço direito, golpes extensos no couro cabeludo e em estado de choque.

MULHER MORTA QUANDO CONDUZIA UM CARRO DE BOIS

AVEIRO, 29 — Um carro embatendo nas traseiras de um carro de bois atirou este para um talude esmagando na queda a sua condutora, Olinda Baptista, de 30 anos, residente em Oiã, a 10 quilómetros desta cidade. Conduzida a uma casa de saude, a infeliz mulher veio ali a falecer. O condutor do automóvel nada sofreu, mas o carro ficou com grandes estragos. Os animais pouco sofreram.

Segundo as autoridades que tomaram conta da ocorrência o desastre pode ter sido provocado por encandeamento.

ENGENHEIRO

Sebastião de Barros Abreu e Costa

FALECEU

Sua mãe, irmãos, cunhados e sobrinhos, participam o falecimento do seu saudoso filho, irmão, cunhado e tio e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da sua residência, Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 15, 5.º-Dt.º, para jazigo de família no cemitério de Benfica.

AGÊNCIA BARATA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«NOITE DE CINEMA»:

VER, GOSTAR E AMAR

A partir das 22 e 15, é apresentada a comédia musical «Ver, gostar e amar», com Fred Astaire e Vera Ellen nos principais papéis.

Neste filme de Charles Walters há uma «tia rica» que consegue conquistar Fred Astaire, mas quando o aguarda á porta da igreja ele não aparece...

A obra de Charles Walters, um realizador sempre correcto, fino e bem humorado, com especial tendência para destacar figuras femininas, tem alguns dos seus momentos mais significativos na comédia musical, género que podemos á vontade colocar ao lado do «western», como típico da produção norte-americana.

O veterano, mas sempre jovem Fred Astaire, é o principal intérprete da comédia musical «Ver, Gostar e Amar»

«Ver, gostar e amar» («The Belle of New York», de 1952), é bem um exemplo disso: o veterano Fred Astaire revela ainda extraordinários dotes de bailarino, ao lado de Vera Ellen, cedo desaparecida do mundo do filme musical.

Nesta fita, em que uma Nova York fim de século é evocada com gosto e medida, a realização reveste-se de um certo artificialismo e a musica nem sempre é inspirada, ficando-nos como motivo de agrado os diversos bailados da acção, conduzida por Charles Walters, com a habitual correcção, aqui e ali a dizer-nos que era capaz de mais altos voos.

PROGRAMA DE HOJE

Às 19: Abertura e Juventude no Mundo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Vida sã em corpo são; 20: Cartaz TV; 20 e 30: Conheça um Portugal desconhecido; 21: Telejornal Bol. Meteorológico; 21 e 30: A entrevista do mês — António Gedeão; 22 e 15: Noite de cinema — «Ver, Gostar e Amar», comédia musical com Fred Astaire e Vera Ellen; 23 e 40: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 55: Marcha do Mundo; 0 e 15: Meditação e fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim — Bela e Sebastião; 21 e 55: Zip-Zip — 9.º programa; 23 e 50: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura e Nos bastidores da aventura — rubrica para jovens; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: D'álogos de Sábado — pelo rev. padre dr. Serafim Ferreira e Silva; 20: Teledesporto — revista dos principais acontecimentos desportivos da semana; 20 e 30: Ao serviço da Nação — programa das Forças Armadas; 21: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 35: TV Clube — com o grupo Vocal Feminino Harmonia; 22 e 15: TV 7 — revista da semana; 22 e 35: O Fugitivo — com David Janssen, Carol Rossen, Rex Thompson e Bill Quinn. Realização de Leonard Horn; 23 e 35: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 50: Marcha do Mundo e fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

2.º PROGRAMA

«BELA E SEBASTIÃO» E «ZIP-ZIP»

O emissor UHF de Lisboa transmite esta noite, em repetição, mais um episódio filmado do folhetim de produção francesa «Bela e Sebastião», já apresentado na rede nacional em 25 de Abril do ano corrente.

Segue-se, pelas 21 e 55, o programa de Variedades n.º 9 da série «Zip-Zip», realizado por Luís Andrade.

«JUVENTUDE NO MUNDO»

A abrir a emissão de hoje vem o programa dedicado aos telespectadores mais jovens.

É pois em «Juventude no Mundo» a transmitir pelas 19 horas, que são apresentados filmes para jovens provenientes da Finlandia, Itália, Nova Zelandia e Holanda.

Em resumo temos: basquetebol junior, na Finlandia; I Grande Prémio Miniautomóvel na Sicília; a ilha Kapiti; e, por último, uma reportagem sobre importante exposição filatélica para jovens.

ENTREVISTA

O programa literário, transmitido hoje, pelas 21 e 30, é integralmente preenchido por uma entrevista com o poeta António Gedeão, que falará da sua obra e do seu conceito de poesia. A entrevista foi conduzida por Mário Dias Ramos para a rubrica «A entrevista do mês». O habitual programa «Convergência» será transmitido em 12 de Setembro.

Vida sã em corpo são

Conselhos e advertências sobre alimentação, hábitos nocivos e modo de vida dos ulcerados, com vista à sua cura, preenchem a rubrica de hoje, a apresentar pelas 19 e 45, em que o dr. Ramiro da Fonseca, a pedido de muitos telespectadores, explica, pela segunda vez, o que é a úlcera do estômago.

canal da crítica

QUANDO SE CHEGA À ENCRUZILHADA

1 — Amália já não é Rodrigues. É Amália, só Amália, nada mais do que Amália. Amália ganhou direito ao brasão de um nome só. Como Camões, como Napoleão, como Confúcio, como Eusébio, para citar apenas alguns dos mais proeminentes. Amália exportou o fado. Amália, embaixadores de mantilha e guitarra, levou a Mouraria aos comunistas de Moscovo, levou o cachiné do Chico aos coronéis de Atenas, levou os caracolitos ao grande capitalismo americano e — suprema glória, supremo triunfo amalista — levou a Casa da Mariquinhas á majestade dos Jerónimos!

2 — Foi, pois, Amália sem Rodrigues que tivemos ontem num extenso programa que, à falta de outra designação, se intitulou pura e simplesmente Amália. **Seria difícil encontrar outra designação para as variedades já que a cançonetista esgotou o «stock» da Televisão portuguesa: já foi** TV Clube, **já foi** Estúdio C, **já foi** Estrada do Êxito. **Até já foi «Noite de Teatro», mas esqueçamos isso, o que lá vai lá vai!**

A Amália de ontem surgiu-nos mais esforçada no desejo de uma melhoria poética. A sua dicção, na medida em que torna mais coloquial, torna-se também mais compreensível. A renovação musical nem sempre a projecta nos domínios da qualidade. As dores industriais do seu fornecedor Oulman podem não resultar sempre, podem não estar sempre no espírito da letra, como foi o caso, por exemplo, do poema de Ary dos Santos, Melodia melosa e medicamentosa. Eis doente e mole um poema que é por natureza, clamoroso e antiresignação. Aliás, Amália não dá transporte válido aos versos de longo curso: deixa os morrer aos bocadinho.

A alma de Amália é uma alma a curto prazo: não suporta por muito tempo as grandes profundidades.

3 — Lògicamente, porém, Amália Rodri..., perdão!, Amália está perdendo potência de voz. No capítulo «força», Amália já não é a mesma. Quando canta, já não se lhe incham as veias do pescoço. E não se procure disfarçar, arranjar desculpas de mau pagador: se ela tem agora outra maneira, digamos, para a «gaivota» de Alexandre O'Neill, ou para a «Maria Lisboa», de David Mourão-Ferreira, não é pelo prazer estético de descobrir novas formas: é pela incapacidade de chegar onde chegava.

Nesta altura Amália tem dois caminhos a seguir: ou dá por finda a sua carreira, em beleza, deixando uma recordação gostosa nos seus admiradores, sem arriscar aquele transe que pode ser o ponto final colocado pelo destino em fim da frase, (e ontem cheguei a temer que isso acontecesse, tal a insegurança que Amália denunciou), ou se resolve a ganhar algum tempo mais para a convivência com o público adaptando as canções ás suas possibilidades actuais. Canções que, como a «Casa da Mariquinhas» ou a «Formiga» vivam mais da expressão do que do grito, da conversa que do canto. O que está cantado, está cantado. Não há que voltar atrás. Nunca se regressa. Sobretudo, quando se pretende regressar, é muito triste ouvir dizer: «A Amália, coitada, ainda se defende, tem

(Continua na página seguinte)

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Grupo Coral do Seminário de Évora; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No Mundo da Canção; 18 e 20: «Uma gota de sangue e renasce uma vida», programa do Instituto Nacional de sangue; 18 e 50: Reportagem da 23.ª etapa da Volta a Portugal em Bicileta; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio rural — Música só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Diário da Volta — Melodias por orquestras; 20 e 40: 14.º Episódio do folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Ana Hortense e Filipe Duarte; 22 e 50: A Orquestra Caravelli; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Folclore do Mundo — Música da Coreia — Canto Litúrgico de Israel; 16 e 15: Quarteto em dó menor (Grétry) — Quarteto de Liege; 16 e 25: Curiosidades musicais — Obras de Johan Svendsen (compositor norueguês que viveu de 1840 a 1911); 17 e 10: Música de câmara; 18: Música portuguesa; — Viver ou morrer — ópera radiofónica (Joly Braga Santos) — solistas. Coro do Teatro de São Carlos, Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional dirigida pelo autor; 18 e 42: Duas obras de Haendel; 19: Horizonte literário, por Amandio César e Mário António; 19 e 15: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: A pianista Lili Kraus; 20 e 30: Música de câmara — Trio em lá menor (Ravel, para piano, violino e violoncelo; 21: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas; 21 e 43: Música de piano de Shubert, por Ingrid Haebler e Dinu Lipatti; 22: Amores de poeta op. 48 (Schumann); 22 e 30: Quinteto n.º 5 em ré maior (Soler) — Agrupamento Nacional Espanhol de Música de Câmara.

MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: A ópera em três actos «Hansel e Gretel» (Humperdinck); 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — (MF 1 de Lisboa, Porto, Lousã e Monchique) — 95,7 mc/s — Das 21 ás 23: Música ligeira — Música sinfónica — Música coral — Solos.

Às 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento rexentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário: Lisboa á tarde (continuação); 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos... 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Em Foco... 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e palestra religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; em órbita (continuação); 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gã-Gã; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20: Nota de abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: A Itália e as suas canções; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda médiа — 188 m — 1594 — kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e 22 ás 2. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30. **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e 14 e 30 ás 17.

COMICHÃO IRRITANTE

A sua pele tem milhões de delicados poros, onde se esconde a causa da terrível Comichão, Gretas, Eczema, Esfoladuras, Ardores, Acne, Impingens, Psoriase, Cravos, Borbulhas, Comichão nos pés e outras doenças de pele. Os tratamentos vulgares dão apenas alivio temporário, porque não eliminam a causa. A nova descoberta NIXODERM elimina-a dentro de 7 minutos e é positivo que lhe torna a pele suave, clara, atractiva e lisa dentro de uma semana. Compre NIXODERM ao seu farmacêutico hoje mesmo e afaste a verdadeira causa do seu mal de pele.

Nixoderm Para Doenças De Pele

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS

Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL

80 MINUTOS de ENSINO:

LIÇÃO EM CLASSE (50 minutos) +

ESTUDO NOS LABORATÓRIOS (30 minutos)

LICOES INDIVIDUAIS em 6 modalidades

Todos os NIVEIS

R. Mouzinho da Silveira, 25

Tel. 538494

EXTENSÃO CULTURAL DO CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS:

«LINGUA PORTUGUESA»

pelo Rádio Clube Português Hoje, às 23,15 (Miramar) 2.ª-Feira, às 19,45 (Lisboa)

3.ª FASE DA REBOLEIRA

VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

Iniciada a 3.ª fase

J. PIMENTA, S. A. R. L.

oferece-lhe as garantias de sempre, dentro de uma melhor e maior gama de Apartamentos Mobilados

180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS (Espargal), CASCAIS (por detrás do Hotel Baía).

PROPRIEDADES À VENDA EM: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS E LISBOA

LISBOA: R. Conde Redondo, 53, 4.º-Esq.—Tel. 45843/47843
QUELUZ: R. D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora—Serviço Permanente—Tel. 93 36 70

O PROBLEMA DA GORJETA

Começou a vigorar, no passado dia 1, como é do conhecimento geral, um contrato colectivo de trabalho para os restaurantes, cafés e similares do Sul, o qual abrange os estabelecimentos oficialmente classificados como restaurantes, cafés, cervejarias, botequins ou bares, salões de dança, (cabarés e boites), esplanadas e bufetes.

Têm, porém, surgido duvidas sobre se tal convenção colectiva é aplicável aos estabelecimentos classificados de leitarias, confeitarias e pastelarias. Na realidade, estes ultimos estabelecimentos não são abrangidos pelo referido contrato, dado que os Grémios que os representam — Grémios das Leitarias, Confeitarias e Pastelarias — não o assinaram. Portanto as condições de prestação de serviço constantes da referida convenção não são aplicáveis aos trabalhadores que se empregam nesses ultimos estabelecimentos, nomeadamente pelo que respeita á taxa de serviço.

Entretanto, e para obviar a todos os inconvenientes resultantes desta situação, está em negociação um contrato colectivo de trabalho congénere para os empregados aos serviço das leitarias, confeitarias e pastelarias, cujo projecto acaba de ser elaborado pelo Sindicato Nacional dos Profissionais da Industria Hoteleira e Similares do Sul.

canal da crítica

(Continuaçao da pág. anterior

muito ofício...» O que se viveu, viveu-se. Viva o que somos!

4 — A realização de Luís Andrade nunca entrou na área da verdade. De Amália nunca houve gente: houve sempre máscara. Amália impôs o jogo á zona. Daí que não resultasse vivência, mas convivência. Isto sucede, possivelmente, porque Amália Rodrigues exige ser vista como estrela — primeira figura-de-cartaz e não como uma pessoa viva, portadora de uma naturalidade de ser. O que vemos é uma Amália sempre em pose, aquelas pobres mãos muito sofrem coitadas, na espremedura barata dos cadilhos e do cordão. Pose que atinge a fronteira do ridículo como na parte final da «Formiga» e ao longo de toda a «Viuvinha», pois é, o mal foi terem-na convencido das suas qualidades de actriz...

Ao recusar-se entrar na área da verdade, Luís Andrade não recusou, no entanto, fingir que entrava. Luís Andrade fez batota com os seus grandes planos. Era como se um jogador de futebol, ao rematar para golo, o fizesse de propósito para o guarda-redes, defender... O mito foi protegido, defendido com uma barreira de arame farpado de imagens favoráveis A provar que há imagens e desimagens. E que é preciso optar.

VIANA E SEU TERMO

Mandar Augusto Cabrita a Viana do Castelo foi uma excelente jogada no terreno da inteligência Eis uma prova de que a qualidade rende sempre altíssimos juros: ontem, ao evitar-se a imagem turistiqueira ou folclorística, conseguiu-se interesse á volta das festas da Senhora da Agonia, melhor do que num mero documentário engraxa-botas.

Compreenderá melhor isto quem se recordar do documentário «Encontro com o Algarve» emitido antes do festival alcunhado *«de Musica Portuguesa»*.

Augusto Cabrita mergulhou na realidade com um olhar profundamente humano e vivo e construiu o seu filme com lucidez. As primeiras imagens estranhamente tranquilas, onde a luz brinca á Debussy, preparam o espectador para a explosão dos zés pereiras; a dança das máscaras e dos rostos (onde acaba o rosto? Onde começa a máscara?) sublinha, na sua sucessão vertiginosa, a presença da mulher do povo *(«Ai Jasus, o meu nome não...»)* dura e concreta na sua humanidade, em oposição ao recorte de títeres dos *cabeçudos*. Quer dizer: ao assumir uma realidade, Augusto Cabrita não se atrela passivamente a essa mesma realidade. Pelo contrário: domina-a, encaminha-a. Há uma transposição, nunca uma subordinação. Nele, não é apenas o fogo-de-artifício que explode: são as pessoas que explodem.

Práticamente, neste documentário só há mulheres, só o rosto das mulheres tem vida e expressão. Ainda aí o instinto de caçador de Augusto Cabrita acertou. O Minho tem a força das suas mulheres, porque são as mulheres que ficam. Leia-se Camilo, António da Costa, Ramalho Ortigão: eles explicam esse domínio da presença feminina.

Perfeita a unidade da imagem e da palavra, até na medida em que se completarem sem intromissão nos respectivos domínios. Há um recorte literário, um poder de quem grava na pedra para resistir ao tempo, nas intervenções das duas velhas. Só para escutá las, só para sentir esta comoção diante da vitalidade da nossa língua viva no quotidiano vivo, teria valido a pena assistir a «Viana e seu termo».

Fica-nos nos olhos a derradeira imagem de uma mulher á frente do carro de bois: símbolo da realidade que nenhum fogo-de artifício, nenhuma vertigem de rancho folclórico, nenhum esgar de máscara consegue apagar como se apaga um risco na ardósia.

Augusto Cabrita: um realizador que soube estar de pé da primeira á ultima imagem.

MÁRIO CASTRIM

EM TRÊS LINHAS

Foi publicado o texto do Decreto-Lei n.º 49 212, que revoga os Decretos-Leis n.º 36 173, 32 749, 44 784 e demais legislação complementar, e versa sobre contratos individuais de trabalho e convenções colectivas.

///

A seu pedido, foi exonerado do cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Évora, o eng.º António Jacinto Rosado Murteira.

///

Foi declarada de utilidade turística prévia a «boite» que a firma inglesa Downey & Players, Ltd., levou a efeito em Faro.

REUNIÃO DO ROTARY CLUBE DE LISBOA

A próxima reunião do Rotary Clube de Lisboa, que se efectua no Hotel Tivoli, na terça-feira, pelas 12 e 45, será dedicada ao tema «Companheirismo».

CUIDADO COM AS CRIANÇAS!

VISEU, 29 — Foi levado ao hospital onde ficou em perigo de vida, o pequenito Orlando da Silva Cardoso, de 18 meses, do Bairro de Santiago, que ingeriu lexívia.

BEDFORD KM

CAMIÃO DE MAIOR CARGA ÚTIL - 10 000 kg
CAIXAS DE CARGA ATÉ 7,38 m
TRAVÕES A AR COMPRIMIDO C/ 2 CIRCUITOS
DIRECÇÃO COMPLETAMENTE ASSISTIDA

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a

SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 5 81 11
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

AEROPORTO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE DOIS AUTO TANQUES PARA REABASTECIMENTO DE VIATURAS DE SERVIÇO DE INCÊNDIO

1. Faz-se publico que, pelas 15 horas do dia 30 de Setembro de 1969, no Aeroporto de Lisboa e perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso publico para o fornecimento das viaturas acima referidas.

2. Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar o depósito provisório de Esc. 40.000$00 (quarenta mil escudos) na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência ou nas suas filiais, até ás 16 horas da véspera do dia do concurso, mediante guia passada pela Secretaria do Aeroporto de Lisboa.

3. O depósito pode ser substituído por garantia bancária prestada a favor do Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa, devidamente aprovada por Sua Excelência o Ministro das Finanças, através da Direcção-Geral da Fazenda Publica.

4. O respectivo Programa de Concurso e Caderno de Encargos poderão ser consultados todos os dias uteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que sómente poderão ser consultados das 9 ás 12,30 horas, na Secretaria do Aeroporto de Lisboa.

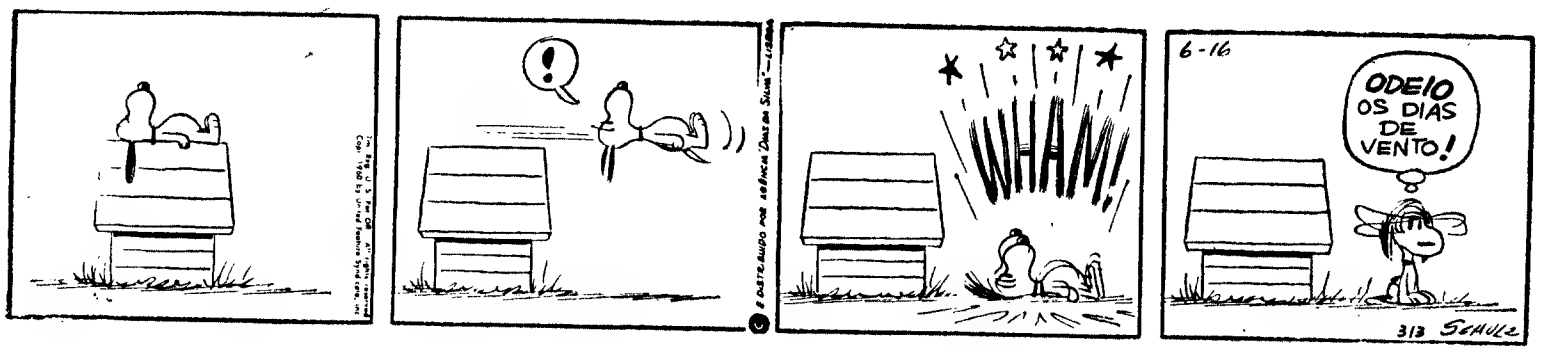
Aeroporto de Lisboa, em 27 de Agosto de 1969

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

FERGUSON

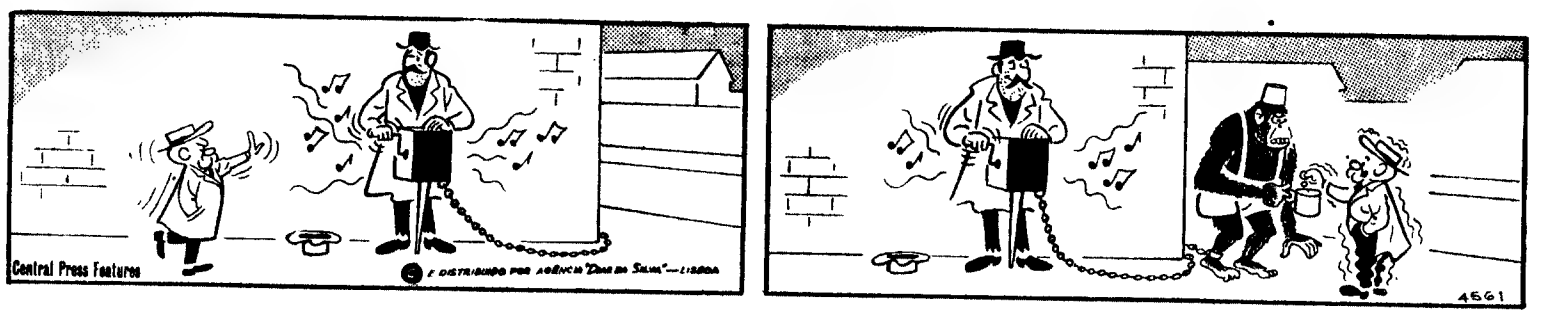
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Agosto de 1939 publicava:

BERLIM, 29 — A entrevista do embaixador inglês, Sir Neville Henderson, durante a qual este diplomata fez entrega ao «Fuhrer» da resposta do governo britânico durou cerca de uma hora.

Em seguida, o chanceler Hitler reuniu-se com alguns dos seus mais próximos colaboradores, entre os quais Ribbentrop e Goering, ao mesmo tempo que Henderson se dirigia para o edifício da embaixada britânica, de onde comunicou telefónicamente para Londres.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O embaixador da Venezuela em Lisboa, dr. Rafael Armando Rojas, que vai abandonar aquele posto por ter sido transferido, agradeceu ao director do «Diário de Lisboa» «as facilidades que o seu importante jorna, sempre me concedeu durante o desempenho da minha missão».

Palavras cruzadas

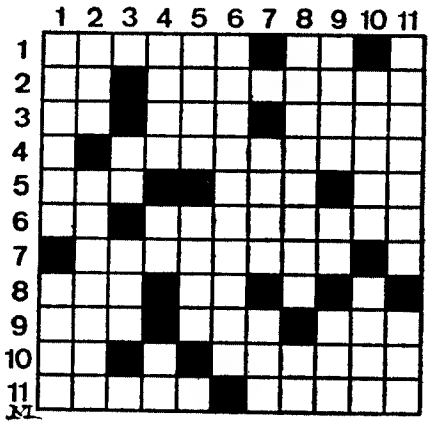
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5282

HORIZONTAIS: 1 — Vegetal lenhoso, de tronco elevado. Aqu 2 — Pretexto. Destaço 3 — Pronome pessoal. Chefe etíope. Deteriorado. 4 — Decida. 5 — Rio da Itália, afluente do Pó. Recusa. Símbolo químico do níton. 6 — Nota de música. Chapéu de dois bicos. 7 — Examinei. 8 — Içe. Entrega. 9 — Favorável. Gemidos. Partiam. 0 — Símbolo químico da prata. Obscuridade. 11 — Trepam. Mulheres de instintos ferinos.

VERTICAIS: 1 — Só. Margens. 2 — Arguido. Conversação entre duas pessoas. 3 — Preposição e artigo. Hora do ofício divino, entre as sextas e as vésperas. 4 — Saco de pele para líquidos. Símbolo químico do bário. No caso de. 5 — Gracejes. Nome de mulher. 6 — Principais. 7 — Punhados. Nota de música. 8 — Corpora. A mim. 9 — Poisa na Lua. Símbolo químico do níquel. Ilha do arquipélago de Querimba (Moçambique). 10 — Espécie de lona para velas e toldos de embarcações. Querida. 11 — Inferior em qualidade. Porém.

Diálogo. 3 — Da. Noa. 4 — Odre. Ba. Se. 5 — Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito. Corpóreo. Me. 9 — Alua. Ni. Ibe. 10 — Vitre.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5281

Rias. Ilda. 6 — Essenciais. 7 — Mãos. Sol. 8 — HORIZONTAIS: 1 — Há. Pesquins. 2 — Raro. Urrou. 3 — Arco. Cear. 4 — Boémio. Nada. 5 — Abrev.ei. Ar. 6 — Te. Torso. Ri. 7 — É. Vê. 8 — Rs. Recuara. 9 — Ias. MAIS. De. 10 — Aleta. FÁCIL. 11 — Mi. Pesara.

VERTICAIS: 1 — Abateriam. 2 — Arrobe. Sol. 3 — Acér. Sem. 4 — PROMETER. Ti. 5 — Ao. Ivo. Ema. 6 — Cair. Cá. 7 — QUE. Esquife. 8 — Urânio. Asas. 9 — Irra. Ir. Cá. 10 — Nó. DAR. Adir. 11 — Sugaria. Ela.

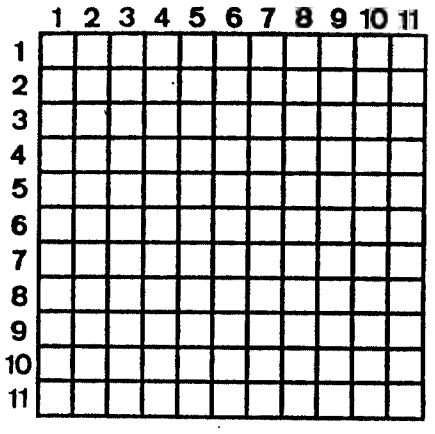
(Provérbio: É MAIS FÁCIL PROMETER QUE DAR).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9125

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Vila e concelho do distrito de Portalegre. 2 — Apelido. Consentimento. Fúteis. 3 — A folhagem das plantas. Narração dos tempos fabulosos ou heróicos. 4 — Freguesia do concelho do Cartaxo. Lodaçal. 5 — Sobrava. 6 — Letra grega. Crómio (s. q.). 7 — Esclarece com comentários. Alcorão. 8 — Sentinelas. Empunhara. 9 — Lavrar. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 10 — Rio da Escócia. Clonidade. Nome de letra. 11 — Guarneceríamos de arames.

VERTICAIS: — Igual. Fita para ornato do pescoço. 2 — Verbal. Sobrecarregar. 3 — Versejar. Árvore leguminosa. 4 — Tornar mais estreito. 5 — Artigo definido. Campeão. Artigo definido. Oferece. 6 — Satélite de Júpiter. Pronome pessoal. Senhor em inglês. 7 — Novecentos em romano. Caminhe. Aqui. Nesse lugar. 8 — Afectuoso. 9 — Previne. Concordam. 10 — Papá. Nome de peixe. 11 — Sufixo que designa abundância. Trovejaras.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9124

HORIZONTAIS: 1 — Tapar. Manha. 2 — Oval. Teor. 3 — Ais. Tua. Grã. 4 — Despistaram. 5 — Amais. Idoso. 6 — Sra. Nas. 7 — Lá. An. Ao. CC. 8 — Ena. Aer. Par. 9 — Natas. Abano. 10 — Dias. Atoa. 11 — Assem. Troas.

VERTICAIS: 1 — Toada. Lenda. 2 — Aviem. Anais. 3 — Passas. Atas. 4 — Al. Pira. Ase. 5 — Tisanas. 6 — Sus. 7 — Afinara. 8 — At. Adão. Bar. 9 — Negros. Poto. 10 — Horas. Canoa. 11 — Aramo. Croas.

NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINOS
«MOÇAMBIQUE» CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO	de 25 Outubro a 1 Novembro	Barcelona, Palma de Maiorca, Gibraltar, Lisboa. **Preços especiais a partir de Esc. 1 900$00**
«MOÇAMBIQUE» *	31 Agosto	S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala
«ROVUMA»	5 Setembro	Leixões, Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre, Cuio e Dande.
«NACALA» *	7 Setembro	Funchal, Luanda, Lourenço Marques, Beira, Nacala e Porto Amélia.
«P. PERFEITO»	9 Setembro	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«NAVIO A DESIGNAR» *	18 Setembro	S. Tomé, Luanda, Lobito e Moçamedes.

*** — Com escala prévia por Leixões.**

LISBOA: Rua do Comércio, 88 Tel.: 323021
Reserva de passagens: 34764 - 369172

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Tel. 22438

Volta a Portugal em bicicleta

HOJE, «DIA D» DA VOLTA

NAS PENHAS DA SAÚDE ÀS SEIS DA TARDE

ALCAINS, 29 — Aos 64 quilómetros da etapa de hoje, isto é, quase ás seis da tarde, aí temos a Volta no seu ponto mais alto. As famosas Penhas da Saúde estão lá no cimo da longa e íngreme ladeira, que é o supremo desafio não só ás qualidades técnicas e atléticas dos corredores, mas também ao seu espírito de sacrifício, à sua capacidade de sofrimento. E talvez por volta das seis da tarde, nas Penhas, já se possa ter uma mais clara ideia sobre a decisão desta Volta, que se aproxima do fim, mas que está ainda carregada de dúvidas quanto aos seus problemas fulcrais (as vitórias individual e colectiva), que tem particularmente em foco quatro nomes: Mendes, Agostinho, Andrade e Mário Silva.

Simplesmente a etapa não acaba nas Penhas da Saúde nem sequer no alto da outra espinhosa subida que se lhe segue: a da Torre. E até pode dar-se o caso de que o esforço dos trepadores para chegar ao cimo, na dianteira, venha a inutilizar-se nos vinte e quatro quilómetros seguintes, até Seia, ao longo de subidas e descidas e de estradas em mau estado. Até em «péssimo estado» (segundo o assinala o livro da Volta) á aproximação da Aldeia da Serra.

De qualquer modo, muito há a esperar desta etapa, até porque dela têm estado os corredores á espera. E aqui não há mais o pelotão compacto, a vigilância recíproca entre os favoritos, a atitude cautelosa, a poupança de energias, é cada um a dar o máximo.

Fernando Mendes, um moço ciclista que ainda dará mais que falar, parece encontrar-se em excelente condição física. E confiante em si próprio. Ele tem a esperança firme em continuar vestido de amarelo após a grande batalha da Estrela.

Por outro lado, Joaquim Agostinho, espicaçado nos seus brios de campeão, tentará erguer-se ao trono da admiração popular. E Andrade e Mário Silva até agora muito discretos, muito sossegados (é um modo de viver, claro), mas evidentemente perto da camisola amarela, para que todos os seus sonhos sejam naturalíssimos, vão seguramente fazer o que ainda não fizeram: tentar.

Outros corredores, com menos possibilidades á vitória final, mas em despique por posições em evidência, terão hoje um exame difícil: Firmino Bernardino, Vitor Rocha e Leonel Miranda, do Sporting; Américo Silva e Augusto Fortes, o jovem estreante, do Benfica; Pacheco, Azevedo e Niel, do Porto; Graça, do Ginásio de Tavira; e Herculano de Oliveira (um trepador por excelência), do Sangalhos.

Haverá, como sempre, público numeroso a assistir á escalada para as Penhas da Saúde. E haverá como sempre, as ajudazinhas, os corredores empurrados ladeira acima, o que poderia interpretar-se como um gesto amigo e generoso se não houvesse, aqui e além, uma intenção de raiz clubista. Só se deseja que o público não interfira a ponto de desvirtuar a verdade da corrida.

Hoje, entre Alcains e Seia (102 quilómetros), a Volta sobe, sobe...

REPORTAGEM DE MÁRIO ZAMBUJAL

Enviado especial do «DIÁRIO DE LISBOA»

AS ETAPAS DE AMANHÃ

Amanhã, penultimo dia da Volta, disputam-se duas etapas: a primeira, de manhã, entre Seia e Avelar, na distancia de 157 quilómetros; á tarde, a segunda, a ligar Avelar a Abrantes, num percurso de 78 quilómetros.

Depois das duríssimas escaladas da etapa desta tarde, não se podem considerar repousantes as duas tiradas a cumprir amanhã. Com efeito entre Seia e Avelar, mais exactamente entre Candal e a Sapateira, far-se-á a derradeira contagem de 2.ª categoria para o Prémio da Montanha (Prémio «Caves da Montanha»), em plena serra da Lousã.

Depois, á tarde, a corrida desenrola-se em terrenos planos onde os roladores (se os deixarem) poderão rectificar posições. A caminhada até Abrantes não oferece dificuldades de maior, a não ser que a velocidade aumente consideràvelmente. O que bem pode acontecer.

ABRANTES PREPARA CALOROSA RECEPÇÃO À CARAVANA DA «VOLTA»

Abrantes prepara-se para dispensar à caravana da «Volta a Portugal» o mais entusiástico acolhimento. Entidades oficiais, o comércio, a indústria e a população daquela cidade congregaram os seus esforços no sentido de reunir o maior número de prémios possível e de proporcionar a todos os componentes da caravana uma agradável recordação da sua visita a Abrantes.

Ao ser incluída no roteiro da «Volta», Abrantes capricchou em dedicar aos «voltistas» a seu proverbial hospitalidade.

Dámos a seguir a relação dos prémios instituídos por Abrantes:

Prémios da Comissão de Recepção — Individuais — 1.º, 3000$00; 2.º, 2000$00; 3.º 1500$00; 4.º, 1000$00; 5.º, 750$00; 6.º, 500$00; 7.º, 400$00; 8.º, 300$00; 9.º, 200$00; 10.º, 100$00.

Para o 1.º de cada equipa, 200$00.

Colectivos — Taças para todas as equipas.

Prémio dos sportinguistas de Abrantes — Para os corredores do Sporting: 1.º, 500$00; 2.º, 150$00; 3.º, 100$00.

Prémio dos benfiquistas de Abrantes — Para os corredores do Benfica: 1.º, 550$00; 2.º, 250$$00; 3.º, 100$00.

Meta Butagaz (oferta de Fernandes & Rijo, Lda. — Meta em frente deste estabelecimento a 200 m da chegada): 1.º, 300$00; 2.º, 200$00.

Meta de Abrançalha (a 4,5 km da chegada): 1.º, 250$00; 2.º, 150$00; 3.º, 100$00.

Meta de Alferrarede (oferta de Rações P. Marcos, a 2,5 km da chegada): 1.º, 500$00.

Meta de Barreiras do Tejo (oferta de Carmo Dias & Pires da Silva, Lda.): 1.º, 500$00

Meta de Vale de Roubam (oferta de Reboques Bioucas): 1.º, 250$00.

Prémio dos benfiquistas de Mouriscas — Para o 1.º corredor benfiquista a cortar a meta final da etapa: 500$00.

Prémio de Rio de Moinhos — Envelope mistério para o 1.º corredor a passar naquela localidade.

Prémio dos sportinguistas de Mouriscas — Para o 1.º corredor sportinguista a cortar a meta final da etapa: 500$00.

O presidente da Câmara Municipal de Abrantes e a comissão de recepção da «Volta» oferecem um «vinho de honra» aos representantes dos órgãos da Informação que acompanham a prova, bem como a todos os componentes da caravana.

Esta recepção realizar-se-á amanhã, às 22 e 30, no claustro do antigo Convento de São Domingos, actual Palácio da Cidade.

Na planície batida pelo Sol, os ciclistas avançam sob o comando de «leões» e «águias»

Joaquim Moreira, da Coelima, o primeiro em Alcains.

CHEGADA A ALCAINS

		H.	M.	S.
1	J. Moreira (Coel.)	6	1	31
2	M. Castro (Tav.)	6	1	36
3	José Diogo (Tav.)	6	1	41
4	L. Miranda (Sp.)	6	6	39
	J. Agostinho (Sp.)			
	M. Silva (Porto)			
	Fer. Mendes (Bf.)			
	Ed. Santos (Bf.)			
	Joaq. Leite (Porto)			
	J. Azevedo (Porto)			
	Bernardino (Sp.)			
	P. Rodrigues (Bf.)			
	A. Pereira (Coel.)			
	Man. Costa (Bf.)			
	Amér. Silva (Bf.)			
	A. Salazar (Coel.)			
	L. Pacheco (Porto)			
	Vítor Rocha (Sp.)			
	Joaq. Leão (Porto)			
	Ant. Graça (Tav.)			
	João Pinhal (Bf.)			
	Hub. Neil (Porto)			
	J. Coelho (Amb.)			
	Val. Cardoso (Bf.)			
	João Roque (Sp.)			
	Manuel Luís (Bf.)			
	Fr. Martins (Tav.)			
	Sérg. Páscoa (Sp.)			
	Domingues (Sp.)			
	C. Oliveira (Sang.)			
	J. Pereira (Coel.)			
	Nor. Timóteo (Sp.)			
	Dan. Vitorino (Bf.)			
	Ped. Moreira (Bf.)			
	V. Tenazinha (Sp.)			
	A. Teixeira (Tav.)			
	A. Fortes (Amb.)			
	H. Oliveira (Sang.)			
	J. Andrade (Sang.)	m. t.		
40	N. Duarte (Sang.)	6	8	6
41	M. Mestre (Tav.)	6	8	40
42	Wilson Sá (Amb.)	6	32	15

EQUIPAS

		H.	M.	S.
1	COELIMA	18	14	49
2	Ginásio Tavira...	18	14	59
3	Sporting	18	19	57
4	F. C. Porto			
5	Benfica			
6	Sangalhos	m. t.		
7	Ambar	18	40	30

PONTOS

1	J. Moreira (Coelima)	20
2	Manuel Castro (Ambar)	15
3	José Diogo (Tavira)...	10
4	L. Miranda (Sporting)	7
5	J. Agostinho (Sport.)	5

META VOLANTE

1	Ped. Moreira (Benfica)	3
2	F. Bernardino (Sport.)	3
3	C. Oliveira (Sangalhos)	1

«UM PORTUGAL DESCONHECIDO»

José Diogo (Ginásio Tavira)

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

S.I.S.-SACHS

a victória da técnica!

Pode-se beber á vontade

À VENDA EM TODO O PAÍS

Em Lisboa:
LISÁGUA DISTRIBUI

Pedidos: Telefs. 553336 - 553809

HOJE EM DIA

ONTEM, EM ALCAINS

A NOITE DESCIA QUANDO A VOLTA CHEGOU

● VITÓRIA SIMPÁTICA DE JOAQUIM MOREIRA, DA COELIMA, COM OS «GRANDES» EM GUARDA PARA A BATALHA DE HOJE

Joaquim Moreira, que se tem mostrado o melhor corredor da jovem equipa da Coelima, conquistou ontem a vitória que há muito perseguia, uma vitória simpática. Já por várias vezes, metido em fugas mais ou menos audaciosas («lá vai outra vez o 88» — comentava-se já na caravana da Volta) viu ontem contemplados os seus esforços ao bater ao «sprint» Manuel de Castro, da Ambar e José Diogo, do Ginásio de Tavira, seus companheiros no adeus ao pelotão, no adeus ao pelotão sem pressas, que só chegou a Alcains quase cinco minutos depois.

A «evasão» deu-se quando faltavam ainda 110 quilómetros para se completar a corrida e quando já estava posta de lado a ideia de ser alcançada a exigida média de 36.

Era já mais que fim da tarde, era princípio da noite, quando a Volta chegou a Alcains uma localidade pequena mas caprichosa no bem receber e na perfeita organização.

Enfim, tal como se refere á fuga triunfante, foi uma etapa igual á da véspera. Calor, um calor sufocante. E as vedetas em guarda, a poupar-se, certamente menos pelo rigor climatérico do que pela lembrança do que vai seguir-se. Estava-se apenas na véspera do combate.

Os três fugitivos, já meio envoltos pelas sombras da noite, chegam (finalmente!) a Alcains

CLASSIFICAÇÕES GERAIS À PARTIDA PARA SEIA

INDIVIDUAL

		H	M	S
1	F. Mendes (Bf.)	60	55	40
2	J. Andrade (Sg.)	60	56	39
3	Agostinho (Sp.)	60	56	47
4	M. Silva (Porto)	60	57	12
5	F. Bernar. (Sp.)	60	58	38
6	L. Pacheco (P.)	61	01	08
7	Azevedo (Porto)	61	04	25
8	V. Rocha (Sp.)	61	04	55
9	J. Leão (Porto)	61	05	10
10	Am. Silva (Bf.)	61	05	17
11	A. Graça (Tav.)	61	05	48
12	A. Fortes (Bf.)	61	06	11
13	J. Pinhal (Bf.)	61	06	20
14	Miranda (Sp.) ...	61	07	33
15	H. Niel (Porto)	61	07	53
16	E. Santos (Bf.)	61	09	14
17	M. Costa (Bf.)	61	09	23
18	D. Vitorino (Bf.)	61	09	32
19	Oliveira (Sang.)	61	09	38
20	Teixeira (Tav.)	61	11	41
21	J. Coelho (A.) ...	61	12	25
22	V. Cardoso (Bf.)	61	13	00
23	J. Roque (Sp.)	61	13	13
24	J. Leite (Porto)	61	13	19
25	Man. Luís (Bf.)	61	16	27
26	J. Moreira (C.)	61	16	32
27	P. Moreira (Sp.)	61	16	45
28	Tenazinha (Sp.)	61	17	17
29	Martins (Tav.) ..	61	17	44
30	N. Duarte (Sg.)	61	19	36
31	Pedro R. (Bf.) ..	61	19	57
32	S. Páscoa (Sp.)	61	20	35
33	P. Doming. (Sp.)	61	20	43
34	M. Castro (A.)	61	21	02
35	C. Oliveira (Sg.)	61	27	30
36	A. Pereira (C.)	61	28	56
37	J. Pereira (C.) ..	61	31	16
38	Timóteo (Sp.) ...	61	31	54
39	M. Mestre (T.)	61	33	02
40	A. Salazar (C.)	61	42	11
41	José D. (Tav.) ..	61	51	01
42	Wilson Sá (A.)	62	02	18

EQUIPAS

		H	M	S
1	Gin. Tavira	182	53	03
2	Sporting	182	54	41
3	F. C. Porto	182	56	22
4	Benfica	183	01	32
5	Sangalhos	183	03	12
6	Ambar	183	45	05
7	Coelima	183	51	55

GERAL — PONTOS

		P.
1	L. Miranda (Sp.) ...	117
2	Fern. Mendes (Bf.)	92,6
3	P. Moreira (Bf.)	67
4	J. Agostinho (Sp.) ..	67
5	Joaq. Coelho (Amb.)	42
	J. Andrade (Sang.) ...	30,6
7	Vítor Rocha (Sp.) ..	30
8	Ant. Graça (Tav.) ..	30
9	Hubert N. (Porto) ..	27,5
10	C. Oliveira (Sang.)	22
11	A. Teixeira (Tav.)	20
12	M. Mestre (Coel.) ...	20
13	J. Moreira (Coel.) ..	20
14	João Pinhal (Bf.) ..	17,5
15	Mário Silva (Porto)	15
16	Wilson Sá (Amb.) ..	15
17	Man. Castro (Amb.)	15
18	F. Bernardino (Sp.)	12

METAS VOLANTES

		P.
1	Pedro Moreira (Bf.)	23
2	F. Bernardino (Sp.)	9
3	Man. Mestre (Tav.) .	9
4	Joaq. Moreira (Coel.)	7
5	V. Tenazinha (Sp.) ...	5
6	J. Agostinho (Sp.) ...	3
7	Ant. Teixeira (Tav.)	3
8	Vítor Rocha (Sp.) ...	3
9	Manuel Costa (Bf.) ...	2
10	Wilson Sá (Amb.) ...	2
11	Fern. Mendes (Bf.) ..	1
12	Ant. Graça (Tav.) ...	1
13	Luís Pacheco (Porto)	1
14	P. Rodrigues (Bf.) ...	1
15	Leon. Miranda (Sp.)	1
16	Cel. Oliveira (Sang.)	1

MONTANHA

PRÉMIO «CAVES DA MONTANHA»

		P.
1	Fern. Mendes (Bf.) ..	18
2	Joaq. Agostinho (Sp.)	12
3	Mário Silva (Porto) ..	6
4	J. Andrade (Sang.) ...	3
5	Manuel Costa (Bf.)	1
6	V. Tenazinha (Sp.) ...	1

HOJE À NOITE

ASSEMBLEIA — Do Marienense Futebol Clube, para aprovação do relatório e contas e eleição dos novos corpos gerentes, ás 21 e 30.

ATLETISMO — Campeonato Nacional de 1.ª e 2.ª categorias, no Estádio José Alvalade, a partir das 21 horas.

FUTEBOL — Taça de Honra da Associação de Setubal: Montijo-C. U. F., no campo Luís Almeida Fidalgo, no Montijo, ás 21 e 30.

— Reunião da Associação de Futebol de Lisboa para elaboração da lista dos corpos gerentes do organismo, ás 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Internacional de Hóquei de Sintra: Benfica-Paredense, ás 21 e 30; e Sintra-Villanueva, ás 22 e 30, no rinque do Sintra.

— Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: Fut. Benfica-Amadora, Azeitonense-Algés e Queluz-Cimentos Tejo, ás 22, nos rinques dos primeiros.

XADREZ — II Campeonato Nacional de Juniores, no Sporting Clube Figueirense.

Sporting — vitória indiscutível no «Torneio de Córdova»

CORDOVA, 29 (Especial para o «Diário de Lisboa») — Êxito e brilho — dois aspectos que rodearam a presença do Sporting, nesta cidade, para tomar parte no «Torneio Montilla-Morales».

Revelaram os «leões» condições e qualidades mais do que suficientes para se sagrarem justos vencedores da prova — ganhando os dois jogos que disputaram, sem sofrer um unico golo.

Sintomático!

Na realidade há um «novo-Sporting» uma equipa coesa, consciente, forte, lutadora que sabe o que quer qual o melhor caminho a trilhar.

Assim aconteceu, na final, contra o Bétis de Sevilha, uma turma que costuma galvanizar-se nos grandes momentos.

Mas a frieza, cabeça e serenidade dos portugueses, conseguiu suster o ímpeto dos espanhóis e chegar e sobrar para obter um triunfo irrefutável.

*

O Bétis começou de forma cautelosa — 4 × 4 × 2, procurando atacar em turbilhão. E na verdade, a defesa «leonina» teve de se empregar a fundo na fase inicial da partida, pois apesar da superior capacidade técnica, cedo evidenciada, os «leões» não tinham tempo de explorar o seu melhor jogo, devido á velocidade de «turbilhão» empregada pelos espanhóis. E durante o primeiro tempo o panorama pouco se alterou, pois, de facto, o Bétis criou mais e melhores situações de golo.

Na 2.ª parte, porém, tudo mudou. O Sporting entrou sereno, senhor de si, «mandão», impondo claramente o seu jogo. E quando, aos 2 minutos, Lourenço marmou um golo espectacular, refinou, também, a categoria do seu futebol — tudo isto valorizado pela réplica entusiástica e nunca recusada dos sevilhanos.

Mas o final do jogo era, inegàvelmente, pertença do Sporting, com uma melhoria global de grande evidência, atingindo o nível que exibira perante o Córdova.

Uma exibição de personalidade, poder e capacidade. Uma vitória indiscutivel.

*

Damas, Alexandre Baptista, Gonçalves, Peres, José Morais, Nelson e Lourenço salientaram-se.

Na turma do Bétis, uma referência para Torrens e Diones.

Arbitrou o valenciano Cordós, e as equipas alinharam da seguinte forma:

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Alexandre Baptista, José Carlos e Hilário; Gonçalves, Pedras (Lourenço) e Peres; Morais (Celestino), Nelson e Mário.

BÉTIS — Bernardo; Telechia, Torrens, Frigols e Cobo; Gonzalez, Dioni e Nolito (Azcarate); Santi, Landa e Macário.

Os golos foram marcados aos 47 m., por Lourenço, e aos 16 m., por Peres.

INICIATIVA «AZUL»

ACADÉMICA E SP. BRAGA AMANHÃ E DEPOIS EM LISBOA

Como não podia deixar de ser, nas comemorações do cinquentenário do Belenenses não podia faltar uma festa de futebol. Aliás, o próprio nome do clube quase obrigava ao facto.

E assim teremos, amanhã e depois, no Estádio do Restelo, um animado torneio em que participam, além da equipa do clube em festa, as formações do Atlético, do Sporting de Braga e da Académica de Coimbra.

Para além do interesse que há em analisar de novo a formação «azul» (que muito já tem prometido neste início de temporada), e o Atlético (a tentar, com estoicismo e galhardia, obter um «onze» que lhe possibilite um breve retorno ao convívio oficial com os «grandes» do nosso futebol), para além desses aspectos, dizíamos, há a curiosidade de todos os lisboetas (adeptos do futebol) em verem esta época, pela primeira vez em acção, as equipas do Braga e da Académica.

Os bracarenses, com uma formação totalmente diferente da época passada e onde há muitos jogadores «ex-Belenenses», promete fazer carreira no «nacional» e justifica uma certa curiosidade: por sua vez, a Académica, para além da apresentação dos seus novos jogadores, é uma equipa que se vê sempre com agrado e cujas exibições suscitam sempre muito interesse.

O torneio é disputado no sistema da antiga «Taça Latina» com a seguinte ordem de jogos:

Amanhã, ás 20 e 30, Belenenses-Atlético; ás 22 e 15, Sp. Braga-Académica.

No domingo, ás mesmas horas, jogarão os vencidos e os vencedores, respectivamente.

A cada equipa são permitidas quatro substituições. Em qualquer jogo, no caso de empate ao fim do tempo regulamentar, o desempate far-se-á pela marcação de cinco grandes penalidades.

Futebol particular

O BEIRA-MAR VENCEU O ALBA

Em encontro particular de futebol o Beira-Mar defrontou, ontem, á noite, em Albergaria-a-Velha, a turma do Alba. Os aveirenses venceram por 1-0 e as equipas alinharam da seguinte forma:

ALBA — Hilário; Alvaro, Néné, Evaristo e Nunes (ex-Beira-Mar); Brandão (ex-Ala Arriba) e C. Alberto; Azevedo, Valongo (ex-Paivense), Sousa (ex-Beira-Mar) e Alfredo.

BEIRA-MAR — Paulo; Marçal, Virlato, Soares e Marques; Candido e Colorado; Amaral, Eduardo, Cléo e José Manuel.

Na 2.ª parte efectuaram-se numerosas substituições e Nelito, um dos jogadores nessas condições, foi o autor aos 20 minutos, do unico golo da partida.

GINCANA DA TRAFARIA

Promovido pelo Recreios Desportivos da Trafaria realiza-se no domingo naquela localidade uma gincana automobilística para a qual foram instituídos valiosos prémios.

Acontecimentos DE ONTEM

«Torneio Início» no Porto

No campo do Salgueiros, efectuou-se a primeira jornada do «Torneio Início» organizado pela A. F. Porto. Resultados: Tirsense, 1-Penafiel, 0 e Salgueiros, 2 Leça, 1.

As equipas alinharam:

TIRSENSE — David, Sebastião, Cristóvão e Luís Pinto; Mota e Carlos Manuel I; Duarte (ex-Aves), Carlos Manuel II, Carvalho, Amandio e Joia.

PENAFIEL — Melo; Gaspar, Rodrigues e Hermani; Pinto e Caldeira; Rosendo, Silva Pereira, Naranga (ex-Gouveia), Garcia e Nelson.

Golo obtido por Amandio.

SALGUEIROS — Melo; Taco, Gabriel e Edgar; Inácio e Ferreira; Santana, Varela, Iauca, José de Costa e Reis.

LEÇA — José Henriques; Gentil, Rocha e Serrão; Vila Cova e Julio; Seminário, Marinho, Ramos, Martinho e Santos.

Tentos marcados por Martinho (Leça), Varela (Salgueiros) e Serrão (na própria baliza).

Derrota do Nacional em Las Palmas

Em Las Palmas, perante o clube local, a equipa do Nacional de Madeira foi derrotada por seis golos sem resposta, marca que (aliás) está longe do domínio imposto permanentemente pelo Las Palmas.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

Fala-se em que será o juiz dr. Gouveia da Veiga o futuro presidente da Federação Portuguesa de Futebol.

*

O campeão da Dinamarca (o KB) é o adversário do Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

EM ODIVELAS

Com 3 e 4 casas c/ 3 e 4 assoalh., em oredio de luxo prontos a fazer escritura. Rua E. à Av. Prof Dr Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19

TRATA:

F. FERNANDES & COSTA, LDA

Av Alm Reis, 104-2

Tel 53611 2/3

PRÉDIO

Na Estefania por 3000 contos, esplêndido volume de 4.º andar, 10 inquilinos com rendas baixas.

Vende-se na base de 6,6.

TRATA:

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º Esq. Tels. 32 31 72-36 74 44

Contacto

PUBLICIDADE

Telef 847260

PRÉDIO

POR 1780 CONTOS — A Algés, de 4 pisos, frente a evinel, hab. c/ 4 c. assolh. e 2 c. de banho, 3 inq., rende 124 000$00. TRATA: A LUZÁFRICA Calç do Carmo, 6, 2. Telef 36 80 80

PRÉDIO

POR 1800 CONTOS — Gaveto de grande volume na Damaia, de 4 pisos, hab. c/ 4 assoalh., rendas de 650-900$. Rende 112.000$00.

A LUZ AFRICA

Calçada do Carmo, 6 Tel 36 80 80

ANDARES

NO LUMIAR — 3 boas div. assoalh., excelente panorama, preços muito acessíveis. Rua Projectada entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Ameixoeira, 47

TRATA:

Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Telefs. 320040 / 328143

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1. ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs. 325487 e 370618 (junto á P. da Figueira)

CASAS para alugar

Procure V Ex.ª nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos

Trata: SOC. CONSTINVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a **Papelaria Ferros** — R. de S. Julião, 64-66

Bilhetes de CAMINHOS DE FERRO

PARA PESSOAS DE IDADE

A C P informa de que os bilhetes com a redução de 50% para as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos são vendidos todo o ano com excepção dos seguintes períodos:

- — Sábados e domingos, de 1 de Julho a 30 de Setembro;
- — Nos dias 14 e 15 de Agosto;
- — De 22 de Dezembro a 3 de Janeiro;
- — De quarta-feira anterior ao domingo de Páscoa á quarta-feira posterior.

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARA SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO

T 560713

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF 53 61 11/2/3

Léo - Administradora Predial

COBRANÇAS DE RENDAS
CONTRATOS DE ARRENDAMENTOS
DEPOSITO E TRANSFERÊNCIAS DE RENDAS
DILIGÊNCIAS JUNTO DAS CÂMARAS MUNICIPAIS
FISCALIZAÇÃO DE OBRAS
OBTENÇÃO DE NOVOS INQUILINOS
PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES

Av. Defensores de Chaves, 34 — Tel 55 39 60, P. P. C., Lisboa

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Telef. 44846.

FURGONETAS DE CAIXA ABERTA

PEUGEOT 403 a gasolina de 1958
MERCEDES de 1959
OPEL Chassi longo de 1959
FK. 1250 de de 1960
HANOMAG Kurrier 3500 kg de 1961

VENDE: GARAGEM BOA VIAGEM Rua Sampaio e Pina, 56 — Telef. 68 37 37

Contacto

ANÚNCIOS

Fiat 1500, 1967; Fiat 850 Coupé 1967; Opel Kadett, 1967; M. G. 1100 1966; Auto Union F. 102 de 4 portas, 1966; Opel Rekord 1700 de 4 portas, 1965 Simca 1000 G. L. 1965. Fac. troc. e pag

Vende: MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

FURGONETAS:

Taunus 12-M 1500 P6 utilit.º ... 1968
Comer 2500 Diesel, utilit.º ... 1966

VENDE: MARCELO

Av. João Crisóstomo, 476

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor, Av. Barbosa du Bocage, 1. Telef. 769848-761987.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.º Bárbara, 5-B.
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av., Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. Republica, 26.
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

ANDAR OU LOJA

Precisa-se, para instalação de «Centro Mecanográfico», em Lisboa, dispondo dum mínimo de 400 m² de área utilizável.

Resposta indicando local e condições ao n.º 326.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 162/69

Faz-se saber que no dia 19 de Setembro de 1969, pelas 15,30 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso publico para o «FORNECIMENTO DE UMA VIATURA PARA O SERVIÇO DE TRANSPORTES DE CARNES», de licitação de 200 000$00 (Processo n.º 100/69/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 5000$00 e o definitivo de 5% da importancia da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Camara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24-10-1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias uteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, 25 de Agosto de 1969.

O PRESIDENTE
António Vitorino França Borges

«CONHEÇA A CURIA»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:

305$00 — 330$00 — 435$00

consoante a amplitude dos serviços preferidos.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

LUSO BUÇACO

GRANDE ESTÂNCIA

— DE —

CURA
REPOUSO
RECREIO

Tratamento da litiase renal, uricémia, gota, hipertensão e doenças do aparelho respiratório (rinites, bronquites e sinusites).

1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

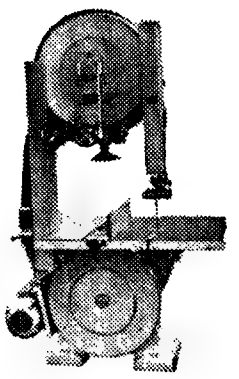
Admirável conjunto de belezas naturais

HOTÉIS E PENSÕES DE TODAS AS CLASSES

Informações: JUNTA DE TURISMO

TELEFONE: 93133

«MIDA»



SERRA DE FITA
Mod. SF-70-80-90

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- * SERRAÇÃO
- * CARPINTARIA
- * MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94123/4/5)

Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS TÉCNICO-ESPECIAIS

BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que está aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Camara Municipal de Lisboa, até ao dia 19 de Setembro de 1969. inclusive.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 1300$00 acrescido de 286$00 de subsídio eventual de custo de vida, durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 1600$00, acrescido de 352$00 de subsídio eventual de custo de vida, após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa. onde se prestam todos os esclarecimentos.

Paços do Concelho de Lisboa aos 27 de Agosto de 1969.

O Presidente — *António Vitorino França Borges.*

Caminhos de Ferro Portugueses

CARRUAGENS DIRECTAS DE VIANA DO CASTELO, BRAGA, CASTELO BRANCO E FARO COM DESTINO A HENDAIA PARA O TRANSPORTE DE TRABALHADORES DE REGRESSO DE FÉRIAS DE VERÃO

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses de regresso de férias de Verão, põe em circulação carruagens directas com destino a Hendaia, ás terças e sextas-feiras, no período de 12 de Agosto a 19 de Setembro, com partida de Viana do Castelo ás 7-42, Braga ás 9-15 e Castelo Branco ás 11-30 e ás quintas-feiras, de 14 de Agosto a 18 de Setembro. com partida de Faro, ás 23-04.

• Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

CARTAZ DOS CINEMAS

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
HOJE, ás 21.45
ESTREIA
Steve McQueen dinâmico e irresistível como nunca!
Um alegre e grande espectáculo
SOLDADO À CHUVA
com Jackie Gleason e Tuesday Weld
Às 15.30 ——— (M 17 anos)
NASCI PARA AMAR

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Um filme Policial-Sex 100% divertido
DIAMANTES AO PEQUENO ALMOÇO
com Marcello Mastroiani - Rita Tushingham

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve - Ivonne Fucueaux

CONDES
Telefs 322523 326710
(M. 12 anos)
Hoje, estreia ás 21.30
À MARGEM DA LEI
Às 15.15 e 18.15 — (Adultos)
ANSIA DE AMAR

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
HOJE, ás 21.45
O clássico que desafia o tempo!
O ANJO AZUL
com Marlene Dietrich e Emil Jannings
Às 18.30 ——— (Adultos)
O CASAMENTO

ODEON
Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 e ás 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
TARDE E NOITE:
M. DE 6 ANOS
O 1.º FESTIVAL DE GARGALHADA DO CINEMA PORTUGUÊS
A CANÇÃO DE LISBOA
com Vasco Santana, Beatriz Costa e António Silva

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Em continuação de estreia ás 21.30
Sandy Dennis e Keir Dullea em
A RAPOSA
Às 15.15 — Última exibição
QUARTO N.º 13
(Adultos)

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 9.30 da noite
Reexibição do fabuloso espectáculo em 70 m/m!
CHITTY, CHITTY, BANG, BANG
com Dick Van Dyke e Sally Anne Howes

EDEN
(M. 17 anos) Tel. 320768
Às 21.45
ESTREIA
(Veja anúncio especial)
CANTINFLAS em
O BOLERO DE RAQUEL
Às 15.15 e 18.30 (M. 12 anos)
Últimas exibições
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 e ás 21.30
2.ª SEMANA COM O ÍDOLO MONTGOMERY WOOD
no seu melhor filme de sempre
UM DÓLAR FURADO
A história de uma sinistra vingança
Tecnicopio — Eastmancolor

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
CAMINHO PERIGOSO
com Richard Johnson e Carol Lynley

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
TESTEMUNHA SUSPEITA 007 CONTRA GOLDFINGER

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e ás 21.30
UM HOMEM EM LEILÃO
com Robert Wagner e Anjanette Comey

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
UMA NOVA CARA NO INFERNO
A MINHA SENHORA

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M 17 anos)
O MUNDO DE SUZIE WONG
com William Holden e Nancy Kwan

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 21.30
O CARDEAL
Um filme de Otto Preminger

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 21.45
O CARDEAL
Um filme de Otto Preminger

AVIS
(M 12 anos) Tel 47163
Às 15.30 e 21.45
Uma espantosa e divertida aventura!
3 SUPER-HOMENS EM TÓQUIO
com George Martin — Dick Gordon e Willy Newcomb
— EASTMANCOLOR —
— AR CONDICIONADO —

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
No ciclo do cinema francês um clássico da 7.ª Arte
BRINCADEIRAS PROIBIDAS
com Georges Poujouly e Brigitte Foster

VOX
(M. 21 anos) Tel 720808
Às 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
de lotações esgotadas
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade áquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30:
KRAKATOA
(A LESTE DE JAVA)
no écran gigante — 70 m/m

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

OUTROS ESPECTÁCULOS

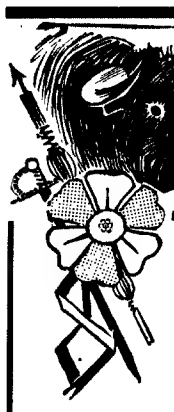
TEATROS
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos)
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A moça» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 19: «Espião de uniforme» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O dia mais longo» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «A ultrapassagem» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «O filho de El Cid» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O homem se aventura» (12 anos)
IDEAL — Às 21: «Encrenca dupla» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O estrangulador de Boston» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «O solitário de Nevada» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19 h.: «Golpe de mestre á napolitana» (17 anos)

● Linha de Cascais
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Férias Grandes» e «A vida dum Gangster» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Flint, perigo supremo» e «A 3.ª Voz» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Um homem em Leilão» (17 anos).
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «O elogio da preguiça» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O grande mestre do crime» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Tobrouk» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Missão na União Soviética» (12 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Só se vive duas vezes» (17 anos)
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Não se trata assim uma Senhora» (17 anos)

● Outra Banda
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Quem dispara primeiro» e «As festas Galantes» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «Inferno nas alturas» e «Armadilha Istambul» (12 anos)



MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO, 31 DE AGOSTO, ÀS 17 H.
(M. 6 ANOS
MAIS UM CARTEL DE CATEGORIA
8 TOIROS de CASTA e PODER
da famosa ganadaria de JOAQUIM GRAVE

Serão lidados a cavalo por:

DAVID R. TELLES
O MESTRE DA CLÁSSICA ARTE DE MARIALVA

LUÍS M. DA VEIGA
O JOVEM E DINÂMICO TOUREIRO ALENTEJANO

A pé toureiam os famosos matadores:

ARMANDO SOARES
TRIUNFADOR DA ÚLTIMA CORRIDA NESTA PRAÇA

GREGÓRIO LALANDA
UM JOVEM TOUREIRO ESPANHOL DE GRANDE CLASSE

O publico vai delirar com a valentia e arte dos
FORCADOS AMADORES DE LISBOA
comandados por NUNO SALVAÇÃO BARRETO

SOL desde 25$00 — SOMBRA desde 80$00 — JOVENS 15$00
BILHETEIRAS: AG. ABEP — RESTAURADORES; TABACARIA FREITAS — 1.º DE DEZEMBRO, 85; e em CASCAIS — TELEF. 28 10 07.

Em ALMADA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração 12

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — TURNO E
ALCANTARA — Nogueira ... 56 Creche, 4 (63 685)
ALFAMA — Nacional ... de ... João da Praça 26 (863634)
ALVALADE — Certaxo Av. de Igreja, 4-C (776358 e Brisália, Av. Rio de Janeiro 56-A (722368)
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho 0 (4047)
AREEIRO — Avis, Av. da Roma 56-B-C (7 5370) e João XXI, Av. João XXI 6-A (720462) e Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 4 (72 72)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 1 (46858
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (763 07 e Avenidas, Av. da Republica 47-A (533688) e Império Ld.ª R. Filipe Folque, 40-A e 40-B (48002) e Ducal, Av. Duque de Loulé, 4 (48946) e Palma, Av. Duque de Avila 25-B (47088)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes R. Angelo Pinto, 32 (49756)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 4 (31 4 6)
BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (36 534/5)
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 4-C (63 699)
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 4 (703393) e Sousa, Est. de Benfica, 429-43 (780027)
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (678896) e Veritas, R. da Misericórdia, 33 (324554-327563/4).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) e Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (67 667)
CAMPOLIDE — Lab, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) e Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (á Rua das Amoreiras) (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780 81)
ENTRECAMPOS — Galena, Aven. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — Janeiro, Av. Álvares Cabral, 100 (661453)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) e Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 3 (864351) e St.ª António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460)
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) e S. Tomé, Est. do Desvio lote 2-C (790704)
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R. do Quelhas, 1 (66 275)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (83 237
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (764 96-764629)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena Freitas 0-A (8425 8)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A — (728395-720703).
REGO — Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro 29-D (Bairro Santos) (778953
S. AMARO — Sepal, Calç. do Boa Hora, 94-A (63 958 e Teles, R. João de Barros, 4 (638249
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 65 (38 785) e Oriente R. Lopes, 20 (843381)
MOSCAVIDE — Banha ... Moscavide, 22 (25 85 8

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R. Ernesto ... Silva, 8 (212048
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, Rua Coste Pinto 66 243 20 34)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau, R. Elias Garcia, 62-B (247 785)
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel 26 86)
MONTE ESTORIL — Costa Av.ª Sabóia, 29-B (260085)
CASCAIS — Marginal, Av.ª Marginal (280078 e A. Costa, R. Freitas Reis, 24 (2802 4)

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio 3-A (9355 8) e Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28 (933303) e Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (9336 3) e S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703)
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T 9705231)
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel 951841)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque (980058)
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel 933920).
COLARES — Colares — Abrejo (Tel 2990881)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos do Costa, 10 (Tel 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (22 40 20).
ALMADA — Cristo Rei — Av. Cristo Rei 31-A (Tel 273498).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional 14 Tel. (2240242)
BARREIRO — Soares — Av. da Republica, (Tel 2273023)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santo — Est. dos Barrocas 50-A-B (Tel 2760 82
MOITA — Silva Rocha, ... da República, 6 (63 90 29
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel 230008)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis 67 (Tel 229028) 245 58
SETUBAL — Oliveira ... do Misericórdio (22488
SEIXAL — Godinho, ... greja

SERVIÇOS URGENTES

Teletones
AGUA GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361358 e Companhias Reunidas 537011 e Gazcidla 538821 e Gazcidla (dom e feriados 582069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 e Voluntários 538524
POLICIA e G.N.R. — serviço de emergência, 115 e Segurança Publica, 366141 e Judiciária, 535380 e Maritima, 326456 e Internacional, 362721 e Viação e Trânsito, 42205 e G.N.R. (área rural), 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 e Enfermagem permanente, 766161 e Enfermagem de urgência, 43738 e Hospital de Santa Maria, 775171 e Hospital de S. José, 860131 e Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 e Transfusões, soros e oxigénio, 538524 e Centro de Intoxicações (informativa), 76777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 e Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 e Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 e Estação fluvial (T. Paço), 325345 e Estação Marítima de Alcântara, 663195 e Estação Marítima da Rocha, 672445 e Estação fluvial (Belém) 638531

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias
Consulte os serviços técnicos da
FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO
Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir.
Telefone 59288
ORÇAMENTOS GRÁTIS

BOM APETITE

restaurante arameiro
LISBOA
(Restauradores)
Trav. St.º Antão, 21
RIA
— AR CONDICIONADO —
Aberto até ás 3 horas

TARANTELA
RESTAURANTE e SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
DIARIAMENTE AÇORDA DE LAGOSTA
Ar condicionado — Encerrado aos Domingos
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junto da Estação do Metro das Picoas)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Muitas árvores destruídas no incêndio da serra de Melgaço

PORTO, 29 — A vaga de incêndios, durante este mês, tem posto em sobressalto as populações onde se situam os focos principais e movimenta centenas de bombeiros e de militares, que corajosamente acodem para os extinguir. E se muitos desses fogos são originados pela canícula, outros deixam ficar a impressão de que a sua origem é criminosa.

Depois do pavoroso incêndio nas escarpas da serra do Caramulo, outros de menores proporções se têm manifestado. Assim, ontem de manhã, algumas zonas da serra de Melgaço foram atingidas por chamas, que se propagaram de um incêndio que irrompeu na parte espanhola. As labaredas tomaram grandes proporções, e com rapidez envolveram o mato ressequido pelo intenso calor que se tem feito sentir nos ultimos tempos.

Populares e bombeiros de toda a região acorreram a todos os contrafortes da serra, e, mais tarde, foram enviados, para a zona do incêndio, 300 militares do Regimento de Infantaria 8, de Braga. Como sempre acontece neste género de fogos, as chamas eram dominadas de um lado para surgirem logo noutro ponto mais distante, e assim foram tomando várias direcções, conforme o vento as desviava ou a acção dos bombeiros se fazia sentir.

Calcula-se que tenham ardido entre 200 a 300 hectares. As labaredas estiveram perto das povoações de Cabaleiro Alvo, Lovió, Ovalhão, Lamas de Mouro, Alcobaça e Fiães, todas situadas nas faldas da serra.

A acção conjugada de bombeiros e militares evitou a perda de qualquer habitação, tendo ardido, apenas, árvores de terrenos pertencentes ao património nacional.

Ao fim da manhã de hoje, o sinistro encontrava-se quase dominado, julgando-se que não atingiria os baixos da serra, onde os prejuízos seriam muito maiores, dado que as árvores que constituem as matas dessas zonas são de elevado valor, especialmente pelo seu tempo de existência.

● O fogo destruiu pinheiros na serra de Canelas

No concelho de Vila Nova de Gaia, na serra de Canelas, próximo da Senhora da Saude, nos Carvalhos, deflagrou incêndio em mato e pinheiros, que arderam numa área aproximada de 100 mil metros quadrados.

As chamas foram combatidas, em quatro frentes, pelos bombeiros municipais de Gaia e voluntários de Valadares e dos Carvalhos, que utilizaram abafadores e algumas agulhetas.

Cerca das 11 e 30, o fogo era dado por extinto.

● Ardeu mato na Senhora da Hora

Numa bouça existente na Rua da Fonte do Cuco, na Senhora da Hora, ardeu grande extensão de mato. Os Bombeiros Voluntários de Leixões, Matosinhos-Leça e Leça do Balio, apagaram as chamas, ao fim de algumas horas.

Correu risco num incêndio a vida de um demente

OLIVEIRA DE FRADES, 29 — Manifestou-se incêndio na casa do agricultor sr. Casimiro Jorge, viuvo, desta vila. Logo compareceram os bombeiros, que, trabalhando afanosamente, dominaram o fogo, evitando a destruição do prédio e a propagação das chamas a outros vizinhos. Morreram carbonizados dois suínos, e ficaram destruídos roupas e móveis.

Correu risco a vida do proprietário, que, ultimamente, tem dado indícios de desarranjo mental.

Os prejuízos, calculados em 50 000$00, estão, em parte, cobertos pelo seguro.

O Chefe do Governo em Braga e Guimarães

BRAGA, 29 — O sr. Presidente do Conselho, que pernoitou na Pousada de São Brás, em Vieira do Minho, onde permaneceu durante a manhã, veio, de tarde, para esta cidade, em visita ao Hospital de São Marcos, especialmente o pavilhão para diminuídos físicos, que ficará concluido no próximo ano, á Faculdade de Filosofia, ao Internato de D. João de Novais e Sousa e á «Creche» de Braga.

O sr. prof. Marcello Caetano segue depois, para Guimarães, em visita a instituições de assistência.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE: Em Portugal continental, o vento era fraco, predominante de Leste e o céu estava pouco nublado

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 37°; mínima: Montalegre, 11°,9.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Penhas DOURADAS, 20°; Coimbra, 25°; Portalegre, 29°; Lisboa, 27°; Faro, 26°; e Funchal, 22°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 27°,8; na água do mar, 17°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

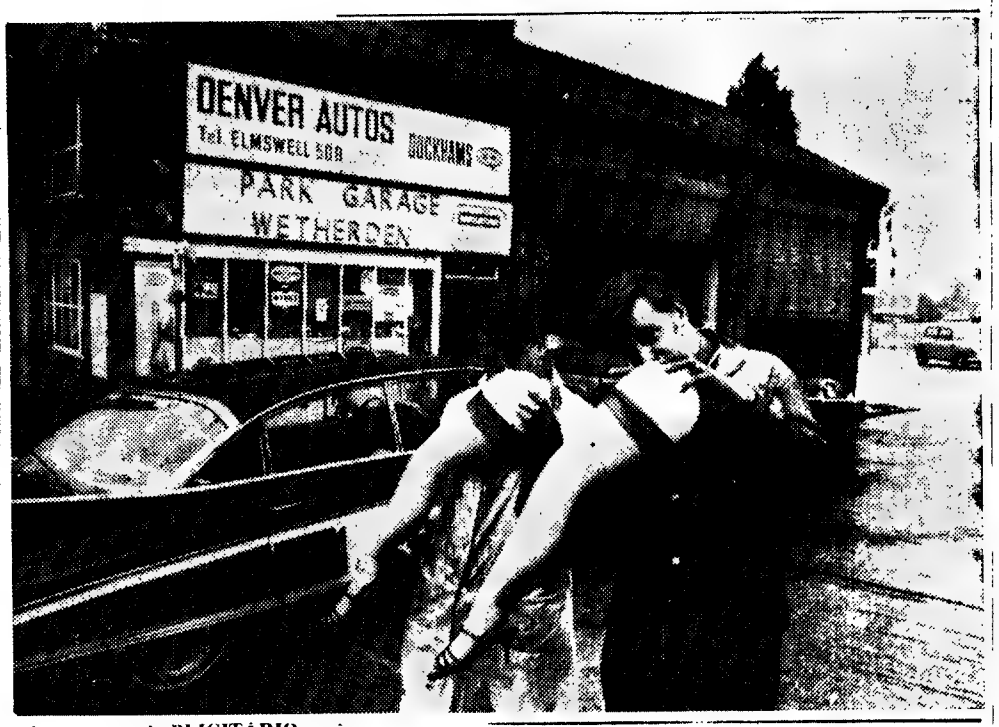
Céu geralmente pouco nublado, vento fraco predominante de Leste.

Amanhã
Nascer ás 7 e 4
Ocaso ás 20 e 10

Dia 3 Dia 11 Dia 19 Dia 25

MARES

PREIA-MAR. **Dia 29** — 5 e 29 (4,2 m); 17 e 47 (4,5 m). **Dia 30** — 6 e 08 (4,2 m); 18 e 27 (4,4 m). **Dia 31** — 6 e 45 (4 m); 19 e 07 (4,1 m). BAIXA-MAR: **Dia 29** — 1 e 07 (0,7 m); 23 e 36 (0,7 m). **Dia 30** — 11 e 47 (0,8 m). **Dia 31** — 0 e 13 (0,9 m); 12 e 25 (0,9 m).



IR. QUE PUBLICITÁRIO — Estes dois garagistas ingleses, cuja estação de serviço não era alvo da atenção dos automobilistas, arranjaram um par de pernas pneumáticas, vestidas com uma curtíssima mini-saia, as quais sobressaíam debaixo dos carros a reparar. A partir daí a clientela aumentou e de tal modo que a Polícia foi obrigada a intervir, a fim de evitar perturbações de transito. Ponto curioso da história: o par de pernas que se vê na foto é o segundo, pois o primeiro foi roubado

ENSINO LICEAL

Foi nomeado reitor do Liceu Garcia de Orta, do Porto, o sr. dr. Adriano Vaz da Fonseca Rodrigues, actual inspector-adjunto para o ensino liceal do quadro do Ultramar

Morreu uma rapariga e ficou outra gravemente ferida numa derrocada que se poderia ter evitado

VILA DO CONDE, 29 — «Casa roubada, trancas á porta!». Continuamos como nos velhos tempos: dá-se o acontecimento e começam a desenvolver-se rápidas diligências que duram curto espaço de tempo e pronto até o próximo desastre descansa-se! Lógicamente as providências deveriam evitar, sempre que possível, determinados desastres que são previsiveis.

Ora, está neste caso o que aqui aconteceu, no bairro piscatório de Caxinas num dos blocos dos muito que ali existem, centenários e construídos sobre areia, com alicerces deficientes e que de há muito deveriam não existir. Escorados, interiormente e ameaçando ruína, era lógico que, mais cedo ou mais tarde, viessem a ruir. E um deles ruiu mesmo, causando a morte de uma de duas raparigas, que estavam na soleira da porta, a fazer malha.

A que sucumbiu na trágica derrocada chamava-se Eva Maria Moreira Marafona, tinha 17 anos, era solteira, e operária conserveira. A outra, Delfina Madalena da Costa Marques, de 16, também operária conserveira, foi retirada dos escombros e conduzida ao hospital, onde ficou em estado grave, com várias fracturas.

A Camara mandou uma brigada demolir a parte restante do bloco, que se desmoronou e selar outros nas mesmas condições.

Claro que se estas diligências tivessem sido feitas mais cedo não haveria a lamentar este drama.

CANDIDATURAS DE OPOSIÇÃO NO PORTO

Foi-nos enviado o seguinte comunicado da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática, do Porto:

«A Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C. E. U. D.), do Porto, prossegue activamente nos trabalhos de consultas e convites, conducentes á organização de uma lista de candidatos para deputados de Oposição, a apresentar nas próximas eleições, na base desejável de uma larga representatividade política, de ampla expressão progressista e democrática. A Comissão Executiva que se empenha nestes trabalhos é constituída pelos srs. coronel Hélder Ribeiro, drs. Veiga Pires, Veloso de Pinho, António Macedo, António Cortezão, Carlos Cal Brandão, João de Araujo Correia e Bento de Melo, arq. Célio Costa, eng.º António Martins e Artur de Oliveira Valença».

Morte de uma centenária

TONDELA, 29 — No lugar do Paço, da vizinha freguesia de Molelos, faleceu a sr.ª D. Maria Fernandes de Jesus, viúva de José Marques. Completara 102 anos em 9 de Abril findo e trabalhou até há cerca de quatro meses.

A mulher de Kennedy perdeu o quarto filho esperado para Fevereiro

HYANNIS PORT (Massachusetts), 29 — (R.) — Joan Kennedy, mulher do senador Edward Kennedy, teve a noite passada um mau sucesso.

A sr.ª Kennedy esperava o quarto filho. Os três filhos do casal Kennedy são Kara Anne, de 9 anos, Edward Moore Junior, de 7, e Patrick Joseph, de 2.

Anteriormente, Virginia Joan Bennett, a esposa do senador, é filha de uma rica família de Bronxville, Nova York. Casou-se com Edward Kennedy em 29 de Novembro de 1959, numa cerimónia realizada pelo cardeal Spellman.

O actual insucesso foi o seu terceiro aborto. Ocorreu poucos dias antes do senador comparecer, em 3 de Setembro, no inquérito sobre a morte de Mary Jo Kopechne, a loura secretária que perdeu a vida quando o automóvel de Kennedy se despenhou de uma ponte, o mês passado, no Massachusetts.

DIGRESSÃO

A sr.ª Kennedy deu entrada no Hospital de Cape Cod, nesta comunidade de estâncias de Verão, pouco depois das 20 horas locais da noite passada (1 TMG).

O dr. Leonard Smith, médico assistente, confirmou que Joan Kennedy tivera um mau sucesso. Esperava-se que o bebé nascesse em princípios de Fevereiro.

O senador Kennedy, que efectuava uma digressão venatória e de campismo á ilha de Nantucket, com os três filhos e outras crianças da família Kennedy, foi avisado imediatamente e seguiu para o hospital.

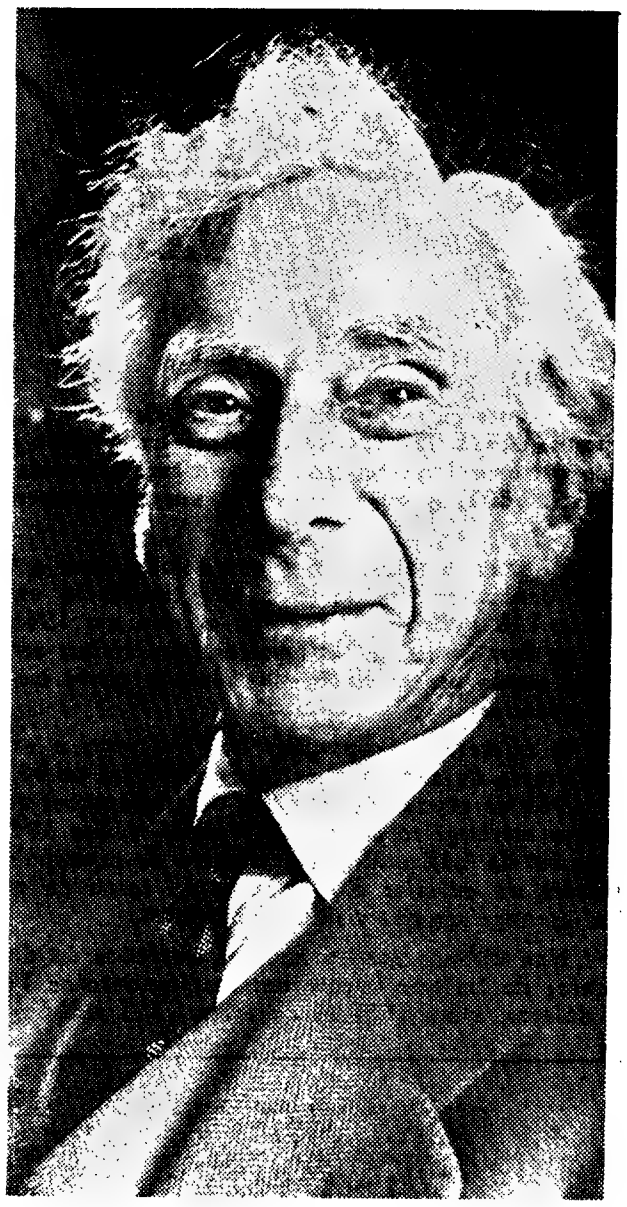
A ESTREIA DO
SATÉ
VAI SER UM ACONTECIMENTO MUNDADO EM CASCAIS!

compre no ALGARVE
solférias
PRAIA DO CARVOEIRO

RESTAURANTE
«O GUIZO»
NA PRAÇA DE TOIROS EM CASCAIS
Fuja do calor e venha almoçar ou jantar com todo o conforto no Restaurante «O GUIZO» na Praça de Toiros em Cascais. O Restaurante das Especialidades Portuguesas invulgares e saborosíssimas a preços sem exageros para a categoria da comida. Para os gulosos tem também doces de tarar feitos por processos conventuais. Estacionamento de carros sem problema.
Telefone 283434

Bertrand Russell—97 anos

JOSÉ CUTILEIRO



Bertrand Russell que acaba de publicar o terceiro e último volume da sua autobiografia completou no dia 18 de Maio noventa e sete anos. Para avaliar melhor o que pode significar ter 97 anos recordemos que Russell tinha 28 anos em 1900, 42 quando começou a primeira grande guerra mundial e 73 ao terminar a segunda. Tendo levado desde jovem uma vida que fez intensamente parte da vida científica, intelectual e política do seu tempo, a sua autobiografia é por vezes uma parte da História desse tempo, embora as passagens mais estritamente pessoais sejam talvez a parte mais original e estimulante desta autobiografia.

A obra consta do texto autobiográfico, de uma selecção de cartas de e para Russell e de algumas proclamações políticas de Russell. Não tenho aqui tempo para a analisar em detalhe e limitar-me-ei a algumas impressões gerais. Em primeiro lugar está bem composta e o texto de Russell é escrito num inglês claro e fácil, capaz de exprimir momentos de humor sarcástico, de genuína e funda compaixão e de apreciação quase mística do mundo. À sua intolerância, à tolice e à maldade humanas (de que saem mais mal tratados alguns políticos e académicos) Russell junta uma enorme preocupação com a felicidade e o progresso da humanidade. Como diz no prólogo do livro: «Três paixões simples, no entanto mais fortes que tudo o resto, governaram a minha vida: o desejo de verdadeiro amor, a busca de conhecimento e uma insuportável mágoa perante o sofrimento da humanidade.»

Isto é evidente através da autobiografia, a qual efectivamente revela uma personalidade de enorme estatura intelectual e moral e também um homem com muita sorte. A sorte reuniu em Russell um conjunto de características que teriam, isoladas, ajudado qualquer. Nasceu aristocrata (num país em que isso ainda hoje significa privilégio), rico e superiormente inteligente.

A avaliar pelos seus quatro casamentos e variadas outras ligações, não desagradava às mulheres e uma saúde rija conduziu-o, quase até ao centenário, válido de corpo e espírito. Se a matéria-prima era boa, o uso feito dela pode considerar-se excelente. A sua actividade intelectual tem muitas facetas mas pode dividir-se em dois grandes campos: a sua contribuição à lógica moderna que lhe garante um lugar na História da Filosofia e da Matemática, e o seu envolvimento nas questões morais e sociais do seu tempo que tem evocado a comparação com Voltaire.

Esse envolvimento começa com a posição pacifista durante a primeira guerra mundial que o levou à cadeia e tem hoje expressão na campanha contra as armas atómicas. Os títulos de alguns dos livros que entretanto publicou são por si significativos: «Sobre Educação», «Casamento e Moral», «O Impacto da Ciência na Sociedade», «Ideais Políticos», «Princípios de Reconstrução Social» e «Teoria e Prática do Bolchevismo»

Antes dos quarenta anos, Russell deixou de fazer investigação original em lógica matemática. Segundo ele próprio, o poder do seu intelecto estava diminuído e não chegava já para a tarefa. Escreveu ainda filosofia, depois foi-se progressivamente dedicando a história, moral, sociologia e política — matérias que considera intelectualmente menos exigentes

Curiosamente, Russell, que na sua obra científica contribuiu para a forma de conhecimento mais abstracta e rigorosa, não é considerado um teórico ou uma autoridade em ciências sociais. Costumam avançar-se para isto dois tipos de explicação: uma assenta no facto de Russell ter escrito sobre circunstâncias concretas e urgentes e ter estado moral e emocionalmente envolvido nos problemas que discutia. Não é necessária nem suficiente. O mesmo aconteceu por exemplo a Marx

A outra explicação evoca uma incapacidade de Russell para aperceber certas *nuances* da vida de relação e certas motivações de comportamento Não me parece necessário confirmar ou infirmar esta asserção — limitações semelhantes se encontram em

Continua na pág. 8

A opinião e o facto

ALBERTO FERREIRA

NÃO SEI quem é o comentador que iniciou no jornal «O Século» a radioscopia do ciclismo da «Volta». Mas sei que me enchi de saudável espanto pela sobriedade do seu discurso, pelo equilíbrio formal, pela discreta alusão a conceitos de significação sociológica e moral, pela ironia limpa de traço grosso. Enfim e numa só palavra, se a crítica das artes contasse com semelhante mérito e dons

Continua na pág. 5

MESA REDONDA

A situação do teatro profissional

Publicamos hoje a segunda e última parte da mesa-redonda consagrada à situação do teatro profissional em que tomaram parte Carlos Porto, Costa Ferreira, José Viana, Mário Jacques, Varela Silva, Vasco Morgado e Joaquim Benite (moderador).

No debate, do maior interesse para a cultura portuguesa, para a liberdade de espírito e de ideias — condições dependentes das «janelas abertas» ao teatro — foram apresentadas propostas tendentes à solução imediata de alguns dos seus problemas. Salientamos entre essas propostas:

- **Reforma do Conservatório**
- **Criação de um Serviço Nacional do Teatro**
- **Diminuição dos impostos dos espectáculos**
- **Realização na província de Festivais de Verão**
- **Facilidades na abertura de teatros**

(Na página central)

ASSIM VAI O MUNDO

Turismo

Durante os seis primeiros meses deste ano entraram em Espanha 7 476 437 turistas. No mesmo período do ano passado o número de turistas que visitaram o país vizinho foi de 6 590 601, o que representa um aumento de 13,4 por cento.

Há que assinalar, por outro lado, que o turismo em geral continuou em 1968 a sua tendência expansionista. Foram 140 milhões de pessoas as que em 1968 atravessaram as fronteiras dos seus países para visitar outras nações, o que supõe um aumento de três por cento em relação ao ano anterior.

O número de espanhóis que vai para o exterior também cresce de ano para ano; em 1968 foi de 16,24 milhões. Em 1961 os espanhóis munidos de passaportes que viajaram para o estrangeiro somou 2,69 milhões. Em 1968, esse número foi de 4,12 milhões. O número de espanhóis que pagou turismo no exterior é, portanto, de cerca da quarta parte dos estrangeiros que visitam a Espanha.

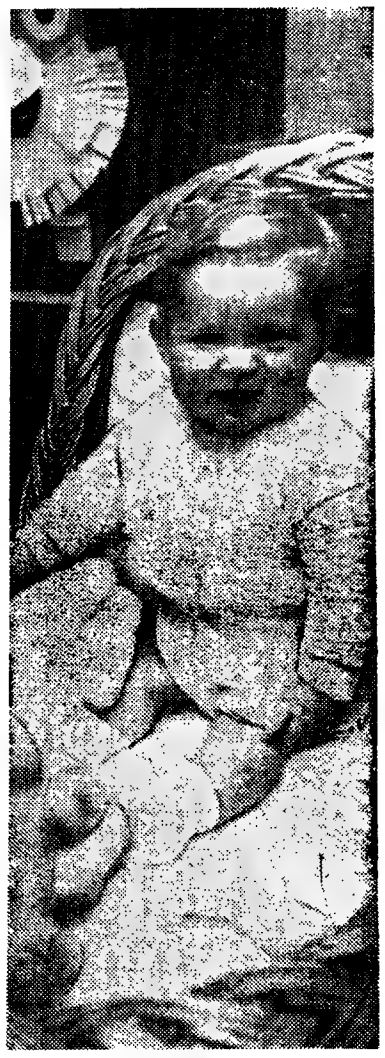
Nos últimos quatro anos as entradas de divisas provenientes do turismo superaram amplamente os 1100 milhões de dólares, e em 1968 alcançaram 1215 milhões de dólares.

Assaltos

Reuniram-se em Montreal representantes de 103 companhias aéreas internacionais, de 116 Governos de 44 mil pilotos a fim de estudar as causas e tentar evitar os assaltos a aviões civis. Com efeito, desde começos de 1968, produziram-se 86 casos de «sequestro» de aparelhos (48 dos quais no ano passado) A maior parte destes actos (além de ataques, em terra, á mão armada) foi cometida por doentes mentais ou por individuos que pretendiam obter asilo politico noutro país. Os referidos actos puseram em perigo a vida de centenas de pessoas.

Pesquisas

Vai ser criado em Berlim Ocidental, anexo á Faculdade de Medicina da Universidade Livre daquela cidade, o primeiro Instituto de Medicina Perinatal do Mundo. Na nova instituição, o «objecto de pesquisas» será o bebé, não só no ventre materno como após o nascimento, nas primeiras horas e dias de vida, periodo em que é ameaçado por imensos perigos. Com a expressão «perinatal» os médicos pretendem designar o periodo «á volta do nascimento», isto é, o estádio final do desenvolvimento embrionário, inclusive o periodo crítico após o nascimento.



Engorda

Investigadores de uma fábrica de Budapeste efectuam experiências com um produto denominado *glypodin* e que pode vir a ter considerável influência na criação de aves e de outros animais úteis á alimentação do homem. De acordo com as experiências já realizadas, esse produto produz nos bovinos uma aceleração da engorda, aumento de peso nos frangos e maior abundância de carne nos porcos. E ao contrário do que se verifica com outros produtos estrangeiros do género, a invenção húngara não acelera a gordura nas pessoas que consomem os animais assim criados

Trabalho

O número de mulheres que têm um trabalho remunerado em Franca está a aumentar espectacularmente. Segundo o recenseamento da população feito em 1962 elas eram 6 664 000 e, em 1968, tinham já atingido os 7 123 500. O aumento é de 6,9 por cento e representa uma média de 460 000 por ano.

As mulheres são atraidas, em particular, pelo comércio, pela administracão, pelos escritórios, pelos bancos e pelas companhias de seguros.

Em França há 20 milhões de trabalhadores. Desses, segundo o censo de 1968, 9 334 100 exerce a sua actividade nos transportes, comércio e serviços. Por outro lado, o número de pessoas empregadas na agricultura continua a diminuir, não representando mais de 15 por cento da população activa. A indústria empregava seis milhões de pessoas

Imprensa

Os jornais portugueses anunciaram oportunamente que os jornalistas gregos não concordaram com o projecto de lei sobre a liberdade de Imprensa, redigido por um grupo de advogados e de professores.

Um comunicado da União dos Jornalistas Gregos classificou esse projecto de «humilhante» e de ter sido redigido no desconhecimento das condições de trabalho dos profissionais da Imprensa.

Medicamentos

Na XXII Assembleia Mundial da Saude reunida em Boston (E. U A.) foram aprofundadas algumas exigências relativas á qualidade e controle dos medicamentos. Nesse sentido foram assinados uma série de acordos que oportunamente chegarão ás autoridades de todos os países a fim de que sejam respeitados pelos laboratórios farmacêuticos. Desses acordos constam normas relativas ao pessoal, ás matérias-primas, ao processo de fabrico, ao controle de qualidade e á embalagem.

ASSIM VAMOS NÓS

Eleições

As Comissões Democráticas Eleitorais do Porto e Lisboa anunciaram, durante esta semana, que se encontram em fase adiantada dos trabalhos necessários à escolha dos candidatos pelo Movimento Eleitoral Democrático (que reune várias tendências politicas da Oposição) às próximas eleições para deputados.

A escolha de candidatos baseia-se na eleição, através das comissões regionais (de concelhos e freguesias) e de sectores socioprofissionais. Nos restantes distritos do País processa-se um trabalho idêntico, sendo de salientar o caso de Braga, onde o Movimento Eleitoral Democrático tem desenvolvido intensa actividade preparatória do acto eleitoral.

As comissões distritais deste movimento (que agrupa representantes de diferentes correntes de opinião, socialistas, liberais, católicos, independentes) têm-se reunido com regularidade e deverão entrar brevemente na fase de escolha dos candidatos.

Fusão

Foi anunciada uma das maiores fusões da história industrial da França: as empresas Saint-Gobain (o maior produtor europeu de vidro, com 143 fábricas em 12 países) e Pont-à-Mousson (um grupo também internacional e muito diversificado, com 80 fábricas e actividades principais nos sectores da construção, siderurgia e metalomecânica) vão fundir-se, criando uma nova empresa.

Também em Portugal, em Conselho de Ministros foi resolvida a fusão das sociedades concessionárias de aproveitamentos hidroeléctricos, de empreendimentos termoeléctricos e de transporte de energia eléctrica, cujas centrais e instalações constituem a rede eléctrica primária. A empresa única que resultará da fusão receberá nova concessão de exploração da rede.

Entretanto, no sector bancário registou-se igualmente uma importante concentração: as assembleia gerais do Banco Lisboa & Açores e do Banco Totta-Aliança aprovaram a fusão dos dois estabelecimentos num novo banco, com encorporação do activo, passivo e demais direitos e obrigações.

Por outro lado, um despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Marinha nomeou uma comissão que deverá elaborar um estudo crítico da situação actual das companhias de navegação portuguesas, com vista, nomeadamente, a eventuais fusões.

Estas informações têm lugar destacado no «relance do mês» de «Indústria Portuguesa — órgão mensal da Associação Industrial Portuguesa», merecendo a notícia relativa a Portugal o título festivo de «Finalmente, fusões em Portugal».

Afirmações

«O Chefe do Estado está hoje contente porque viu realizada a sua promessa e porque sabe estarem contentes os habitantes da Ilha de S. Miguel. O Chefe do Estado devia hoje estar de visita aos micaelenses e fê-la com o maior prazer. Não quero afirmar que seja de todos os presentes o mais contente, mas peço licença para afirmar que sou dos mais contentes».

(Discurso do Chefe do Estado em 25 de Agosto, na inauguração do aeroporto de Ponta Delgada).

*

«De facto, para mim, que defendo, numa concepção do Estado Social que o nosso Regime Corporativo tem de evoluir progressivamente para um corporativismo de associação em que permanentemente se respeite a liberdade de associação e de inscrição, a espontaneidade na constituição e autonomia na direcção de organismos, prestar a minha homenagem à referida instituição é também render o meu tributo de sincero respeito aos princípios à luz dos quais foi criada e se desenvolve».

Dr. Silva Pinto

(Discurso do subsecretário de Estado das Obras Públicas na Câmara Municipal de Sernancelhe, em 25 deste mês).

Unificar as pescas europeias ou a tarefa irrealizável

M. DOUTRELAND

Haverá alguma vez uma «Europa do peixe»? Já antes da decisão, recentemente tomada pelos Seis, de cindir em dois o Mercado Comum agrícola, que um dos «habitués» das negociações de Bruxelas fazia a seguinte reflexão: «Os mercados agrícolas que ainda não têm organização comunitária, nunca a terão. Pelo caminho que as coisas vão tomando...». Este técnico queria, sem dúvida, dizer com isso que os Seis tinham demasiada falta de «fé europeia» para se entenderem acerca de dossiers tão espinhosos como os do vinho e do tabaco. A situação é a mesma para a pesca marítima. Os técnicos dos Seis discutem a situação da pesca, há uns quinze meses. A [illegible] *elaborou regulamentos, que vão ser publicados em Junho de 1969, mas o Conselho de Ministros franceses tarda a apreciá-los. Por isso, se põe a questão: os Seis estarão realmente dispostos a pôr de pé uma organização comum, quando as suas indústrias da pesca têm interesses diferentes. Se não opostos? Não preferirão «deixar ficar as coisas como estão», com receio de atrairem sobre si os mesmos contratempos financeiros que arranjaram com a Europa do leite e do trigo? Os parceiros da França tiveram, mais uma vez, o sentimento de terem feito de aprendizes de feiticeiro, ao reunificarem os mercados. Sem dúvida que irão exigir de Paris uma moeda de câmbio político antes de se meterem noutras experiências.*

Unificar as pescas europeias é o mesmo que, acasalar uma carpa com um coelho. Para nos persuadirmos disso, basta que comparemos as pescas francesas e alemãs. Ambas extraem pràticamente a mesma quantidade de produtos de mar: 700 000 toneladas, para as primeiras; 650 000, para as segundas. Mas para se chegar ao mesmo resultado, que diferença entre os meios postos em acção!

A França tem quarenta mil pescadores inscritos, a Alemanha, oito mil. Os pescadores franceses vivem em grupo em regiões subindustrializadas, dobrados sobre si mesmos, ao abrigo de um sistema corporativo, que não os prepara para a livre concorrência. Na Alemanha, há cinco vezes menos pescadores; parte deles são estrangeiros: turcos, jugoslavos, portugueses. Os portos não dão vida, como na França, a toda uma região de retaguarda. Por isso as pescas alemãs puderam tirar partido destas fracas tradições marítimas para apressarem a sua modernização.

DIFICULDADES DE AMORTIZAÇÃO

Tal é a segunda diferença: o equipamento francês, disperso e familiar, está em atraso em relação ao seu concorrente de além Reno. Em 1968, a frota alemã contava cento e trinta traineiras (130 000 toneladas); a francesa, tinha mil quinhentas e setenta e três traineiras equipadas para pesca industrial, com uma tonelagem superior apenas em um terço (190 000 toneladas). Os armadores franceses possuem, na maioria das vezes, três ou quatro barcos. Dispersão e sobrequipamento vão a par. Cada qual construiu para seu lado, sem preocupação de se integrar num plano de modernização da frota. As unidades antigas não foram suprimidas, e novas unidades se foram lançando, o que dificultou a amortização destas últimas.

Os poderes públicos têm certa responsabilidade nesta situação, pois concedem múltiplos auxílios às pescas marítimas sem, para isso, obrigarem os beneficiários a dobrarem-se às exigências da necessária evolução. O Tribunal de Contas, no seu último relatório (4 deste mês) denuncia, aliás, esta carência: *A administração sente dificuldade em definir os pontos de aplicação das reformas a empreender sem entrar em choque brutal com um meio que continua grandemente preso a hábitos e estruturas ultrapassados. As operações admitidas ao benefício das subvenções conduzem, muito frequentemente, a um* sanpoudrage, *cuja eficácia económico é incerta.* Os poderes públicos, além disso, durante muito tempo, e devido a exorbitantes vantagens fiscais, atraíram para as pescas uma massa de capitais alheios ao meio marítimo. Estes capitais poderiam ter trazido um «sangue novo» ao equipamento. Ora, ùnicamen-

Continua na página 11

A REVISÃO DA LEI DO CONTRATO INDIVIDUAL DE TRABALHO — 2

Os trabalhadores pagos à semana e ao mês

FRANCISCO MARCELO CURTO

A distinção entre empregados e assalariados constituía, á luz da Lei 1952, uma questão escaldante. O critério que, na base, servia para os distinguir era o seguinte: o empregado desenvolve um esforço intelectual predominante; para o assalariado o esforço a desenvolver seria essencialmente manual ou físico. É claro que o critério não resolvia os casos duvidosos e os conflitos em que patrões e trabalhadores não chegavam a acordo acabavam por ser decididos nos tribunais, com as inevitáveis flutuações de critérios.

O mais importante na distinção eram, porém, as suas consequências: o empregado (caso típico, o dos empregados de escritório), recebia o pagamento do seu trabalho mensalmente, por 30 dias de trabalho e não podia ser despedido sem aviso prévio e sem justa causa, a não ser que recebesse indemnização; além disso tinha direito a férias depois de um ano de bom e efectivo serviço.

O assalariado recebia por semana o pagamento de seis dias de trabalho, podia ser despedido sem aviso prévio, sem justa causa e sem indemnização e não gozava férias até completar dois anos de serviço efectivo.

O Dec.-Lei 47032, de 27 de Maio de 1966, propôs-se acabar com a distinção e conseguiu-o no que toca ao despedimento e ás ferias, o que era de resto imposto há já muito tempo pela evolução das forças produtivas e estava outrossim consagrado em várias convenções colectivas de trabalho. O relatório do Dec.-Lei 47032 justificava o abandono da distinção empregado - assalariado com as seguintes palavras:

«Não é difícil justificar a inovação: torna-se, isso sim, cada vez mais difícil distinguir os chamados trabalhadores manuais dos trabalhadores intelectuais, dados os avanços da técnica e os constantes progressos tecnológicos; por outro lado cada vez mais também as empresas procuram, por exigências da sua contabilidade *e outras*, uniformizar os períodos de pagamento dos vencimentos. O resto é uma questão de justiça, com aceitação cada vez maior na legislação estrangeira».

As fórmulas empregadas são algo vagas e a sua concretização legal não corresponde ás intenções aqui declaradas. Passa-se em claro que não foi só o avanço tecnológico que determinou o abandono da distinção. Por outro lado, as exigências contabilísticas das empresas só determinam o que hoje se vê praticar: o pagamento chamado á quinzena remunera 12 dias de trabalho em vez de quinze; o pagamento ao mês paga 26 dias de trabalho e não trinta; numa semana de trabalho são pagos ao trabalhador seis dias e não sete dias de trabalho. Por fim, o resto, que é uma questão de

(Continua no seguinte)

O artesanato contra a indústria

A concentração do apetrechamento alemão nas mãos da Nordsee Deutsche Fisherei, **práticamente controlada pelo grupo Unilever, permitiu levar a cabo uma audaciosa política de modernização: 75 das 131 traineiras estão equipadas para o fabrico de farinha de peixe e 58 para congelamento da sua produção.**

Na Alemanha, a pesca — e aí reside a diferença fundamental entre a pesca alemã e a francesa — é concebida como um simples elo da cadeia que traz o peixe para a mesa do consumidor. A Nordsee Fisherei **rege o conjunto do mecanismo: produção, transformação, comercialização. Em França todas estas operações estão nitidamente separadas e necessitam de numerosos intermediários. A** Nordsee **possui até uma cadeia de cinquenta restaurantes na Alemanha Federal. Criou recentemente uma filial em Roterdão, onde vai abrir 20 restaurantes, dentro de 5 anos. Projecta instalar-se também na Suíça e na Áustria.**

Em França, a pesca continua a ser uma actividade artesanal; além-Reno, parece ter atingido o estádio industril. Esta afirmação deve ser, no entanto, ligeiramente corrigida: as pescas alemãs e francesas não fazem entrega do mesmo produto. As primeiras trabalham, sobretudo, para o mercado da congelação e das conservas, o que favorece a sua concentração. Especializadas na captura de algumas espécies de peixes grandes, deixam que a industria diversifique a produção por processos culinários: com seis espécies de peixes, as industrias conserveiras alemãs fabricam 85 produtos!

Na França, pelo contrário, o consumidor prefere o peixe fresco. Os barcos têm que fazer, por isso, breves surtidas. Isto obriga os armadores a construírem unidades mais pequenas e a fazê-las regressar mais depressa, o que lhes agrava os encargos de exploração.

Qual o principal problema da sociedade portuguesa?

Por um lamentável lapso de paginação sairam trocadas as respostas ao nosso inquérito «Qual o principal problema da sociedade portuguesa?», publicadas no numero anterior de Mesa Redonda. O depoimento atribuído á dr.ª Maria de Lourdes Neves era o do dr. António Macedo e vice-versa. Do facto pedimos desculpa aos respectivos autores e aos nossos leitores em geral.

A revisão da lei do contrato individual de trabalho

Continuação da pág. 3

justiça, é muito importante e não está realizado na prática.

VANTAGEM

Tanto o projecto de decreto-lei submetido à Camara Corporativa para revião do Decreto-Lei 47 032 como o parecer da Camara não alteram o problema máximo da distinção que é o de se diferenciar o pagamento do trabalhador em mensal, quinzenal e semanal. É certo que o próprio relatório do projecto declara que a revisão não determina transformações radicais. Talvez estas não fossem possíveis ou convenientes para um diploma que guarda sempre um carécter supletivo em relação ás convenções colectivas, embora contenha declarações de princípio importantes e básicas e ele próprio se declare aplicável em vez das convenções colectivas se o regime legal for mais favorável ao trabalhador.

O que não se poderá desconhecer são os contratos colectivos recentes, o dos Metalurgicos e o dos Industriais de Electricidade que vêm estabelecer *para todos* os trabalhadores, no caso deste ultimo e *para alguns* no caso do dos Metalurgicos, a *retribuição mensal* por trinta dias de trabalho. A importância desta inovação deverá ver-se mais nas suas consequências futuras do que nas actuais. Porém, as vantagens que desde já se alcançam para os trabalhadores a quem é aplicável o regime da remuneração mensal encontram-se no aumento da retribuição através do pagamento dos dias de descanso semanal e no aumento que advém para uma possivel indemnização.

O artigo 54.º do projecto acrescenta ao mesmo artigo do Dec.-Lei 47032 um n.º 4 que determina:

«As convenções colectivas poderão estabelecer para os casos em que o regime não vigore, os termos e condições em que a retribuição do trabalhador passe a abranger o dia de descanso semanal».

Acrescento afinal redundante, uma vez que as convenções colectivas não precisam do *conselho* da lei para já irem determinando o pagamento do chamado 7.º dia.

O parecer da Camara Corporativa, publicado com data de 9 de Julho ultimo mas distribuido efectivamente em 23 de Agosto de 1969, limita-se a manter o citado n.º 4 do artigo 54.º com a seguinte observação que, convenhamos, não diz nada: «Trata-se de medida de alcance social, cujas repercussões, contudo, é necessário ponderar e só se projectarão para futuro.» A Camara não devia desconhecer que há já várias convenções colectivas a adoptarem, antes do conselho da lei, a inovação. E os trabalhadores não abrangidos por convenções colectivas? Que *futuro* esperarão eles?

GENERALIZAÇÃO

Uma das justificações que se encontram fácilmente para o pagamento do dia de descanso é a de que o trabalhador tem direito a descansar por conta do patrão em vez de descansar por sua própria conta. E se os chamados empregados recebem o 7.º dia e têm sempre descansado, pois, por conta do patrão por que razão os até agora chamados assalariados não hão-de também descansar por conta do mesmo patrão? Se pensarmos ainda que os feriados obrigatórios são pagos ao semanal e ao mensal como será defensável um sistema que continua a não remunerar os dias de descanso aos trabalhadores ditos manuais? Desconhecem-se as razões que podem levar á conclusão de que o pagamento mensal não pode ser imposto a todas as empresas abrangidas por uma convenção colectiva. Falta de capacidade economica de algumas? A verdade é que todos sabemos que a margem de lucro das pequenas empresas é quase sempre superior á das grandes, pois aquelas impõem o seu preço directamente ao consumidor que não está, em geral, em condições de o discutir.

Nestes casos, parece pois que seria até aconselhável a generalização do pagamento mensal sem que se pudesse sequer aplicar aos Sindicatos a observação que a Câmara Corporativa faz no seu Parecer sobre a nova Legislação Sindical:

«Este sentimento (desinteresse dos Sindicatos pelos seus associados) era tanto mais arreigado quanto havia a convicção de que a própria assinautra das convenções colectivas era geralmente conseguida quando o Grémio se capacitava de que, a não chegar a acordo, teria de cumprir um despacho em que não tinha possibilidade de intervir e que, embora mais tardio, seria mais gravoso».

Os Grémios que concordaram em pagar o 7.º dia aos trabalhadores metalurgicos e aos electricistas estariam convencidos de que, a não assinarem os contratos colectivos, teriam de vir mais tarde a cumprir um despacho que os obrigasse a pagar o 7.º dia?

Não nos parece, uma vez que é a própria lei geral do contrato de trabalho que acha conveniente que o pagamento do dia de descanso seja determinado só em convenção colectiva. O que, por tudo o que se disse, não pode merecer, com justiça, o nosso acordo.

O PARECER DA CÂMARA CORPORATIVA

Justificar o retrocesso social?

A Câmara Corporativa pronunciou-se acerca do projecto de Decreto-Lei n.º 8/IX, que constitui a revisão do regime jurídico do contrato individual de trabalho, instituído pelo Dec.-Lei 47 032, de 27 de Maio de 1966.

O parecer da Câmara tem a data de 8 de Julho de 1969 e vem publicado pela Imprensa Nacional em «Actas da Câmara Corporativa», de 9 de Julho, mas só distribuído em 23 do mês corrente.

São catorze os procuradores que subscrevem os pareceres, sendo que três se pronunciam com vigor contra as inovações do Parecer que importam regime menos favorável para o trabalhador que o estabelecido pelo Decreto-Lei 47 032.

DIMINUIR DIREITOS

Não podemos deixar de aprovar com veemência os votos de vencido dos procuradores Álvaro Vieira Botão, João Manuel Nogueira Jordão Cortez Pinto e Mário Dias Pereira de Lemos, em especial o de Cortez Pinto que, entre outros considerandos, declara:

«Entendo que nada justifica um retrocesso social, ao arrepio da nossa tradição e da evolução que universalmente caracteriza o direito do trabalho, retrocesso cuja compatibilização com o preceito da prevalência do regime mais favorável para o trabalhador (que consta expressamente do artigo 130.º) levanta evidentes dificuldades».

É fora de dúvida que o parecer da Câmara propõe uma lei que intenta diminuir direitos já concedidos ao trabalhador, desde 1966, pelo Decreto-Lei 47 032. E as justificações encontradas pela Câmara para o retrocesso social que o parecer visa não são de forma alguma convincentes ou defensáveis.

Na 1.ª parte do parecer, «Apreciação na generalidade», encontramos logo uma observação sem comentários ao facto do Governo não ter considerado o parecer da Câmara de 1961 e ter publicado o Dec.-Lei 47032 de 1966 sem ter consultado a Câmara. E no n.º 3 desta apreciação refere que não existe nenhuma colisão de fundo entre o parecer de 1961 e o projecto em apreciação pelo que a Câmara não se limitará a seguir o projecto de lei do Governo, sem lhe modificar [illegible]utura e o fundo, [illegible]ende que deverá propor alterações aos preceitos que não tenham sido objecto de revisão (por parte do Governo, no pro-

Tal orientação é já discutível e representa, sem dúvida, por parte da Câmara, de uma tentativa de recobrar a sua autoridade de órgão consultivo do Poder Legislativo e do Executivo, que não lhe foi reconhecida em 1966. E assim, na lógica da Câmara, não se limitará a desenvolver soluções, afinar conceitos, modificar expressões, aperfeiçoar enfim a lei, mas modificará a sua estrutura, dando-lhe nova feição, isto é *proporá uma lei nova*.

O já citado procurador Cortez Pinto insurge-se no seu voto contra esta orientação, entendendo que a revisão não pode nem deve «alargar-se a modificações de fundo *nem admitir derrogações ao regime em vigor*». Principalmente quanto a esta última afirmação exprimiremos o nosso total acordo, pois os benefícios concedidos ao trabalhador pelo Dec.-Lei 47 032 não podem ser retirados pela nova lei, pois que tal atitude contraria a mais elementar justiça nas relações de trabalho.

LEGISLADOR PESSIMISTA

Percorreremos ràpidamente algumas das alterações que implicam na verdade, se o parecer vier a ser integrado no Dec.-Lei a publicar, uma diminuição dos direitos do trabalhador em relação a 1966.

Em relação a férias, o projecto do Dec.-Lei apresentado pelo Governo à Câmara volta a considerar as férias como um direito do trabalhador adquirido no ano civil anterior por um ano de trabalho. Assim, o trabalhador tem direito a férias, a partir de 1 de Janeiro do ano seguinte.

O projecto inova também no que toca às primeiras férias. Diz o projecto que o trabalhador tem direito às primeiras férias (a partir de 1 de Janeiro do ano seguinte) se no ano civil da admissão tiver prestado 90 dias de serviço, no mínimo (Art.º 55 n.º 3).

Além disso, se o contrato de trabalho terminar, a entidade patronal deverá pagar a retribuição referente às férias vencidas em 1 de Janeiro desse ano mais um período de férias proporcional ao tempo de serviço prestado no ano em que termina o contrato (Art.º 55 n.º 4).

Por último, o projecto do Governo melhora os períodos de férias, pois concede 12 dias aos trabalhadores com mais de dois anos de serviço, enquanto que no Dec.-Lei 47 032 só com mais de três anos o trabalhador tinha direito a 12 dias de férias.

Pois a Câmara entende que o trabalhador só tem direito a gozar as primeiras férias se, no ano seguinte ao da sua admissão, tiver prestado 90 dias de serviço (mais o tempo que prestou no ano em que entrou, acrescentamos nós). A Câmara justifica o parecer dizendo que o projecto permitia a um trabalhador gozar férias pela primeira vez, mesmo que no ano em que as goze não chegue a prestar qualquer serviço! É caso para dizer que o nosso legislador é pessimista de tal modo que previne os casos, muito raros embora, de o trabalhador se despedir ou ser despedido no dia 2 de Janeiro de certo ano depois de prestar 90 dias de serviço no ano anterior, *só para vir a receber seis dias de férias!*

A relação de trabalho assenta, como é evidente, na sua continuidade. Os casos excepcionais são na verdade e na prática cada vez mais excepcionais. No entanto, e por muito estranho que pareça, é sobre esses casos excepcionais que o parecer da Câmara assenta as suas bases!

MULHER GRÁVIDA: DIREITOS DIMINUÍDOS

Quanto ao pagamento das férias quando o contrato terminar, a Câmara considera que não é de satisfazer se o despedimento do trabalhador se dever a motivos disciplinares. Pura e simplesmente! Não basta o castigo despedimento: é necessário acrescentar-lhe a privação das férias, que a doutrina moderna considera, erradamente com certeza para a Câmara, um direito que é consequência do simples decurso da prestação de trabalho!

Contra o parecer, neste ponto, se ergue e muito bem o voto contrário do procurador Álvaro Vieira Botão.

Em vários pontos mais, e importantes, o parecer diminui direitos já concedidos desde 1966. Se um trabalhador se despedir sem aviso prévio e sem justa causa, pagará ao patrão indemnização *igual ao dobro do aviso prévio*. Parece inacreditável, mas é o que propõe o parecer (Art.º 108.º n.º 2).

Por último, a indemnização a pagar à mulher grávida despedida sem aviso prévio e sem justa causa será sòmente igual à retribuição que se vencerá até ao fim da gravidez e *seis meses depois do parto*. O Dec.-Lei 47 032 prevê que a indemnização será igual a meio mês por cada ano completo de antiguidade mais a *retribuição a vencer até um ano após o parto*. A justificação da Câmara é só esta: *é mais equitativo*.

Serão precisos comentários? Necessário se torna que a redacção definitiva do Dec.-Lei afaste, pelo menos, aquelas partes do parecer que implicam uma diminuição de direitos do trabalhador já estabelecidos pelo Dec.-Lei 47 032.

F. M. C.

FRIGORÍFICOS
FIDES
·Interior em esmalte
·Congelador a toda a largura
FRIGORÍFICOS DE QUALIDADE EXTRA
NAS MELHORES CONDIÇÕES DE AQUISIÇÃO EM:
ELECTRODOMÉSTICOS
LUSALVA
R. Andrade Corvo, 4-A · Tel. 58884
VISITE-NOS: FICARÁ CLIENTE E AMIGO.

INQUÉRITO AO BAIRRO DOS OLIVAIS

Grande percentagem de crianças e só duas escolas primárias

Em Olivais-Sul 50% da população é constituída por crianças até 14 anos (1). Em Olivais-Norte a percentagem não será muito inferior. A zona periférica da cidade de Lisboa acusa as mais altas percentagens de jovens enquanto o centro detém as percentagens mais elevadas de adultos e velhos (2). Nos dois bairros, por nosso lado, contámos cerca de dez crianças para um adulto, em hora morta, fora de casa. A proporção é tanto mais natural quando se sabe que a maior parte das donas de casa trabalha ou não tem serviçal: de mil famílias, em Lisboa, 700 não dispõem de criada. A propósito, encontramo-las fazendo parte de agregados instalados em casas de renda livre fixando-se o seu vencimento mensal algumas centenas de contos acima dos valores das rendas para as duas categorias mais baixas.

A incidência desta composição etária é tão expressiva, o grau de crescimento que se prevê tão rápido (aliado desde a formação do bairro a deficiências na própria divisão das casas) que o I Inquérito Fogo-Família, do Gabinete Técnico da Habitação, realizado sobre 200 famílias de Olivais-Norte concluía da sobreocupação de 102 habitações, 51 % da «amostra». De acordo com os elementos recolhidos e para exigências consideradas necessárias falta um quarto de cama em 75 habitações; dois quartos de cama em 21; três quartos de cama em 5, e 5 quartos de cama numa habitação.

As crianças representam, de facto, uma presença real no bairro. Podem considerar-se mesmo o elemento mais dinâmico da sociabilidade, o veículo natural do estabelecimento de relações de vizinhança. Projectam-se fora de casa com facilidade, asseguram os locais de recreio com uma facilidade espantosa, não se interrogando se será melhor ir brincar para a relva ou para o aterro do prédio que ainda está em construção. Não escolhem, instauram a própria convivência umas com as outras sem preconceitos de qualquer espécie.

ANDAR O DOBRO

A aclimatação e a integração dos moradores de raiz mais burguesa com as grandes massas predominantes de estrato popular tidas como troculentas e de pouca educação, morosa e cheia de ressentimentos nos adultos, tem nas crianças o melhor catalisador e impõe-se por via destas aos pais.

Mas a miudagem não tem escolas! Do muito e bem feito — o melhor que até agora se projectou no País e, que infelizmente, não irá repetir-se — nada está construído. Uma escola primária em Olivais Norte e uma outra, provisória, em Olivais Sul para uma população escolar superior à média da cidade! Nem liceus, nem escolas técnicas, nem escolas pré-primárias; tudo isso se espera, tudo isso há-de vir em grande, em beleza... Mas quando?

Entretanto as crianças que, previu-se, não deveriam fazer percursos superiores a 400 metros andam o dobro, o triplo, arrumam-se em barracões prefabricados!

COMÉRCIO E VENDEDORES AMBULANTES

No já citado Inquérito Fogo - Família perguntava-se aos moradores se de uma maneira geral estavam satisfeitos com a sua nova habitação. Responderam sim com reservas — 59 (29 %); sim sem reservas — 135 (68 %) e, não — 5 (3 %). Um não respondeu.

Claro, quem se muda, procura melhor e é natural que se contente. Mas a elevada percentagem dos que põem reservas ou deliberadamente respondem não, dá que pensar.

Ora, do que se queixam as pessoas?

De isolamento; da má companhia do vizinho proletário; dos berros, das más criações da gentinha que veio implantar ali o padrão de vida da barraca. Mas, sobretudo, pesa-lhe na alma a falta de comércio e a deficiência dos transportes.

«Nesta terra não há nada! Ir ao mercado para quê, galgar para aí essas terras se tenho o que quero à porta?» Este desabafo das donas de casa não vem sem razão. Agora, com grande parte da zona habitada, não está sequer começado o indispensável equipamento comercial. Os poucos e mal apetrechados comércios da periferia, de socorro imediato, não satisfazem. Nos centros comerciais já existentes as lojas são tão minúsculas, tão cheias de quinquilharia que julgámos estar em bairro muito pobre onde se vende à mistura o bacalhau, o sabão e a fita de nastro... De um modo geral todo o comércio nos pareceu sofrer de anemia, de anquilose; falta-lhe compradores mas, onde os há-de ir buscar? Florescente, esse sim o negócio de comidas e bebidas! Claro, quem beneficia deste estado de coisas são os vendedores ambulantes. Chegam a toda a parte, mesmo debaixo da janela, vendem baixo e para se lhes comprar dão pouco trabalho!...

Amanhã estarão construídos os centros cívico-comerciais parte integrante de um todo de que o «habitat» é uma das componentes. O que será, como será? Fica suspensa a interrogação. Mas como será aceita pelos habitantes de Olivais, a concentração de uma quantidade, relativamente pequena de unidades em cada centro, sabendo-se que, noutras zonas da cidade, onde o poder de compra se julga semelhante, a tendência prevalecente é antes para a dispersão numérica dos comércios em pequenas unidades rudimentares — desde a mercearia de esquina à loja no vão de escada?»

Por enquanto o que se vê é roupa estendida, e capoeiras, nas sacadas e varandas! Pela ideia não parece que se tenham habituado a pensar que estão num bairro moderno onde tudo foi pensado em termos de futuro!

UM BAIRRO DORMITÓRIO?

Caracteriza-se um bairro dormitório pelo reduzido tempo de permanência dos seus habitantes. Deste ponto de vista Olivais é um dormitório gigante! Dados os baixos rendimentos, muitas vezes homem e mulher têm de trabalhar e mesmo assim em cada mês os proventos são poucos. Calcula-se a média entre os 2500 a 3000 escudos. Durante a semana vai-se cedo para a cama e nas folgas instala-se a família em casa. O meio exterior ainda difícil ajuda e lá temos um bairro inteiro a contemplar o seu umbigo.

Mas por Deus o que se poderá fazer com uns tostões no bolso, quando a viagem de autocarro à Baixa nos rouba três escudos? Vêem-se os aviões e já é um pau!...

ALFREDO S. MARQUES

(1) Gabinete do plano director da C. M. L.

(2) Dr.ª Maria Bárbara Fernanda Lopes. **Bases para o estudo sociológico da Região de Lisboa.** Gabinete do Plano Director da Região de Lisboa, 1963.

A opinião e o facto

Continuação da pág. 1

de juízo que o comentário desportivo está despertando entre nós, talvez fosse possível admitir a salvaguarda de alguns livros de versos em risco permanente de chacinas a frio, à beira de soçobrarem aos tratos de polé dos ferreiros que amàvelmente se prestam a perorar acerca da inteligibilidade ou não inteligibilidade dos poemas que lhes caem sob a alçada de seus narizes bizantinos. Ao reler a crónica «o ritmo da volta», assinada por A. P. não me consigo furtar á lembrança de certas evanescências de um arrematador de palavras que pontifica num dos nossos semanários — não tanto sobre ciclismo, que é matéria provàvelmente indigna da sua pena de pato — mas sobre poesia! Alguma coisa acontece no Reino...

Acontece que está tudo virado do avesso. Esta inversão de valores é antiga. Os nossos educadores iluministas do princípio de oitocentos tiveram clara consciência dos dois estorvos que embaraçam o progresso do conhecimento: a basbaquice dos néscios ou a rematada estupidez do vulgo e a insensata temeridade dos chamados espíritos cultivados. Na verdade, mal se pode sustentar um património de cultura quando um cavalheiro, arvorado em crítico, se permite alinhavar meia duzia da patacoadas com vista á orientação da opinião publica. Desde logo a questão se torna ambígua pois o arvorado ignora duas distinções importantes. A primeira: a diferença entre opinião e certeza; a segunda: a distinção entre facto e opinião. Enquanto dentro do seu próprio espírito não se identifiquem as insuficiências do juízo não será possível esperar do crítico outra coisa que não seja um comento estéril de pequeno letrado claustral. Guiador de opinião este bicho tem ascendência antiga. Traça velha, já foi denunciado por Voltaire: «A maior desgraça de um homem de letras talvez não seja ser ele objecto de inveja dos seus confrades, vítima da cabala, do desprezo dos poderosos deste mundo, mas o ser julgado pelos tolos...». De pouco nos serviu o castigo do filósofo. Também isso não espanta: enquanto nasce um génio reproduzem-se cem mil medíocres, enquanto aparece um poeta surgem dez mil críticos de miuçalha. Creio bem que é muito pior cair nos alçapões da crítica do que ser julgado sem culpa formada; assar na grelha da desgraça do que transitar na parvoiçada do juízo de quantos pontificam nos chamados «mass media». Antes ser prisioneiro do silêncio! Pobres poetas de meu País de poetas! As consequências do imperialismo da mediocridade não se diferenciam essencialmente dos desastres do despotismo — numa ou noutra situação acontece o que D'Holbach observara: «os espíritos caem na apatia. O génio agrilhoado arrasta penosamente seus ferros, a ignorância ganha lugar de honra. Neste reino de cegos qual será o cidadão mais odioso? O clarividente. No império da ignorância é essa sorte que cabe ao cidadão esclarecido». Por esta altura do meu discurso estou a imaginar-vos. Uma florzinha murcha de autosuficiência descai-vos da bainha do lábio ofendido. O beiço desdenhoso expele quase aliviado de ressentimento:

— Erudito de meia tigela, chato duma figa, que sabes tu de poesia e de crítica?

Não meus caros. O engano instala-se na vossa alma tenrinha e imberbe. Este diálogo não me pertence. Ouviu-o por aí. Pela boca de gente responsável. Em frente de nós, ensombrando-nos a paciência, perfila-se tuc pesada ignorância. Que havemos nós de fazer senão colocar-te em face de um legado que tu ignoras? Sume-te, traça de poetas!

A

POUCO ANTES da abertura da nova época teatral, os problemas do teatro português mantêm-se no mesmo plano em que têm existido nos anos anteriores. Foi a intenção de abordar esta problemática «por dentro», que nos fez reunir diversas pessoas ligadas ao teatro profissional: dois autores, José Viana e Mário Jacques (um jovem, outro já consagrado); um autor, Costa Ferreira (também actor e encenador, aliás); um encenador, Varela Silva (também actor e autor); um crítico de teatro, Carlos Porto, e o empresário Vasco Morgado. A primeira parte da mesa-redonda foi publicada no último número. Hoje inserimos a segunda e última parte da discussão, que se inicia com a intervenção de Costa Ferreira, em resposta aos argumentos de Vasco Morgado, a propósito dos dramaturgos portugueses.

COSTA FERREIRA — Como autor, quero, antes de mais, agradecer a homenagem pública que o Vasco Morgado acabou de prestar aos autores portugueses, quando diz que tem convidado dramaturgos para escreverem peças comerciais, falando até em 500 contos de direitos — que é uma coisa, para mim e para a maioria dos meus colegas, deslumbrante — e que eles recusaram. Ora isto é uma homenagem aos autores portugueses — que têm, portanto, deixado de ganhar muito dinheiro, por amor à sua terra e ao seu povo. Pessoalmente, não tenho nenhuma peça proibida. Tenho apenas uma peça recusada, por indignidade literária, pela direcção do Teatro Nacional D. Maria II, e peças na gaveta à espera de outro momento.

Admito, também, em princípio, que um autor que teve uma peça proibida nos anos cinquenta se recuse, depois, a deixar representá-la nos anos sessenta. É que o autor que se preza não escreve para a posteridade, não se consagra a si próprio como imortal: escreve num momento. Nesse momento a peça pode ser oportuna, e depois não. Eu cito um exemplo: acabou agora de se gravar na TV uma série de episódios que eu escrevi em 1966, e aí faço referência a uma juventude que entretanto apareceu em Portugal. Teria sido interessante ver os episódios antes dos factos a que neles se alude se terem tornado banais.

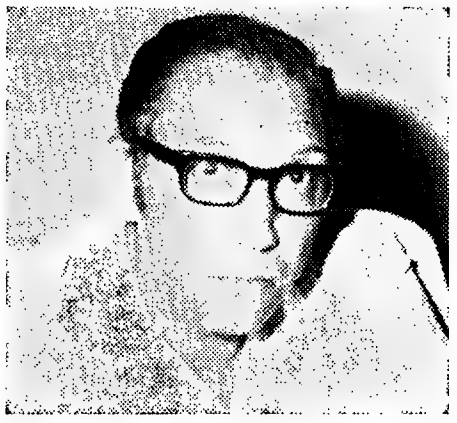
JOSÉ VIANA — Neste nosso diálogo estamos colocados em meridianos diferentes. Enquanto nós representamos autores, actores, o teatro pelo seu lado artístico, o Vasco Morgado reage como industrial do espectáculo. Ele não parte de um ponto de vista semelhante ao nosso. Assim, é impossível entendermo-nos. O Vasco Morgado fala-nos de receitas. Fala-nos em conquistar público, mas na medida em que esse público paga. Fala-nos de teatro como divertimento — mas puro divertimento, sem mais nada. Fala-nos da possibilidade dos autores portugueses serem representados — contribuindo, no seu raciocínio, para que as receitas aumentem. Ora não é nada disso. O problema não é nada disso.

A ideia que temos de teatro não se enquadra neste esquema senão por razões que nós não temos força para sustar. É claro que o teatro que nos interessa a nós, para se realizar inteiramente, teria de procurar-se fora de um sistema industrial.

«OS JORNAIS PODEM ESCLARECER O PÚBLICO»

VARELA SILVA — Tudo o que dissemos acerca das possibilidades de auxiliar o teatro, nomeadamente no que respeita a subsídio, depende de todas essas entidades de que já falámos: o Governo, etc. Todos nós também — como disse o Costa Ferreira — temos culpas. Ora todos nós também podemos fazer qualquer coisa.

Parece-me, por exemplo, que a crítica também podia dar uma ajuda. Não sei se ela está a dar a sua melhor ajuda. Creio



Varela Silva

— bem sei que dizer isto não é cómodo para um actor — que a crítica está a ajudar um bocado várias confusões. É como disse o Jacques, o actor é, nisto tudo, o mexilhão.

Lembro-me que num dos seus artigos o Carlos Porto, aqui presente, fazia uma afirmação que me parece muito importante: dizia ele que, «em Portugal, todas as encenações são provisórias.» Na realidade todos nós, actores e encenadores sonhamos com um trabalho que ainda não podemos dar ao público.

É considerando isto que talvez, nos jornais, se pudesse ajudar um pouco a esclarecer várias coisas de teatro. Eu não sei se a confusão é útil — já uma vez ouvi dizer que a confusão podia ser útil.

Há uma série de espectáculos que, por serem de choque, merecem, ás vezes, o favor da crítica. O que não quer dizer que mereçam sequer a simpatia do público — o tal grande público que nos interessa conquistar. Ora parece-me que vale a pena apelar para que os jornais que sempre estiveram ao lado do teatro ajudem a esclarecer o público sobre todos os aspectos. Não é o problema de fazer a crítica a uma peça; essa é a sua função. Não é dizer que um espectáculo é bom, sendo mediocre, ou que é mediocre sendo mau. Nada disso. Mas esclarecer o público acerca de muitas coisas que, melhor do que eu eles sabem, eles, os homens dos jornais.

MODERADOR — Acerca da questão levantada pelo Varela Silva, que, aliás estava no esquema das nossas preocupações, o Carlos Porto, como crítico de teatro, dirá, certamente alguma coisa.

Entretanto, e muito sumáriamente, eu queria — até porque também faço crítica de teatro, e como o Carlos Porto, com carácter amador — dar um pequeno esclarecimento em relação ao que disse o Varela Silva. A mim não me parece, na realidade, que a confusão seja útil. Mas também não me parece que a melhor maneira de evitar a confusão seja a transigência e a complacência perante estruturas e perante atitudes que urge desmistificar. Eu não creio, de facto, que a crítica de teatro possa ter uma função perfeitamente realizável em relação ao público português, na medida em que usa órgãos que não têm uma grande tiragem, na medida em que a maior parte do público desses órgãos não lerá a crítica de teatro, além de uma série de outros factores que se conjugam para que a crítica de teatro seja pouco mais do que uma actividade bem intencionada mas com poucas possibilidades de comunicação. Tudo isto entronca, aliás, naquilo que disse há pouco o dr. Costa Ferreira e que me parece ser a súmula de tudo isto: é que o problema do teatro não é o problema do teatro, é o problema de todo o País. Tudo isto existe, apenas, a nível de improvisação.

No entanto o Carlos Porto poderá debruçar-se mais atentamente sobre este problema.

VARELA SILVA — Dá-me licença? Só um parêntesis. Não me refiro apenas, ùnicamente, à crítica. Refiro-me a uma função de divulgação que o jornal pode ter, aliás a exemplo do que se passa com outras actividades, que não o teatro

CARLOS PORTO — Estou de acordo com o Varela Silva quando ele reclama para o teatro uma atenção e espaços maiores por parte da Imprensa Parece-me, no entanto, que o problema não pode ser resolvido por cima. Quer dizer: não é a Imprensa que o vai resolver. O problema é de estruturas. Já aqui foi dito e repetido e não vou, portanto, voltar ao assunto.

Muito bem. Vamos, portanto, ver o problema de outro ângulo: será possível fazer melhor teatro, nas actuais circunstâncias? É aqui que intervenho como crítico.

«CHAMAR ENCENADORES ESTRANGEIROS»

Eu creio que, realmente, é possível fazer melhor teatro em Portugal, nas actuais circunstâncias, embora — é bom frisá-lo — acha que as actuais circunstâncias deviam mudar. O Mário Jacques disse — e creio que o Varela Silva esteve de acordo — que o actor é o menos responsável pela situação do teatro em Portugal. Ora, pela minha parte, eu creio que somos todos responsáveis, e o actor é tão responsável como qualquer outra enti-

Carlos Porto

dade que cria o teatro. O que eu verifico é que a problemática do teatro não nasce só de um problema de estruturas, mas sim também de um problema de honestidade. Eu entendo que para ser artista é preciso, realmente, ir ao sacrifício. O artista tem sido sempre — e eu sou contra isso, evidentemente; não tenho uma concepção romântica do artista — na história da humanidade, um ser de certo modo marginal e obrigado a combater para se realizar. De qualquer modo, o actor de teatro, em Portugal — para não falar das excepções, claro — faz teatro como quem faz qualquer outra coisa. O teatro é apenas um emprego.

Por outro lado, o teatro não é só o actor: é também o encenador. Eu creio que, em Portugal, com algumas excepções, não há encenadores. Nas actuais estruturas a única maneira de resolver o problema em Portugal é chamar encenadores estrangeiros. Estou a pensar num exemplo, e cito-o embora saiba muito bem de todo o condicionalismo que está por trás dele. Mas a verdade é que eu vi um espectáculo em Lisboa, no qual um homem argentino trabalhou dois meses, realizando um trabalho notável, apesar de ter utilizado actores que não o eram, e com aquilo que não existia, mas que, no entanto, apareceu. Evidentemente que se trata de um espectáculo um pouco à margem.

Eu o que queria dizer é isto: no nosso teatro estão criadas estruturas que impedem o ingresso de jovens que se possam interessar por ele. E parece-me fundamental que o teatro permita ao jovem ingressar nele. Por outro lado, é essencial ao teatro português criar espectáculos a partir de textos que reflictam totalmente os nossos problemas. Tem de se fazer um teatro de problemática, mesmo

situação do teatro profissional (2)

dentro dos nossos condicionalismos. E creio que isso é possível, até representando clássicos.

MÁRIO JACQUES — Parece-me que não ficou bem esclarecido o que eu disse há bocado. Há uma dualidade no teatro português que é muito importante. Por aquilo que eu conheço directamente da Europa e, teòricamente, do mundo chamado civilizado, nós temos particularidades e uma especificidade muito especiais. Temos, pois, condicionalismos muito especiais, portanto. Condicionalismos que implicam mesmo aquilo a que se referiu o Carlos Porto. Ora quando eu ponho o actor fora do problema teatral, ponho-o muito esquemàticamente. Evidentemente que o actor é um homem responsável dentro da sociedade. No plano do teatro, eu coloco-o um pouco marginalmente, por isto: é que o actor de teatro não é um «monstro sagrado», um tipo diferente dos outros. Sofre os mesmos condicionalismos de qualquer outra pessoa, seja de que tipo de actividade for. É evidene que o actor, na sua generalidade, está condicionado da mesma forma que qualquer outro trabalhador português: seja ele médico, engenheiro, operário, músico, seja o que for. E se há desonestidade em muitos actores, também a há em muitos indivíduos que particam outras actividades.

O problema fundamental não é teatral. O teatro por si não resolve coisa nenhuma. Estou de acordo com o Carlos Porto quando diz que devemos tentar saber o que é que, dentro deste condicionalismo, é possível fazer.

O Carlos Porto, por exemplo, focou o aspecto da presença do encenador Vítor Garcia, suponho...

CARLOS PORTO — Referia-me a Adolfo Gutkin.

MÁRIO JACQUES — É idêntico. O que acontece é isto: o teatro profissional tem um funcionamento completamente diferente do teatro amador. O teatro profissional começa por ter dois tipos de censura: a consura do texto e a censura visual, que é uma coisa que o teatro universitário e o teatro amador não têm.

Por outro lado, não podemos saber até que ponto esse espectáculo poderia ou não ter impacto no público. Só com três ou quatro espectáculos não se pode fazer uma ideia disso. O teatro só tem significado quando atinge milhares de pessoas. Quando atinge centenas isso não é muito importante.

JOSÉ VIANA — Temos aqui o Vasco Morgado. E o Vasco Morgado está optimista. Diz-nos que há um alargamento das liberdades oficiais. Ora o Vasco Morgado tem a faca e o queijo na mão: é empresário, tem teatros, pode com certeza contar connosco e com todos os colegas que aqui não estão presentes — apesar de algumas desonestidades que nos têm tocado

José Viana

a todos — e que estão dispostos, na esmagadora maioria, a limparem-se, digamos. E, portanto, estamos todos dispostos a colaborar com o Vasco Morgado. Ele tem a faca e o queijo na mão.

«O ACTOR É UM ELEMENTO DE PRODUÇÃO»

COSTA FERREIRA — O José Viana disse parte daquilo que eu pensava dizer. Ao falar do artista, do sacrifício e da luta que moralmente têm aqueles que querem progredir, o Carlos Porto confunde, parece-me, o actor-elemento de uma indústria que trabalha em colectividade, com o artista criador que até pode morrer de fome e deixar uma obra. O actor, se recusar a representar o reportório que a empresa lhe dá, poderá morrer de fome, mas não deixará uma obra. O actor é, numa concepção capitalista e industrial do teatro, um elemento de produção, e deve ser nesse aspecto encarado sob coordenadas económicas e sociais. Será muito bonito dizer que se peçam sacrifícios — e eu abstenho-me de citar exemplos de sacrifícios de colegas, porque pare-

Costa Ferreira

cia que estava a fazer publicidade deles, mas posso-lhes dizer que muitos artistas portugueses se sacrificam. Muitas vezes até por engano.

Sem que isto queira representar um remoque ou uma resposta, contarei um episódio passado com um crítico, até muito inteligente e muito contente, já falecido. Era crítico, referindo-se a uma encenação minha, dizia que eu tinha ido copiar á encenação francesa um efeito de luzes, que afinal era rubrica da peça, uma peça de Pirandello que ele devia ter lido. Acusava-me também de ter copiado a encenação francesa quanto aos figurinos. Eu coloquei a acção da peça no fim da última guerra, e ela em França tinha sido colocada no fim da guerra de 14-18. Possivelmente pelas mesmas razões: é uma peça que só se justifica no fim da «belle époque» e eu suponho que a «belle époque» teria acabado no fim da última guerra, mas não tenho ainda a certeza. Eu poderia ter chamado desonesto a este crítico. Resolvi chamar-lhe brincalhão.

Há um outro aspecto que precisamos também frisar: um espectáculo amador (e eu fiz vários desses espectáculos), que merece de facto ser acarinhado pela crítica, é muitas vezes confundido em resultados espectaculares com espectáculos profissionais. Ora a comparação entre o actor-amador e o actor profissional é achincalhante para o teatro e prova que, pelo menos, toda a técnica da arte de representar é uma coisa que a crítica despreza.

Quanto ao caso concreto do espectáculo encenado pelo Gutkin, que eu também vi, e de que gostei realmente muito, empregava um elenco de estudantes universitários — o que permitia reunir um núcleo de pessoas com inteligência e cultura que não seria possível, provàvelmente, encontrar numa companhia de profissionais na sua totalidade tratava-se de pessoas a quem o encenador poderia exigir coisa que também se podiam exigir ao actor profissional se houvesse um Conservatório. Por exemplo: como é que se pode fazer uma deprsesão corporal na linha de um Grotowsky ou de um Artaud se há actores que chegam aos quarenta anos sem nunca fazerem ginástica, porque no Conservatório estiveram sempre os homens de gravata e as senhoras de meias de seda, porque é obrigatório estar nessa posição académica no nosso Conservatório? Quando no nosso Conservatório não se ensina a descontracção e começa-se logo por dar textos para ler e textos obsoletos. Por consequência, empregar palavras feias, como desonestidade, a pessoas que lutam nestas circunstâncias, parece uma posição idealista, ultrapassada e romântica, que eu, como materialista e homem do século XX, tenho obrigação de repudiar vivamente.

VARELA SILVA — De facto, o actor, como elemento de uma equipa pouco pode fazer. Ele obedece ás ordens do encenador. E aí, sim, o problema é trágico. Os encenadores em Portugal são feitos pelo seu gosto próprio, pelo seu autodidactismo. Eu, por exemplo, estou numa companhia (a única, parece-me, em Portugal) onde tenho tido a possibilidade de contactar e de aprender alguma coisa com encenadores estrangeiros: um Michael Benttal, um Tamayo, um Luca de Tena. Naturalmente que gostaríamos de ter outros e mais e melhores.

Todos nós temos as nossas encenações ideais, todos gostaríamos de encenar á sensação, que, aliás me parece a coisa mais fácil que há em teatro. Todos nós poderíamos fazer encenações de choque, explosivas, para as pessoas gostarem.

Mas os profissionais têm de submeter-se ás condições em que trabalham. Ainda recentemente, numa peça que dirigi, e que teve o agrado do público — refiro-me ao «Tango» — eu fiz uma encenação de compromisso. É evidente que eu gostaria de fazer outro tipo de encenação, mas seria um tipo de trabalho dirigido a elites, para as quais, na medida do possível, me recuso a trabalhar.

Quanto à crítica, posso citar um caso muito recente, um crítico de um jornal muito importante da nossa terra, referia-se a uma coisa que se considera um grande êxito em Portugal, como foi «Tango», como sendo encenação de um colega meu. Parece que o crítico não estava informado. Numa outra realização minha, o crítico dizia: «muito boa encenação de fulano e os autores vão muito bem graças à direcção de cena de beltrano». Chegamos a esta conclusão: Um crítico não está suficientemente informado de quais são as funções de um encenador e de um director de cena. Quer dizer: Nós também temos as nosas pedras no sapato.

COSTA FERREIRA — Só um esclarecimento a respeito dos encenadores estrangeiros, eu tenho ido lá fora, com as economias que consigo reunir, ver espectáculos, e tenho aprendido muito. Agora um encenador que não domine a nossa língua não pode realizar um dos trabalhos básicos da encenação: a direcção de actores. Nas linhas mais modernas de encenação que eu conheço (o teatro despojado de efeitos técnicos), em que tudo se deve, bàsicamente, à técnica de representação do autor, não sei como poderia ser de muito rendimento o trabalho de um mestre de teatro que não compreendesse os valores da nossa língua. Evidentemente que eu estou pronto a ser assistente — e convinha-me imenso — de qualquer grande encenador a que o Estado pagasse para vir cá encenar, e que falasse uma das línguas que eu entendo. Simplesmente: é preciso que venham esses encenadores, mas para trabalharem com outros portugueses e não directamente com os actores que não têm obrigação de falar inglês, alemão ou francês.

«ENCENAÇÕES ESTAPAFÚRDIAS»

JOSÉ VIANA — O Varela tocou um bocadinho num ponto que considero muito importante, quando diz que é fácil fazer encenações estapafúrdias. De facto, isto não tem nada que ver com o teatro que nós queremos fazer. Desde que nos sejam dadas condições, nós encontraremos os nossos caminhos de levar o teatro ao público português. Encontraremos a maneira de nos exprimirmos. Não precisamos de ninguém. Estamos aqui para fazer um teatro nacional.

COSTA FERREIRA — Um espectáculo de teatro é um acontecimento circunstancial, limitado pelo tempo e pelo espaço. O encenador estrangeiro que vem a Portugal tem de conhecer a situação social e cultural do povo português para poder dar um espectáculo válido a Portugal.

Além disso, fala-se com muita frequência cá em ir tirar cursos de encenação lá fora. Que eu saiba, não há em parte nenhuma do mundo cursos de encenação. Há cursos de director de cena, onde se aprendem coisas fundamentais da cena. Um curso de encenador seria de nível universitário, com cadeiras de todas as faculdades. Portanto: tem de haver autodidactismo no encenador, tem de haver muito estudo, e cada espectáculo é um problema novo.

Por outro lado, verifico que certos efeitos de cena gratuitos, em vez do servirem o público, servem para complicar e, por consequência para estragar o espectáculo.

MODERADOR — Perm tam-me que ordene um pouco a discussão Quanto ao que dizia o Varela Silva, sobre a crítica o Carlos Porto, a quem a seguir darei a palavra, se o desejar, responderá, concerte a esclarecedoramente.

No entanto, a intervenção do Costa Ferreira e do José Viana sugerem-me um pequeno esclarecimento. A mim não me parece que se para opôr a uma concepção académica da encenação, ao que se faz aqui no nosso País geralmente, ou que se tem feito até agora e se continua a fazer na maioria dos casos, as «encenações estapafúrdias» a que se referiram as pessoas que falaram sobre este assunto Para lá dessas «encenações estapafúrdias» e que não são também as encenações académicas. Eu receio muito que quando se fala de «encenações estapafúrdias» se tenta justificar, por esse processo que considero mistificatório, um tipo de encenações que também não servem a nossa realidade, o nosso País. Não devemos, portanto, confundir uma questão que é, de facto, um pouco controversa e que, posta assim pode induzir as pessoas em erro. E eu vou, com alguma objectividade, dar exemplos concretos. Que diga o facto de não estarmos de acordo com as encenações que se tornaram habituais no Teatro Nacional não significa que justifiquemos as encenações do Carlos Avilez Mas não significa que não prestamos a nossa homenagem a encenações como a do Adolfo Gutkim, de que falou há pouco o Carlos Porto, ou a outras encenações que tem havido em Portugal — e das quais me permito destacar, por exemplo. «O Render dos Heróis», de Fernando Gusmão — que não são encenações estapafundias ou académicas, mas trabalhos inteligentes com o objectivo de servir o teatro. E por isto me parece real-

Joaquim Benite

mente importante o que diz o Costa Ferreira: que o teatro habitualmente considerado da elite é representado no estrangeiro para públicos de operários, públicos populares. Portanto, uma encenação pode parecer estapafúrdia se considerarmos que só o não é o que for conservador. Estas encenações são, no fundo, verdadeiras tentativas de comunicação, servindo, claro os elementos simbólicos, emblemáticos até necessários a uma comunicação eficiente com grandes camadas de público.

SÓ TRANSFORMAREMOS O TEATRO A PARTIR DE UM GRANDE ESFORÇO

CARLOS PORTO — Refiro-me ainda ao problema do actor. O dr. Costa Ferreira disse muito bem que o encenador tem de praticar um constante autodidactismo. O problema que se me põe em relação ao actor é o mesmo: eu acho que o actor deve representar, mas deve fazê-lo o melhor possível. E o que eu acho é que em Portugal o actor sempre o faz. Porque vai para o teatro não com o pensamento de criador, mas como podia ir para outra qualquer coisa.

A meu ver o actor tem o dever de se cultivar. Para mim as coisas nascem aqui.

Continua na página seguinte

A situação do teatro profissional

Continuação na pág. anterior

Se o actor insiste em ser actor tem que o ser convenientemente. Quer dizer: tem que esforçar-se quotidianamente no sentido de estar á altura de uma missão que de certa maneira o ultrapassa. O actor tem de ser o seu próprio encenador. Para isso tem de esforçar-se. O que eu queria era que os actores portugueses fizessem um esforço para sairmos deste impasse: na medida em que pouca gente se interessa por teatro, nós temos que o transformar. E só o transformaremos a partir de um esforço grande de todos nós.

Evidentemente que eu não esqueço que a crítica é tão culpada como qualquer outra entidade do nosso teatro. Digo mais: a crítica que se faz em Portugal é bastante má. E essa a minha opinião.

JOSÉ VIANA — O Carlos Porto talvez esteja pouco em contacto connosco. Que julga o Carlos Porto que tem sido o nosso trabalho? Nós temos procurado, através de todos os processos, enriquecermo-nos. Se mais não fazemos é porque nos não dão meios para isso. É preciso ver o nosso caso: muitos de nós, como eu e o Varela, começámos nos grupos de amadores. Uns eram operários, outros empregados de escritório. Como é que conseguimos progredir? Através do estudo. É claro que não nos transformámos em génios. Os génios são alguns jovens que aparecem, que já sabem tudo.

COSTA FERREIRA — Já não se usa nada o génio .

VASCO MORGADO — Não estou de acordo com o dizerem que não há encenadores em Portugal. Tenho visto lá fora e cá, no S. Luís, companhias ás quais as nossas não ficam a dever nada.

Os nossos actores estudam. Há sempre os que deixam os papéis na porta da «caixa», claro. Mas esses não vencem. Nós temos agora uma elite de jovens actores que são rapazes que estudam, rapazes com uma certa preparação. Eu falo por mim. Andei no Conservatório três anos, dediquei

Vasco Morgado

toda a minha vida ao teatro. Dizem que tenho a mania dos monopólios. Não tenho a mania dos monopólios: gosto de teatro, simplesmente.

Peço apenas que a Imprensa, a Rádio, o Cinema, a Televisão ajudem o teatro. Dizem que o teatro está em crise. Em todos os países é assim...

MODERADOR — Apenas um esclarecimento que me parece interpretar a ideia de todos; o Vasco Morgado fala na sua qualidade de empresário. Os seus interesses não são, portanto, paralelos aos nossos. Nós lutamos por um teatro válido, independentemente da ideia dos lucros, do teatro como actividade industrial. Atendendo, porém, a que a situação é esta e não outra, é nela que temos de nos inserir. E então tenho de dizer que me não parece que o problema do teatro possa ser resolvido com o auxílio mais ou menos generoso de todas essas entidades.

Em relação à continuação da nossa conversa, gostava de pôr uma questão ao José Viana e ao Carlos Porto. O Costa Ferreira falou da impossibilidade de fazer entre nós um teatro que está a ser feito na Europa, e que intenta superar duas tendências, em princípio opostas que não chegaram a aparecer entre nós: uma tendência didáctica, creio que na linha de Brecht ou de Piscath, a uma tendência que classificou de explosiva, emocional, e que parte dos postulados de Artaud. Diz o Costa Ferreira, com razão, quanto a mim, que não é possível fazer encontrar estas duas tendências através de uma superação, porque de nenhuma delas temos experiência. Parece-me, entretanto, que podemos partir deste conceito para uma pergunta objectiva. O José Viana dedica a sua actividade de autor, de actor, de homem de teatro, neste momento, á revista, onde desenvolve uma intensa actividade; considera que a revista tem possibilidades de substituir este tipo de teatro de que falou o Costa Ferreira, que tem possibilidade de conciliar dentro da sua estrutura os factores espectaculares e didácticos que lhe permitam ser uma manifestação artística portuguesa, radicada na nossa realidade, interveniente e positiva?

JOSÉ VIANA — Eu considero que a revista é, presentemente, o processo teatral mais eficiente para uma comunicação com grandes massas. É uma coisa que todos nós sabemos.

A revista é um teatro que critica os costumes, que critica o meio social, o ambiente em que todos vivemos. E critica-o de uma forma fácilmente compreensível, que o público pode ler perfeitamente no palco. É um espectáculo que não tem uma quarta parede a fechá-lo: pode levar o público a participar, pode provocar reacções de sua parte.

MODERADOR — Que pensa disto o Carlos Porto?

CARLOS PORTO — Eu creio que o José Viana tem razão. Desde que a revista possa mergulhar nas raizes históricas do povo português poderá constituir um caminho para atingir aquilo que todos pretendemos. Creio, no entanto, que não será o único. Suponho que será possível fazer-se um teatro relativamente didáctico se se lutar por isso.

A SITUAÇÃO SOCIAL DO ACTOR

MODERADOR — Mário Jacques: falou-se um pouco da actuação do actor num plano um pouco moral, um pouco ético. Gostava que se referisse á situação do actor como trabalhador social, ás suas relações com a empresa, á maneira como cumpre a sua função deste esquema capitalista?

MÁRIO JACQUES — O actor funciona como qualquer empregado numa sociedade capitalista. As suas relações com a empresa são essas. É valorizado conforme o conceito que o empresário tem desse actor. Quanto à sua função reivindicativa, já aqui foi dito pelo Varela que não temos um Sindicato eficiente e vivemos, portanto, um pouco à mercê das circunstâncias.

Quanto ao que se disse aqui sobre a vinda de encenadores estrangeiros e encenações estapafúrdias, que eu aliás não sei bem o que sejam...

COSTA FERREIRA — Já foi esclarecido aqui pelo Joaquim Benite, até com o nome de uma das pessoas que as faz. É bem claro.

MÁRIO JACQUES — O Avilez... O que eu queria dizer é que a forma como se há-de fazer teatro só será compreendida a partir de uma prática de teatro, que é

Mário Jacques

aquilo que nós não temos. E a propósito lembro a importância dos sociólogos dentro do teatro.

VARELA SILVA — Acerca de actores e de empregos: estamos aqui quatro actores e quatro desempregados.

COSTA FERREIRA — O actor é um elemento de uma estrutura, empregado de um patrão capitalista, sem nenhuma garantia do seu futuro. E, portanto, é levado também a capitalizar, para garantir a velhice. Por consequência tem de negociar com habilidade e procurar os conratos mais rendosos. Enquanto a profissão do actor não for socialmente garantida, o actor não é livre para fazer o teatro que deseja.

JOSÉ VIANA — Somos uma espécie de Eusébios...

MODERADOR — Vasco Morgado: quer dar o seu ponto de vista de empresário?

VASCO MORGADO — Felizmente que estou na presença de quatro actores que não têm dificuldade de encontrar trabalho. Nesta época, como no estrangeiro, os teatros estão fechados. A época é de 15 de Setembro a 31 de Maio. Um ou outro teatro funciona, mas não o podem fazer todos.

O teatro não pode suportar que os actores tenham as suas férias pagas. Agora que há jovens que estão a lutar para acabar com o descanso semanal, nós começámos com o descanso semanal...

JOSÉ VIANA — Se eu quiser ser honesto para comigo mesmo, devo dizer que na época passada ganhei o suficiente para estar agora de férias. Mas o meu caso não invalida o esmagador caso dos outros. Eu tive sorte. Mas isso nada significa em relação ao panorama português. O panorama dos actores portugueses é que estão todos muito aflitos da vida deles — e todos mais aflitos do que estará o Varela

VARELA SILVA — Ah, sim! Simplesmente estas férias seriam muito agradáveis se eu, em vez de estar a três quilómetros de Lisboa, pudesse estar no estrangeiro a assistir aos festivais de teatro que estão a realizar-se e que eu precisava absolutamente de ver...

PROPOSTAS DE SOLUÇÕES IMEDIATAS

MODERADOR — Pergunto-me se tudo isto não tem de ser revisto pela base e se todos estes lugares não deverão ser preenchidos de outra forma...

Para terminar esta mesa-redonda proponho-vos a seguinte questão: Como efectivar um esforço no sentido de levar o teatro ao público? Julgo dever começar por uma pessoa que hoje é dos maiores responsáveis pelos destinos do teatro em Portugal: Vasco Morgado.

VASCO MORGADO — Penso que deviam organizar-se festivais de Verão em várias cidades da província, com subsídios do Fundo de Teatro. Isto teria ainda a vantagem de empregar os actores durante o Verão, embora com ordenados mais baixos. No Inverno: fazer um estudo com o apoio da Secretaria de Estado e apresentarmos um plano, de forma a evitar a desorganização que tem havido — e na qual eu tenho também colaborado...

JOSÉ VIANA — Tenho-me esforçado por conseguir levar o teatro ao público. Luto contra moinhos de vento, mas alguma coisa tenho conseguido. Como? Discutindo com os empresários. Apesar de tudo, alguma coisa tenho conseguido.

VARELA SILVA — Penso como o Vasco Santana: «Janelas abertas é um belo auxílio para tudo isto».

CARLOS PORTO — Acho que devemos partir de uma consciencialização da problemática teatral. Têm de criar-se condições de trabalho colectivo, de forma a chamar colectivamente a atenção de todos, entidades oficiais e público, para a crise de teatro, para a necessidade de um autêntico teatro em Portugal. Em resumo: devemos ajudar a abrir as janelas.

MÁRIO JACQUES—Estou de acordo com o Carlos Porto. Se penso que dentro desta estrutura é difícil fazer mais alguma coisa de positivo, o que penso como mínimo necessário e urgente é: diminuirem os impostos dos espectáculos e facilitar-se a abertura de teatros.

COSTA FERREIRA — Dentro desta estrutura, parece-me que seria indispensável separar os teatros comerciais de outros. Para isso devia criar-se um Serviço Nacional de Teatro, dirigido por actores responsáveis, sendo o Estado o administrador. Para isso devia o Estado consultar certos sectores do público mais responsável, como os estudantes universitários. Além disto: estudo de teatro desde o liceu, de modo a esclarecer a função do teatro na sociedade. Para que o teatro melhore é preciso que o utilizem para diminuir o espírito de competição e aumentar o espírito de solidariedade humana. Resumindo: é preciso ensinar o povo português a gostar de viver e a amar a vida que ele amará, logo, o teatro.

CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS

ASSOCIAÇÃO DE NADADORES-SALVADORES VOLUNTÁRIOS

— **Se é maior de 16 anos (homem ou mulher);**
— **Se sabe nadar bem;**
— **Se vive próximo do mar ou passa as férias grandes em alguma praia...**

... **Concorra à Associação de NADADORES-SALVADORES enviando um postal com o seu nome, idade, morada e profissão para a**

CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS
MINISTÉRIO DA MARINHA
Praça do Comércio ● LISBOA

Bertrand Russell — 97 anos

Continuação da página 1

Marx, Comte, Weber ou Durkheim. A explicação, para mim, é outra: o que impediu Russell de elaborar a sua própria teoria das relações humanas foi o seu passado científico. Há um parágrafo revelador na autobiografia em que diz que, junto das abstrações matemáticas, mesmo as mais perfeitas teorias sociológicas parecem frívolas e efémeras. Esta atitude é compreensível. Uma mentalidade lógica treinada não encontra, no fluxo das relações humanas e naquilo que empiricamente é hoje possível nelas delimitar como evidência, o terreno suficientemente firme para estabelecer uma construção teórica que tenha validade científica.

Através da sua longa vida, Russell foi muitas vezes mal interpretado e serviu, a despropósito, de estandarte ou de bête-noire a grupos e movimentos diversos. Procurou sempre coerência lógica e coerência moral nas suas acções — e, sustentando-se a sociedade humana de incoerências lógicas e morais, não é de espantar que muitas vezes se tenha achado só ou em má companhia.

Tal como eu o vejo, Russell é uma variedade superiormente inteligente de um tipo de inglês: o liberal de esquerda a quem o nascimento e a fortuna pouparam ressentimentos e ambições sociais e que se bate generosamente pelo que acha certo e justo, sem comprometer princípios para salvaguardar comodidade. É um tipo em vias de extinção. O mundo moderno tem-os sacrificado em nome da conservação de tradições ou da implementação de utopias. A sua integridade tornou-os muitas vezes inúteis na vida política. E talvez muitas vezes se tenham equivocado. Mas entre eles estavam certamente alguns dos melhores seres humanos que nos foi dado conhecer. A autobiografia do mais notável deles todos fica como recordação e exemplo dos valores por que viveram e que são hoje, mais que há 97 anos, preciosamente raros.

Ir ou telefonar

SÉRGIO RIBEIRO

Já andamos há tempos com o serviço de telefones «atravessado». Também já nos perguntámos por que razão, sendo assim, ainda não escreveramos nada sobre esse «serviço público». Na verdade, o caso do aumento do aluguer dos contadores levou-nos a umas observações, e o aumento das tarifas dos transportes deram-nos oportunidade para (e provocaram-nos a) trazer ao jornal uns comentários. Observações e comentários que não mais pretendiam traduzir que a reacção ao que nos toca no quotidiano, e claro que muito pouco foi. Nem perto do mínimo que, a nós, nos suscita qualquer dos «temas», sobretudo nos «transportes» que estão a exigir que se olhe para eles numa perspectiva larga.

Sendo assim, dado o facto de os «telefones» andarem a incomodar o quotidiano do cidadão, porque não nos puxara para observações ou comentários? Julgamos bem que por não ter surgido a oportunidade para, ou a provocação a. Faltava a espoleta ou o detonador. Parece que as férias vieram ajudar. E nem vale a pena insistir no muito que este Agosto trouxe a pedir consideração, definição de intenções, debate de ideias.

Mas voltemos aos telefones. Durante as férias, sentimos um estranho isolamento. Na praia onde passámos uns dias, cada um dos veraneantes nos pareciam ilhas de um arquipélago, ou uma grande e só península com os seus Pirenéus que, neste caso, era o «serviço público» dos telefones. Tentar comunicar com alguém não ao alcance do berro, era uma odisseia. Implicava a predisposição para perder umas horas, e ganhar um enorme treino de paciência. O que nem sempre bastava. As vezes nem com as horas perdidas, nem com a paciência toda se conseguia...

Poder-se-á minimizar os inconvenientes, argumentando que férias são férias e para elas é que se fizeram os postais coloridos. Permitimo-nos responder que «serviços públicos» são «serviços públicos» e que, mesmo em férias, há quem tenha razões válidas e urgentes para comunicar longe e logo. Nem sempre é só o dispensável saber «como vão as coisas», ás vezes «há coisas». E, sem querer dramatizar, até há incêndios como um em que a chamada para os bombeiros demorou mais a chegar que ciclistas em greve. Aliás, isto viveu-se perto das terras deles (ciclistas).

Como assim foi, como o detonador funcionou e nos obrigou a pegar nos telefones, não passamos sem nos referirmos a como nos obrigam a pagar os telefones. O assinante assina um contrato, e lá devem estar as cláusulas todas que legitimam as actuações. O contrato que se assina é daqueles em que uma das partes tem um impresso a que se adere sem ler. Por ser assim, talvez ainda mais custe a impotência que por vezes se sente quando chega a conta ao assinante Que há-de ele fazer? Mesmo que esteja inteiramente seguro que aquela conta é exagerada — segurança que pode acontecer que se tenha! — hesita entre o pagar sem protesto, ou pagar acompanhado de uma platónica reclamação.

Há modalidades de assegurar uma verificação? Parece que sim, mas o seu efeito — se tiver efeito — é sempre para futuro e nunca contempla as situações passadas que levaram á reclamação.

Estas são o que podemos chamar observações do comum e do quotidiano. Como muita coisa neste país, os «telefones» parece que não ajudam ao ritmo de progresso; são arrastados por esse ritmo. E como essa é característica de «muita coisa», o ritmo da vida portuguesa é marcado (porque arrasta) pelos «empatas».

O. C. D. E. — resumo das perspectivas económicas

A expansão da actividade e do comércio acusaram, no último semestre, uma diminuição menos pronunciada do que o que fora previsto.

As trocas internacionais continuaram a progredir. Corrigidas dos efeitos das greves e de outros factores excepcionais, as exportações e as importações da zona da O. C. D. E. aumentaram com uma cadência anual da ordem dos 13 a 14%, durante o primeiro semestre de 1969.

A persistência de desequilibrios em vários paises levaram as autoridades a intervir vigorosamente. As medidas já tomadas ou previstas levam a pensar que a procura total e a produção mostrarão um afrouxamento no decorrer do período de doze meses que termina em meados de 1970. O crescimento do PNB, para o conjunto da zona da O. C. D. E., baixará para cerca de 3,5% 'entre o primeiro semestre de 1969 e o primeiro semestre de 1970, o mesmo acontecendo com a expansão das trocas. O aumento em valor das importações da zona da O. C. D. E. poderá prever-se que seja da ordem dos 9% entre o primeiro semestre de 1969 e o primeiro semestre de 1970.

A alta do nivel geral dos preços no conjunto da zona da O. C. D. E. foi excepcionalmente marcada, no ano passado.

As políticas actualmente aplicadas poderiam todavia, nos próximos meses, atenuar consideràvelmente as tensões, pelo menos em alguns países. Nos Estados Unidos, a diminuição da pressão de procura poderia reduzir sensivelmente o ritmo de aumento dos preços, de agora até final do primeiro semestre de 1970. Na Europa, as perspectivas são menos nítidas. Em alguns países, poderá assistir-se a um aceleramento da alta dos preços. Nesse capítulo, a evolução recente, e as perspectivas a curto prazo aproximam-se das tendências dos custos e dos preços, em período longo.

Apesar das esperanças formuladas anteriormente o desequilibrio dos pagamentos internacionais mantém-se importante, e não obstante a melhoria que parece dever produzir-se nos próximos doze meses, a sua amplitude continuará a levantar graves problemas.

Qualquer apreciação da situação actual e futura das balanças correntes exige que não se perca de vista a interconexão que existe entre excedentes e «deficits», e que não se esqueça, em consequência, que qualquer medida tomada por um país para modificar a sua posição exterior provoca repercussões de sinal contrário nas posições de outros países.

A crise monetária favorece a expansão dos capitais alemães

Segundo informa o jornal francês «Le Monde», a República Federal Alemã está à cabeça dos países exportadores de capitais. A crise monetária mais reforça actualmente esta posição de Bonn no mercado dos capitais.

No ano passado, a Alemanha exportou 11,5 biliões de marcos a mais que os importados. O numero é notável, quando comparado com 1967 (só 3,2 biliões a mais) e com 1966 (ano em que o equilibrio exportação-importação foi dificilimo de conseguir).

Deve-se este acréscimo, sobretudo, ás transacções do sector privado (o séxtuplo das de 1967) A Alemanha investiu 11,8 biliões de marcos no estrangeiro e recebeu investimentos estrangeiros no montante de apenas 1,7 biliões.

Os países não-industrializados da Europa recebem 35% do total desses investimentos. O restante vai para os E. U. A. (que é um grande importador de capitais alemães), para os Estados membros da Associação Europeia de Livre Câmbio, para os países membros do Mercado comum e para os países subdesenvolvidos (aqueles onde a Alemanha menos investe).

O quadro abaixo prova como a crise monetária de Novembro determinou os movimentos de capitais.

BALANÇA DE PAGAMENTOS

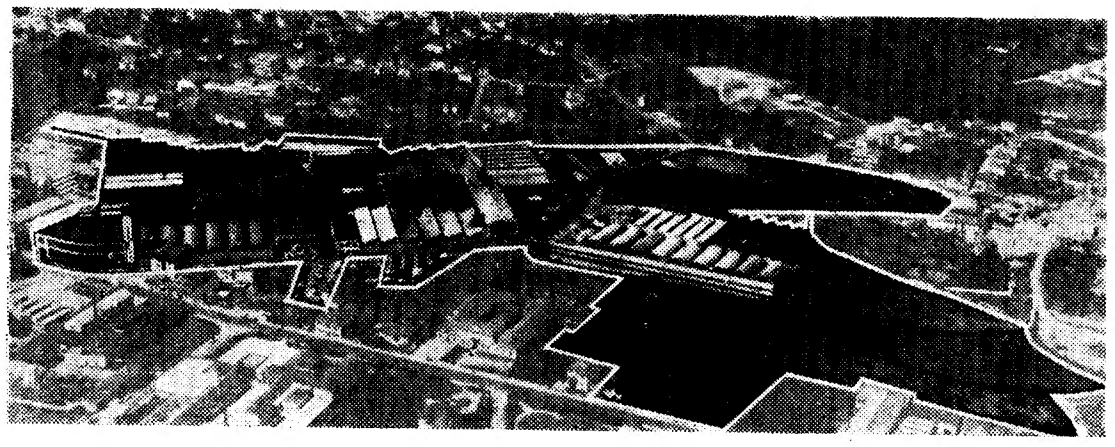
Rubricas	1968	1-4 69 a 31-3-69
Contas correntes	+ 11,4	+ 9.4
Operações de capitais a longo prazo	—11,5	— 15.5
Operações de capitais a curto prazo	+ 4,3	+ 1,4
Saldo da conta corrente e das operações de capitais	+ 4,2	— 4,7
Rubricas restantes da Balança de Pagamentos	+ 2,9	+ 3,9
Reservas monetárias centrais	+ 7,1	— 1,5

Vemos, portanto, que se deram as seguintes alterações, em relação ao ano de 1968, no período de 1-4-69 a 31-3-69:

— O montante das operações de capitais a longo prazo apresenta um saldo negativo superior em 4 biliões, o que significa que no primeiro trimestre de 1969 os capitais alemães a longo prazo não deixaram de se expandir para o estrangeiro.

Mas os capitais a curto prazo que, nos fins de 1968, se refugiaram nos bancos alemães, na Primavera de 1969 já estavam novamente nos seus países de origem.

Para a Alemanha, isto significa que o saldo da conta corrente e das operações em capital é deficitário e que as reservas monetárias passem de um saldo superavitério (7,1 biliões de marcos) para um saldo deficitário de 1,5 biliões de marcos.



APESAR DE AS SUAS INSTALAÇÕES FABRIS TEREM ESTADO, DESDE SEMPRE, ABERTAS A TODOS QUANTOS DESEJAVAM PERCORRÊ-LAS, AS

FÁBRICAS **OLIVA**,

DEPOIS DAS AMPLIAÇÕES E RENOVAÇÕES POR QUE NOS ÚLTIMOS ANOS PASSARAM MUITOS DOS SEUS SECTORES, MANIFESTAM DESDE JÁ APRAZIMENTO POR RECEBER A VISITA DE TODAS AS PESSOAS INTERESSADAS EM CONHECER UM EXEMPLO VIVO DO TRABALHO NACIONAL.

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & CA., LDA.
S. JOÃO DA MADEIRA

DOIS 1.os ANDARES
restam vender lindo, bom prédio a estrear, centro Queluz, p.a total 5 propr.os — TEL. 950098

DESCAPOTÁVEIS
VENDEM-SE
CITROEN DS 19
óptimo estado
CADILAC — C/ NOVO
FAC. PAG E TROCA
R. de Campolide, 27-B

Escala de valores

BANDEIRA DE LIMA

A preocupação dominante de quem se decidiu a comprar um carro usado é o estado do motor. É um facto conhecido e tão comum como o outro, da parte do vendedor cuja preocupação se concentra na apresentação de um carro rebrilhante, e aparentemente impecável de pintura estofos e pneus.

No fim de contas, cada um dos dois pretende fazer o seu negócio: um quer comprar o melhor possível e o outro quer vender também.. o melhor possível.

Mas o comprador cuja preocupação maior incide sobre o motor do «futuro» automóvel está a cair num erro: um motor, se nada tiver partido e apenas apresentar desgaste, ainda que apreciável, é a parte do automóvel comum que mais fàcilmente e a mais baixo preço se repara em boas condições.

Já o mesmo se não pode dizer de quaisquer outras artes da mecânica: Um aparelho de direcção em mau estado acarreta normalmente atrás de si uma reparação da suspensão que nunca é barata, e uma transmissão deficiente é sempre cara de pôr em ordem e uma pintura que foi «arranjada» cedo ensinará ao proprietário do carro alguns dos pormenores que tornam a operação de pintar um carro provàvelmente a mais delicada de todas as fases da sua construção. Isto se uma coque cujas cotas foram alteradas por uma pancada qualquer aparentemente sem importância não obrigar a um penoso trabalho de bate-chapa e a «endireitar» à força de calor e de macaco-hidráulico um sistema pouco deformável que em grande parte dos casos continuará a ficar torto, embora de maneira diferente...

Na realidade um motor gasto é ainda o menor dos males de um carro usado. Na maior parte dos casos, judiciosamente utilizado fará ainda uns bons milhares de quilómetros e, quando a reparação for inadiável, as necessidades de substituição de peças são completamente conhecidas, os vários elementos mais sujeitos a desgaste são substituí-

Contin. na pág. seguinte

tem a palavra o leitor

Consequências do casamento canónico

Tendo acompanhado o debate que esse jornal organizou sobre a Concordata, ou melhor, sobre as consequências que o casamento canónico, celebrado posteriormente à entrada em vigor da Concordata, acarreta aos nubentes, gostaria de fazer algumas perguntas sobre esse momentoso assunto. Assim:

1 — Pela Constituição Política de 1933, e que se encontra ainda em vigor, o cidadão português goza de plena liberdade religiosa.

Ora, por «liberdade religiosa» tem de entender-se forçosamente a liberdade de um cidadão abraçar qualquer religião, ou ainda de não ter nenhuma, colocando-se na posição de agnóstico ou mesmo de ateu.

Além disso, a «liberdade religiosa» implica ainda a liberdade de um cidadão alterar, no decurso da sua vida a sua opinião sobre esse assunto, e em consequência poder passar da situação de crente para a de agnóstico ou ateu e vice-versa.

Se efectivamente o cidadão é religioso, ou melhor, se é católico romano, pois só neste caso é que aparece a dificuldade e se, coerente com os seus princípios, resolveu casar-se canònicamente, ele perderá a liberdade que a Constituição Política lhe confere sobre o seu pensamento religioso, porquanto, mesmo que passe a ser agnóstico, ou até ateu, ficará sempre vinculado à sua maneira de pensar na altura do casamento.

Não haverá portanto, uma colisão entre estas duas leis, permitindo uma aquilo que a outra nega?

2 — Através do debate realizado, e mesmo fora dele rondando as diferentes correntes de opinião sobre este assunto, conclui-se que há unanimidade, ou quase unanimidade acerca do facto de o casamento ser realizado com a finalidade de os noivos se manterem unidos por toda a vida. Só assim se obtém a estabilidade da família que, como célula da sociedade, nos garantirá uma continuidade para os princípios morais e sociais que nos regem e que devemos procurar manter.

Mas, e á parte estas considerações, quando a deterioração do casamento é um facto, como por exemplo no caso de adultério, não é possível manter os laços de ligação entre marido e mulher, e então a separação é inevitável, quer se trate de pessoas crentes ou não crentes.

Daqui resulta, numa grande maioria dos casos, que outras ligações, mas agora completamente ilegais, se vão realizar, trazendo a seguir a existência de filhos ilegítimos — pior ainda, filhos adúlteros — que afinal são as grandes vítimas, as vítimas inocentes de uma lei iníqua.

Não estará a sociedade tão cega, que para evitar um escândalo não hesite em aceitar outro maior?

3 — Ainda no caso anterior, isto é, na hipótese de um adultério e consequente separação de facto, o cônjuge adúltero fica livre, conseguindo a situação que pretendia.

Não estará a sociedade a proteger o cônjuge adúltero, e a castigar ainda mais o cônjuge inocente?

4 — No caso de um cidadão declarar, pùblicamente, que era católico na altura do casamento mas que posteriormente deixou de o ser, esse facto não invalida, como sabemos, a atitude tomada anteriormente.

Estará a Igreja interessada em chamar **fiéis a** indivíduos que se encontram nestas condições?

*

Poderia fazer muitas mais perguntas sobre este assunto, mas não quero alongar-me.

Luís Amilcar de Almeida
(Porto)

A unificação das pescas: o obstáculo intransponível

Continuação da pág. 3

te ciosos de escapar ao imposto contribuiram, sobretudo para a desordem da construção naval.

Na Alemanha, a situação é inversa: o equipamento é dominado por um grupo, *Nordsee-Fischerei*, que, por sua vez, está nas mãos do *Trust* Unilever.

É a Itália que tem maior número de pescadores: em números baixos, 70 000, para uma produção, mais ou menos, declarada de 350 000 toneladas. Há alguns anos, a Itália era o reino da pesca artesanal, mas a Unilever também aqui se encarregou de estabelecer um apetrechamento industrial. Na Bélgica, com 1400 marítimos e uma produção de 60 000 toneladas, a pesca seria pouca coisa, se não fosse flamenga, e não merecesse, a esse título, a solicitude dos poderes públicos. Quanto aos Países-Baixos, é o único membro da Comunidade que exporta mais peixe (162 000 toneladas para uma produção de 267 000) do que o que consome.

Cada um dos Seis, em função dos seus interesses, concebe, de maneira diferente, a organização da Europa do peixe. A Alemanha deseja-a o mais liberal possível: supressão dos últimos direitos alfandegários sem instituição paralela de uma organização rígida dos mercados através de um mecanismo de garantia dos preços. Persuadidos da sua superioridade, os profissionais alemães querem dominar o mercado da conserva e dos «congelados». Contam que se lhes facilitará a tarefa, estabelecendo uma concorrência sem resguardo.

A PESCA, COMO A AGRICULTURA...

A Bélgica, os Países-Baixos e a Itália têm os três a mesma atitude. Nenhum destes países é produtor suficientemente grande para que a unificação dos mercados da pesca seja miraculosa. Receiam, sobretudo, o custo desta operação. Por isso, reclamam compensações para irem para a frente. A Itália, por sua vez, subordina o seu acordo à instituição do Mercado Comum do vinho e do tabaco, a Bélgica e os Países-Baixos, ao reexame da candidatura inglesa. Bruxelas e Haia raciocinam, nestes termos, aliás, fundados: o bloco Inglaterra-Países Escandinavos produz três vezes mais peixe que a Comunidade. Se fosse entrar dentro em breve na Europa, então mais valeria esperar essa adesão antes de organizar o mercado dos produtos marítimos.

Afinal de contas, só a França se mostra apressada. Para quê essa pressa, quando o Mercado Comum comporta tantos (se não mais) riscos como possibilidades de acerto para os pescadores? A situação actual, explicam os meios profissionais, apresenta os inconvenientes mas não as vantagens do mercado único. Os direitos de alfândega intracomunitários já baixaram de 80%. Não constituem já uma barreira suficientemente alta contra os excedentes holandeses e alemães. O mercado francês vê-se assim periòdicamente invadido sem que os outros países da comunidade suportem essas consequências. A França insurge-se Quer mesmo abrir as fronteiras, mas sob condição de uma parte das despesas de apoio dos mercados e de modernização da sua frota ser suportada pelas finanças comunitárias, como acontece nos mercados agrícolas. Também aqui seria o FEOGA (Fundo Europeu de Orientação e de Garantia Agrícola) que interviria.

Em Bruxelas, na verdade, as pescas estão ligadas à direcção da agricultura, como na maioria dos países europeus. Estas duas actividades ancestrais oferecem, é certo, muitas similitudes na sua evolução. Por exemplo, o debate entre pescadores alemães e franceses — liberalismo? intervencionalismo? — estará muito longe do debate que opunha os criadores de porcos e galináceos franceses aos holandeses?

Não serão as mesmas concepções que se defrontam: uma, moderna, segundo a qual a agricultura (aqui a pesca) é um simples elo da cadeia da alimentação; outra, tradicional e social, que confere ao produtor um papel determinante? Os pescadores bretões e bolonheses não reclamam, como antes reclamaram os agricultores, um mecanismo de apoio dos mercados? Curiosa situação esta a dos produtores franceses, sempre prontos a votarem pelo Mercado Comum, mas logo dispostos a pedir uma protecção contra os rigores da livre concorrência!

Junho de 1968, Agosto de 1969: há 14 meses que a comissão elaborou as suas propostas. O Conselho de Ministros, no dizer mesmo do sr. Mansholt, vice-presidente da Comissão, apreciá-la-á, quando muito, na próxima Primavera. Será um debate a seguir: para lá das modalidades técnicas, os Seis terão que precisar o lugar que a pesca deve ocupar numa economia industrial. Será de organizar o 'declínio das pescas europeias? A questão põe-se, pois o futuro deste sector residual (a agricultura, que também está em causa, produz cinquenta vezes mais de bens) parece limitado, a não ser que se lance uma hipotética «cultura de peixe». O afastamento dos centros de produção, o esgotamento dos fundos tradicionais, a quebra do recrutamento dos marinheiros, a concorrência dos países com salários baixos parecem hoje *handicaps* invenciveis. Além disso, a Comunidade, sendo o quarto produtor mundial de peixe, constitui o primeiro mercado de consumo. Parece, pois, impossível que vá meter as suas pescas a pique. E assim, a questão posta aos Seis, para a pesca, como para a agricultura, seria antes esta: como transformar numa fonte de riquezas aquilo que para as finanças europeias, pode vir a ser um novo tonel das Danaides?

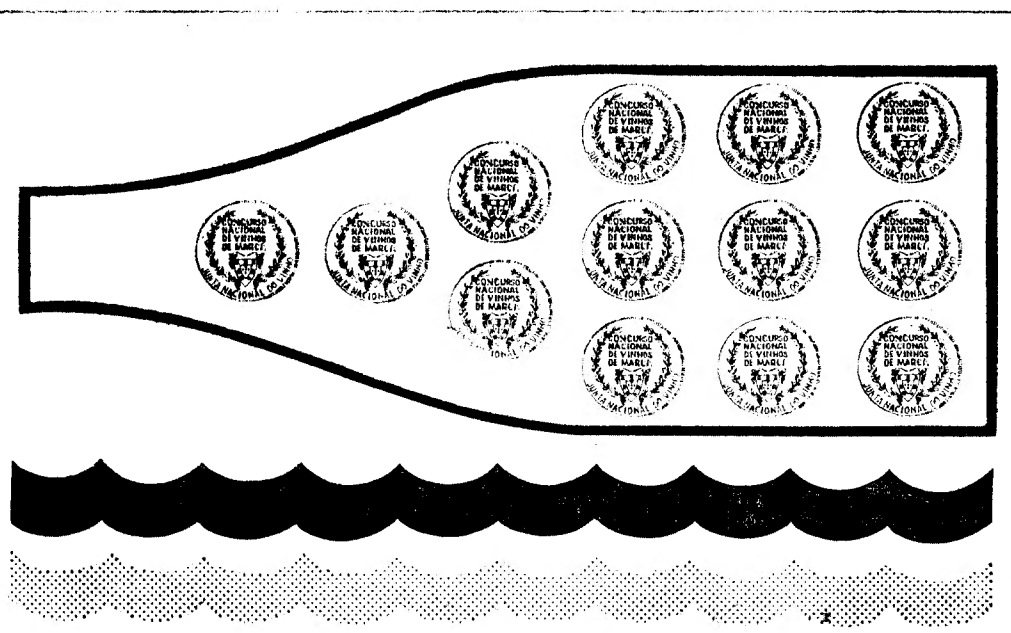
(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Escala de valores

Contin. da pág. anterior

veis a baixo preço, as mais caras admitem uma recuperação fácil e pouco custosa e mesmo o custo de mão-de-obra, ainda que variável de oficina para oficina, não tem as flutuações de custo de qualquer outra reparação.

Claro que não queremos dizer com isto que o motor não é importante na compra de um carro usado. Apenas queremos deixar claro que os outros factores, bem mais custosos, deverão merecer uma maior atenção do que a aparentemente complicada máquina.



AS CAVES DOM TEODÓSIO ORGULHAM-SE DE COMUNICAR QUE AO APRESENTAREM 13 DOS SEUS VINHOS DE MARCA NO IV CONCURSO NACIONAL DE VINHOS ENGARRAFADOS PROMOVIDO PELA JUNTA NACIONAL DO VINHO OBTIVERAM 8 MEDALHAS DE OURO E 5 MEDALHAS DE PRATA.

são estes, pois, alguns dos melhores vinhos de PORTUGAL

MEDALHA DE OURO	MEDALHA DE PRATA
CASALEIRO ..... Rosé Seco	CASALEIRO ..... Vinho Branco Seco
CASALEIRO ..... Rosé Adamado	CASALEIRO Aguardente Reserva Velha
CASALEIRO ..... Vinho Tinto Velho	Casaleiro ..... Brandy
CASALEIRO .. Vinho Tinto Garrafeira 57	Rimor ..... Aguardente Moscatel
Dão ..... Vinho Tinto Reserva	Rimor ..... Vinho de Mesa Clarete
DÃO ..... Vinho Branco	
DÃO ..... Vinho Tinto	
Rimor Aguardente Bagaceira do Minho	

PRODUTO EMINENTEMENTE PORTUGUÊS NÃO FICA MAL DIZER-SE PARAFRASEANDO O ÉPICO: ***e, "se com mais vinhos concorrera mais prémios ganhara ..."***

CAVES DOM TEODÓSIO
RIO MAIOR — LISBOA

BELARTE

Cortina Escort
J. Mendes Coelho, Lda.
Concessionários Ford
Rua Alexandre Herculano, 6-A

O INCÊNDIO DA MESQUITA AL AQSA E A OCUPAÇÃO DE JERUSALÉM

Reforçada a queixa dos países árabes

Para compreendermos mais que superficialmente a reacção árabe ao incêndio da Mesquita Al Aqsa de Jerusalém (um dos santuários mais sagrados para os muçulmanos) é necessário conhecer o impacto do Islão sobre o Médio Oriente árabe.

Compreender o Islão é também uma chave para a compreensão do nacionalismo árabe, da oposição árabe contra Israel e do ressentimento árabe para com o Ocidente.

Para os árabes, o Islão é muito mais que uma religião — é um sistema de crenças e práticas de que estão imbuídos todos os aspectos da vida árabe.

O Islão é profundamente visível por todo o mundo árabe. Os minaretes das mesquitas sobressaem por entre a quase totalidade dos edifícios árabes e dominam o seu horizonte.

Do cimo desses minaretes, cinco vezes ao dia, os fiéis são chamados á oração, quer por um canto, quer por uma emissão radiofónica. Os muçulmanos respondem ao apelo, parando onde quer que estejam, nas ruas e nos campos.

É muito frequente vermos polícias, motoristas de táxi e lojistas recitando o Corão, em voz alta, nos momentos de ócio.

Na maioria dos países árabes, os Governos incluem um ministro de assuntos islâmicos.

E a esmagadora maioria dos homens árabes têm ou o nome de Maomé ou um nome relacionado com Deus. Por exemplo, o nome de Gamal Abdul Nasser, presidente do Egipto, raramente se pronuncia em árabe como simplesmente Nasser. O que dizem é Abdul Nasser, que significa «escravo do vitorioso». A palavra Nasser (vitorioso) é um dos 99 sinónimos qualitativos de Deus.

QUANDO AS CISÕES SE APAGAM

Um ocidental, estudioso do mundo árabe, já uma vez definiu os árabes como «todos aqueles... para quem o facto central da História seja a memória da missão de Maomé e a memória do império árabe, e que, além disso, têm a herança cultural árabe como posse comum».

Para os árabes, história árabe e islâmica são uma e a mesma coisa. E o actual nacionalismo árabe radica-se em ambas.

Embora, por motivos históricos, haja subdivisões religiosas no mundo árabe, a verdade é que todas essas cisões se apagam quando a «pátria árabe» é objecto de agressão.

É esta ideia da pátria árabe que tem dirigido os passos dos muçulmanos na História: ela os levou a expulsar a Inglaterra, do Egipto e do Iraque, e a França, da Síria e do Líbano.

É esta comunidade histórico-religiosa que dá aos potentes emissores radiofónicos do Egipto, Síria e Iraque a possibilidade de manter viva a luta dos refugiados palestinianos; que habilita os jornais do mundo árabe a acusarem, seguros de que serão acreditados, o imperialismo americano e a invectivarem o colonialismo britânico. É ela, finalmente, a causa real e verdadeira por que se desferem ataques e se excitam as paixões quando chega a notícia de um incêndio na mesquita Al Agsa.

DENUNCIAR OCUPAÇÕES DE JERUSALÉM

O incêndio da mesquita Al Agsa veio, com efeito, renovar as queixas dos árabes contra a custódia israelita dos seus lugares sagrados. Essas queixas já não se ouviam há quase um ano.

Segundo fontes israelitas, a agitação árabe que se seguiu imediatamente á Guerra dos Seis Dias contra a guarda dos lugares sagrados muçulmanos filiou-se em motivos políticos. As queixas continuaram enquanto os árabes estiveram convictos de que, com elas, chamariam a atenção da opinião pública contra a ocupação de Jerusalém.

No Verão e Outono de 1967, os israelitas queixaram-se do tom dos sermões muçulmanos contra Israel. Até que se chegou a um acordo: os muçulmanos deixaram de se servir das mesquitas para fins de propaganda e os israelitas puseram de parte a censura.

Também logo a seguir á guerra, houve queixas muçulmanas contra a «imoralidade dos visitantes israelitas.

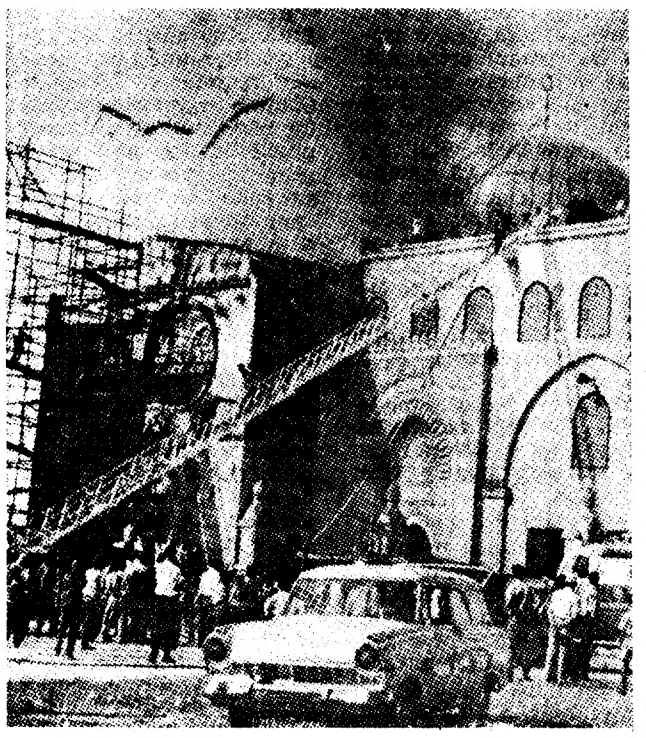
Os árabes sentiam-se horrorizados com os braços nus e as mini-saias das raparigas judias.

Entretanto, os funcionários israelitas fizeram uma lista dos prostíbulos que havia em Jerusalém antes da Guerra e lembraram que tinha um rol dos clientes. Depois encerraram essas casas e assim se parou com as queixas de «imoralidade».

Com as seitas cristãs, os israelitas mantêm-se nas melhores relações e conseguiram mesmo, segundo eles, evitar os graves conflitos que muitas vezes se suscitavam entre os diversos sectores cristãos: católicos, ortodoxos, arménios e gregos.

J. L. e A. F.

(Exclusivo «THE WASHINGTON POST» -«DIÁRIO DE LISBOA»)



Aspecto do combate ao incêndio

Vietnam — a retirada continuará

A. VILLAVERDE CABRAL

A retirada das tropas americanas que defendem a junta militar de Saigão foi suspensa. Depois do primeiro contingente de 25 000 homens que deveriam ser substituídos até ao fim deste mês por soldados do Governo de Thieu, estava planeado que um novo grupo de 50 000 começasse a abandonar o Vietnam. Nixon cancelou a segunda retirada.

A respeito desta decisão tomada pelo presidente Nixon na sua residência de férias na costa da Califórnia, o mais respeitado jornal dos Estados Unidos, o New York Times, afirma que se trata de um «mau augúrio». Nota o periódico da grande metrópole que «é de mau augúrio para a paz no Vietnam que o presidente Nixon tenha alterado a decisão acerca de uma nova retirada de tropas americanas e que o presidente Thieu tenha acabado de escolher um general para substituir um civil no cargo de primeiro-ministro».

E o jornal continuava o seu editorial pedindo ao presidente dos E. U. A. que reforçasse a política da retirada, «confiando aos vietnamianos a responsabilidade da defesa do seu próprio território».

É aqui que reside o maior erro do New York Times. Na verdade, antes de tudo seria necessário estabelecer com precisão o que é a «defesa do território» no caso vietnamiano. Será o Governo dos generais saigonitas quem pretende e pode fazê-lo? E contra quem? Ou mais precisamente estará o Pentágono a defender alguma coisa no Vietnam que não sejam os seus próprios interesses?

A esta ultima pergunta, o procurador Jim Garrison responde com uma clareza que não pode deixar dúvidas: «Não é verdade que nos encontremos no Vietnam em grande força por estarmos a combater pela Democracia. Estamos no Vietnam, e já lá perdemos mais de 35 000 homens, porque a guerra é uma fonte de lucros económicos e de poder para o complexo de guerra que domina o Governo».

Melvin Laird — um plano novo?

Outra questão importante é a de saber se os vietnamianos estarão interessados em participar na defesa de que fala o jornal americano? No final de contas, ninguém o nega, essa defesa seria feita contra vietnamianos. Não terá já o povo daquele país dado, ao longo de 25 anos de lutas contra japoneses, franceses, governos impostos e americanos, sobejas provas do que realmente considera a sua defesa?

Por outro lado, a política anunciada pelo Governo de Washington de substituir os seus efectivos por tropas locais não passa de uma forma não muito velada de dizer que se perdeu a guerra ou, pelo menos, de que, uma vez que a vitória é impossível, não se pode continuar a fazê-la. Isto porque, já desde o tempo dos franceses, se sabe que não se pode combater os vietnamianos com vietnamianos. O exército do Governo de Saigão consegue manter-se com um numero importante de efectivos e uma mediocre eficiência em combate porque está enquadrado pelas enormes forças dos E. U. A. Sem esse apoio, as deserções, sempre muito numerosas, multiplicar-se-iam extraordinàriamente e a eficiência em combate seria pràticamente reduzida a zero. Aliás, a intervenção directa dos Estados Unidos nos combates só se fez quando se compreendeu que a vitória da Frente Nacional de Libertação estava iminente. E nessa altura o apoio dos vietnamianos radicados a norte do paralelo 17 ainda quase não se fazia sentir. Nessa altura, como se pode verificar por estatísticas fornecidas pelas forças armadas americanas, os rebeldes combatiam com armas francesas (conquistadas durante a primeira resistência), de fabrico caseiro e algumas, poucas, americanas (apanhadas ao exército de Diem).

Entretanto, o secretário de Estado da Defesa, Melvin Laird, veio com um novo plano americano para a condução da guerra. Como o povo dos E. U. A. não está muito contente com a forma como marcham as coisas, Laird afirmou que os G. I. retirariam todos, ficando «apenas» no Vietnam 250 000 «voluntários». Claro está que o secretário de Estado não mencionou quanto é que os contribuintes teriam de pagar a essa tropa que, por amor mais ao dinheiro que a outra coisa, se disporia a continuar uma guerra condenada há muito tempo pela opinião mundial e até por grande parte da americana. Nixon iniciou a retirada e, com maior ou menor velocidade, ela continuará até ao fim. Isto é, até que o último americano abandone o Sueste asiático. Esta travagem é apenas uma tentativa mais para salvar a face. O inimigo desencadeou mais uma ofensiva e Nixon achou por bem responder desta forma. Mas a Frente sabe que foi lutando que convenceu os americanos a retirar. Não é, por certo, por continuar a lutar que a parte da opinião americana que forçou os dirigentes a modificar a política suicida de Johnson vai passar a defender outro ponto de vista.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 29 DE AGOSTO DE 1969 — N.º 11